

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CCNE – CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**A “FESTA DA DIVERSIDADE” EM CRUZ ALTA-RS
COMO TERRITÓRIO DE EXERCÍCIO DA
SEXUALIDADE LGBT E DE SEU RECONHECIMENTO
SOCIAL**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Leandro Rosa Dal Forno

**Santa Maria-RS, Brasil
2013**

**A “FESTA DA DIVERSIDADE” EM CRUZ ALTA-RS COMO
TERRITÓRIO DE EXERCÍCIO DA SEXUALIDADE LGBT E
DE SEU RECONHECIMENTO SOCIAL**

Leandro Rosa Dal Forno

Dissertação apresentada ao **Curso de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Geografia e Geociências, Área de Concentração em Produção do Espaço e Dinâmica Regional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS)**, como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Geografia**.

Orientador: Prof. Dr. Benhur Pinos da Costa

Santa Maria, RS, Brasil

2013

DAL FORNO, Leandro Rosa

**A “FESTA DA DIVERSIDADE” EM CRUZ ALTA-RS COMO
TERRITÓRIO DE EXERCÍCIO DA SEXUALIDADE LGBT E DE SEU
RECONHECIMENTO SOCIAL / Leandro Rosa DAL FORNO – 2013.**

146 p.; 30cm

Orientador: Benhur Pinos da Costa

**Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria,
Centro de Ciências Naturais e Exatas, Programa de Pós-graduação em
Geografia e Geociências, RS, 2013**

**1. sexualidade 2. reconhecimento 3. território 4. redes sociais.
Costa, Benhur Pinos. Título.**

Ficha catalográfica elaborada por
Biblioteca Central da UFSM

© 2013

Todos os direitos autorais reservados a Leandro Rosa Dal Forno. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte. Endereço: Rua Gal. Antonio Netto, n. 690, Bairro São João, Cruz Alta, RS. CEP: 98020-080 - Fone (0xx)55 3322-8148; E-mail: le.forno@gmail.com

**Universidade Federal de Santa Maria
CCNE – Centro de Ciências Naturais e Exatas
Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**A “FESTA DA DIVERSIDADE” EM CRUZ ALTA-RS COMO
TERRITÓRIO DE EXERCÍCIO DA SEXUALIDADE LGBT E DE SEU
RECONHECIMENTO SOCIAL**

elaborada por
Leandro Rosa Dal Forno

Como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Geografia

Comissão Examinadora

**Prof. Dr. Benhur Pinos da Costa - UFSM
(Presidente/Orientador)**

**Prof^a. Dr^a. Martha Souza - UNIFRA
(Comissão Examinadora)**

**Prof. Dr. Márcio José Ornat - UEPG
(Comissão Examinadora)**

Santa Maria-RS, 23 de setembro de 2013.

A quem dedicar este trabalho? Muitas são as pessoas que de alguma forma sempre contribuíram para minha construção enquanto sujeito. Muitas foram às experiências que me colocaram no caminho o qual estou trilhando. Mas a principal força que me move e mantêm nesta luta de superação e de melhoramento enquanto pessoa está na minha família. Ética, honestidade, compromisso e responsabilidade são alguns dos valores que carrego e que aprendi no seio desta família. Meu pai e minha mãe, com seu trabalho diário, deram as condições para que eu e minhas irmãs pudéssemos correr atrás de nossos desejos e realizações. E hoje, estou realizando mais um desejo, o de me tornar Mestre. Por isso, dedico este meu trabalho a minha família, meu norte para todas as horas.

Leandro Dal Forno

Agradecimentos

Neste momento tão importante da minha trajetória pessoal e intelectual, muitos seriam os agradecimentos. Mas quero agradecer aquelas pessoas que de fato contribuíram para que esse momento fosse possível. Em primeiro lugar, agradeço mais uma vez a minha família por ter me incentivado a cumprir com mais essa etapa. Aos meus pais Geraldo e Jussara, as minhas irmãs Franciele e Fabiana, ao meu cunhado Julio Cesar e a minha amada sobrinha Julia por terem compreendido os momentos em que fiquei ausente por estar me dedicando a este trabalho. Também agradeço aos meus demais familiares que sempre me incentivaram a seguir em frente, aos tios, tias, primos e primas, e em especial a minha avó, minha “nona” (*inmemoriam*), que me acompanhou em muitos momentos importantes, mas que hoje não se encontra mais junto de nós.

Agradeço ainda aos meus companheiros e amigos de todas as horas. Pessoas que foram fundamentais para minha trajetória e para minha construção enquanto sujeito. Meus amigos são uma segunda família da qual sempre tive muito orgulho. Foi através deles que conheci todo um universo que antes não me era revelado, foi através deles que pude experimentar todas as sensações, emoções, prazeres e sentimentos da vida. Sem eles seria impossível chegar até aqui. Agradeço em especial ao Thiago Amorim e ao Everlei Martins que dedicaram um tempo de suas vidas para participar, enquanto pesquisados, do meu trabalho, e por sempre estarem comigo me incentivando a conquistar os espaços que conquistei. Também não posso deixar de agradecer a uma família muito querida de amigos que foram o meu abrigo durante os meses em que fiquei na cidade de Santa Maria para as aulas e atividades do mestrado. Muito obrigado ao Márcio Frick, ao Diego Batista, a Ana Luiza Frick e a Tia Carmem Batista.

Agradeço a Universidade Federal de Santa Maria, em especial ao curso de Pós-graduação em Geografia por ter me recebido, ciência está que passou a ser o início de uma nova trajetória na construção de significados, oportunizando minha formação intelectual e acadêmica. Agradeço aos meus colegas e professores de mestrado que também foram importantes para que eu me sentisse seguro neste

novo desafio, os quais também contribuíram para meu aprendizado e qualificação. Agradeço em especial ao meu professor, mestre e orientador Benhur Pinos da Costa, o qual tem contribuído para a produção de novos saberes e práticas na ciência geográfica e por ter acreditado no meu potencial e trabalho.

E por fim, agradeço a “Diversidade” e ao movimento LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros, pois através destes aprendi a compreender melhor a importância da luta em prol dos direitos e de uma cidadania plena, e pelo suporte e embasamento para desenvolver a minha investigação científica sob um olhar geográfico.

“A diversidade é o que me motiva”.

Muito obrigado.

*Disparo contra o sol
Sou forte, sou por acaso
Minha metralhadora cheia de mágoas
Eu sou o cara
Cansado de correr
Na direção contrária
Sem pódio de chegada ou beijo de namorada
Eu sou mais um cara*

*Mas se você achar
Que eu tô derrotado
Saiba que ainda estão rolando os dados
Porque o tempo, o tempo não pára*

*Dias sim, dias não
Eu vou sobrevivendo sem um arranhão
Da caridade de quem me detesta*

*A tua piscina tá cheia de ratos
Tuas idéias não correspondem aos fatos
O tempo não pára*

*Eu vejo o futuro repetir o passado
Eu vejo um museu de grandes novidades
O tempo não pára
Não pára, não, não pára*

*Eu não tenho data pra comemorar
Às vezes os meus dias são de par em par
Procurando agulha no palheiro*

*Nas noites de frio é melhor nem nascer
Nas de calor, se escolhe: é matar ou morrer
E assim nos tornamos brasileiros
Te chamam de ladrão, de bicha, maconheiro
Transformam o país inteiro num puteiro
Pois assim se ganha mais dinheiro*

*A tua piscina tá cheia de ratos
Tuas idéias não correspondem aos fatos
O tempo não pára*

*Eu vejo o futuro repetir o passado
Eu vejo um museu de grandes novidades
O tempo não pára
Não pára, não, não pára*

O Tempo Não Pára
Compositor: Cazuzza/Arnaldo Brandão

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-graduação em Geografia e Geociências
Universidade Federal de Santa Maria

A “FESTA DA DIVERSIDADE” EM CRUZ ALTA-RS COMO TERRITÓRIO DE EXERCÍCIO DA SEXUALIDADE LGBT E DE SEU RECONHECIMENTO SOCIAL

AUTOR: LEANDRO ROSA DAL FORNO

ORIENTADOR: BENHUR PINOS DA COSTA

Data e local de defesa: Santa Maria, 23 de setembro de 2013

O presente trabalho é o resultado de uma intensa pesquisa no campo da Geografia que apresenta importantes reflexões acerca de conceitos teórico-metodológicos desta ciência e para outras ciências. E entendermos a materialização de atividades de reconhecimento social dos grupos LGBT's – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros – principalmente pela emergência de eventos políticos e culturais, torna-se foco principal desta pesquisa. Inicialmente, o trabalho apresenta narrativas das histórias de vida de sujeitos que compõem o movimento social LGBT na cidade de Cruz Alta-RS, os quais são indispensáveis para compreendermos a construção de uma rede de amizade que resultou na produção de táticas e estratégias de reconhecimento e exercício da sexualidade. O trabalho se propõe a apresentar uma metodologia baseada na posicionalidade do pesquisador, pois este se coloca como pesquisado. Entra aqui, um novo modelo teórico já apresentado pelas Geografias Feministas e *Queers* que observam um momento de ruptura com as metodologias tradicionais. Num segundo momento, o trabalho apresenta a cidade de Cruz Alta-RS e sua formação histórica e identitária, a qual influenciou diretamente na formação de territorialidades específicas de reconhecimento de grupos LGBT's. Além disso, o trabalho se propõe a apresentar e resgatar o surgimento dos movimentos LGBT no Brasil, e sua importância para a desconstrução de uma sociedade unicamente heteronormativa. Neste momento, também apresentamos o movimento LGBT local, o qual é resultado de uma série de fatores que promoveram a criação da Festa da Diversidade, objeto principal desta pesquisa. E por fim, o trabalho busca entender a importância das redes sociais e virtuais na efetivação material do evento, e o processo de territorialização das tramas relacionais e locais produzidas a partir da Festa da Diversidade, que colocam a cidade de Cruz Alta-RS como território de exercício e reconhecimento social das sexualidades LGBT's.

Palavras chave: sexualidade, reconhecimento, território e redes sociais.

ABSTRACT

Dissertation
Graduate Program in Geography and Geosciences
Federal University of Santa Maria

THE "PARTY OF DIVERSITY" IN CRUZ ALTA-RS AS TERRITORY EXERCISE OF SEXUALITY LGBT AND SOCIAL RECOGNITION

AUTHOR: LEANDRO ROSA DAL FORNO

ADVISOR: BENHUR PINOS DA COSTA

Date and place of defense: Santa Maria, September 23, 2013

This work is the result of intensive research in the field of geography that presents important reflections on theoretical / methodological concepts this science and other sciences. And understand the materialization of activities of social recognition of groups LGBT's - Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender - especially the emergence of political and cultural events, it becomes the main focus of this research. Initially, the work presents narratives of life stories of individuals who make up the LGBT social movement in the city of Cruz Alta-RS, which are indispensable for understanding the construction of a network of friendship that resulted in the production of tactics and strategies to recognition and exercise of sexuality. The paper aims to present a methodology based on the positionality of the researcher, as it stands as researched. Come here a new theoretical model already presented by Geographies Feminists and Queers who observe a moment of rupture with traditional methodologies. Secondly, the paper presents the city of Cruz Alta-RS and its historical formation and identity, which directly influenced the formation of territoriality specific recognition groups LGBT's. Moreover, the work aims to present and redeem the emergence of LGBT movements in Brazil, and its importance to the deconstruction of a heteronormative society only. At this time, we also feature local movement LGBT, which is a result of a number of factors that promoted the creation of the Party of Diversity, the main object of this research. And finally, the work seeks to understand the importance of social networks and virtual materials in the execution of the event, and the process of territorial relational and locational plots produced from the Party Diversity, which put the city of Cruz Alta - RS as a territory of exercise and social recognition of sexualities LGBT's.

Keywords: sexuality, recognition, territory and social networks.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 – Mapa, do século XVIII, mostra claramente, em meio às reduções dos Sete Povos, uma grande Cruz plantada nos divisores de água do território rio-grandense e que mais adiante seria fundamental para o desenvolvimento de outro ciclo econômico importante: o tropeirismo.....61
- Figura 2 – Este mapa do Rio Grande do Sul, dos séculos XVIII e XIX, apresenta o caminho demarcado pelos tropeiros oriundos das fronteiras com Argentina e Uruguai, que se dirigiam até a Feira de Sorocaba no estado de São Paulo para comercialização dos animais, bem como o pouso da Cruz Alta que se tornaria num ponto estratégico e rota primordial para o tropeirismo.....62
- Figura 3 – Mapa do Rio Grande do Sul com a localização da cidade de Cruz Alta...69
- Figura 4 – Esta é a logomarca de identificação do Grupo. Tal marca representa um digital, com o objetivo de demonstrar que temos uma identidade coletiva, em meio à diversidade.....81
- Figura 5 – Este foi o primeiro material impresso produzido pelo evento, e que simboliza a primeira experiência de “Parada”, e que mais tarde tornou-se Caminhada contra a Homofobia.....93
- Figura 6 – A comunidade e simpatizantes ao movimento LGBT participando da caminhada.....96
- Figura 7 – Momento da saída da Caminhada contra a Homofobia com o tema “Cidade sem Homofobia. Na foto, os vencedores da 6ª edição, realizada no ano de 2011.....97
- Figura 8 – Os candidatos e candidatas do concurso, também participam da Caminhada.....97
- Figura 9 – Caminhada em meio ao calçadão, localizado na Rua Pinheiro Machado, principal via onde se localiza o centro comercial da cidade.....98
- Figura 10 – Momento da caminhada em que os participantes gritam palavras de ordem em prol da diversidade sexual.....98
- Figura 11 – Faixas dos vencedores e vencedoras dos concursos.....99
- Figura 12 – Momento do ensaio dos candidatos e candidatas. Aqui, ocorre a integração de todos os participantes que trocam informações e contatos, no sentido de compor outras redes de sociabilidade do movimento LGBT.....100
- Figura 13 – Momento de ensaio dos candidatos e candidatas do concurso.....101

- Figura 14 – Momento máximo da noite, quando os candidatos e candidatas colocam em prática o que ensaiaram. Está é a abertura do evento.....101
- Figura 15 – Candidatos ao título de Mister Diversidade na abertura do evento.....102
- Figura 16 – Momento do desfile das candidatas para avaliação dos jurados. As torcidas também são importantes para o incentivo das candidatas.....102
- Figura 17 – Momento em que as candidatas respondem a pergunta final, sorteadas por elas, na presença de todos os participantes da Festa.....103
- Figura 18 – Momento do anuncio dos resultados dos vencedores, quando ocorre a passagem de faixa entre as Misses.....104
- Figura 19 – Candidatas vencedoras do Miss Diversidade RS.....104
- Figura 20 – Candidata vencedora do concurso Miss Transex Diversidade RS.....105
- Figura 21 – Candidatos vencedores do concurso Mister Diversidade RS.....105
- Figura 22 – Estas são as quatro últimas vencedoras do maior concurso de beleza, cultural, social e político do Rio Grande do Sul.....106
- Figura 23 – Após o concurso, os participantes da Festa também se divertem e podem exercer suas sexualidades, desejos e emoções.....106
- Figura 24 – Quadro ilustrativo das formas de Laços Sociais e Interações sociais..125
- Figura 25 – Diagrama das Redes de Paul Baran (1964), a qual podemos visualizar tais topologias.....127
- Figura 26 – Página do perfil no Orkut.....129
- Figura 27 – Local de depoimentos no Orkut de candidatos e candidatas sobre o evento.....130
- Figura 28 – Fotos da 4ª edição da Festa publicadas na página do Orkut.....131
- Figura 29 – Página do perfil no site Facebook.....132
- Figura 30 – Diagrama da topologia da rede formadas pelas cidades que compõem a Festa da Diversidade.....136

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| 1 HISTÓRIAS DE VIDA | 33 |
| 1.1 Narrativa: Thiago Amorim..... | 35 |
| 1.2 Narrativa: Everlei Martins..... | 44 |
| 1.3 Análises das narrativas..... | 48 |
| 2 A FESTA DA DIVERSIDADE EM CRUZ ALTA-RS | 57 |
| 2.1 Cruz Alta no contexto do Rio Grande do Sul..... | 60 |
| 2.1.1 A cidade e as pessoas..... | 64 |
| 2.2 A emergência do movimento LGBT local e suas relações com os movimentos regionais e nacionais..... | 70 |
| 2.2.1 O movimento social LGBT no Brasil..... | 74 |
| 2.2.2 O movimento LGBT local..... | 79 |
| 2.3 O nascimento do evento como marca urbana: a Festa da Diversidade..... | 87 |
| 2.3.1 As edições da Festa da Diversidade..... | 88 |
| 2.3.2 A organização e funcionamento da Festa..... | 95 |
| 2.4 A territorialização da Festa da Diversidade..... | 107 |
| 3 A FESTA DA DIVERSIDADE COMO TERRITORIALIZAÇÃO DE TRAMAS RELACIONAIS/LOCACIONAIS DE SUJEITOS ORIENTADOS PARA O MESMO SEXO | 115 |
| 3.1 A apropriação do ciberespaço..... | 115 |
| 3.2 Sujeitos, poder e redes sociais..... | 119 |
| 3.2.1 As redes sociais e a conexão de sujeitos e agentes LGBT's..... | 123 |
| 3.3 A configuração de redes locais e sua convergência para Cruz Alta- RS..... | 134 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 137 |
| REFERÊNCIAS | 140 |

INTRODUÇÃO

A trajetória de construção do objeto de estudo

A formação das dinâmicas espaciais que se revelam nas narrativas a seguir vão desencadear na posicionalidade do autor enquanto sujeito e agente pesquisado, assim como pesquisador e construtor da práxis investigativa da pesquisa.

Para entendermos essa posicionalidade, é necessário nos aproximar das contribuições da Geografia como resultados de intensos enfrentamentos teórico/metodológicos que culminaram em revisões sobre paradigmas e conceitos. A ciência geográfica, assim, vem passando por diversas críticas e transformações provocadas pelas mudanças culturais advindas de abordagens científicas desafiadoras, como as de gênero e sexualidade.

Como nos coloca Silva (2010, p. 40) as ausências e silêncios de vários grupos sociais passaram a ser concebidas como resultado de uma determinada forma de se fazer a Geografia, e essa perspectiva de crítica da construção histórica do saber provocaram grandes debates epistemológicos e metodológicos.

A Geografia hegemônica passou a ser interpretada quase que pelo avesso, numa perspectiva de compreender a produção de invisibilidades do discurso geográfico, procurando desvendar a perspectiva de quem formulou os conceitos-chave deste campo científico, assim como sua visão de mundo e sua posição de poder. (SILVA, 2010, p. 40)

E nessa revisão, que as Geografias Feministas, passam para o centro das discussões, fazendo a ponte inicial para a renovação do pensamento geográfico na produção de análises sociais e culturais.

Além disso, as transformações internas do movimento aproximam dois campos de pesquisadores, as (os) feministas identificadas (os) com esta última vertente compreendida pela abordagem desconstrucionista do gênero performativo e as (os) geógrafas(os) que produziam estudos sobre a sexualidade e espaço. A reunião de esforços da Nova Geografia Cultural, da

Geografia Feminista Pós-Estruturalista e da Geografia da Sexualidade se constitui em forte crítica teórico-metodológica da ciência geográfica, e a noção desconstrucionista sobre a sexualidade permite a emergência da chamada Geografia *queer*. (SILVA, 2010, p. 43)

A geografia passa então a incorporar a noção de construção social do sexo, dos gêneros e dos desejos e as inerentes relações de poder num processo de permanente tensão e movimento. Ao incorporar a performatividade do gênero, entendido como representação social, a Geografia evidencia a importância da incorporação do espaço e do tempo nas análises das experiências da vivência cotidiana, e concreta as possibilidades de subversão da própria ordem compulsória de gênero da sociedade heteronormativa.

Para Silva (2010, p. 06) as escolhas teóricas implicam simultaneamente em operações metodológicas que lançam mão de instrumentos específicos. É importante dizer, portanto, que o estudo de grupos sociais invisibilizados é bastante árduo. As investigações voltadas às políticas identitárias dos últimos anos reivindicam uma postura reflexiva do pesquisador sobre os atos investigativos e sua posicionalidade em relação ao fenômeno que se estuda.

As tentativas de escapar às práticas geográficas criticadas por esta corrente, como a autoridade do pesquisador, seu comportamento no trabalho de campo e os modos de interpretação das realidades socioespaciais, produziram a concepção de que a investigação não é um produto, mas um processo. E enquanto processo as experiências e as interações pessoais, entre pesquisados e pesquisadores, passam a compor os dados da própria investigação. Isto apresenta-se como principal pressuposto como perspectiva teórico-metodológica deste trabalho, capaz de indicar os caminhos para se obter respostas à problemática em questão: como que a “Festa da Diversidade” constitui territórios de exercício e reconhecimento da sexualidade LGBT em Cruz Alta-RS?

Como diz Maturana (1998, p. 25) tudo que é dito é dito por um observador. O observador interage com o universo de pesquisa e pensa sobre as relações contidas neste universo. O pensamento é uma ação sobre o universo de pesquisa que produz uma interpretação na medida em que existem possibilidades e limites para a interpenetração neste universo. Além da ação de pensar e interpretar tal universo o trabalho de sistematização destes pensamentos e interpretações realizam outra

ação complementar a primeira. O universo, assim, é outro, ou seja, é produto da relação de limite de interação entre observador e observado, no conjunto de relações limitantes que se estabeleceram entre agente pesquisador e universo estudado. Todo processo de pesquisa então é um “quadro” que contem fenômenos estudados, posicionalidade do pesquisador e um conjunto de possibilidades e limites de interações estabelecidas, pensadas, interpretadas e sistematizadas.

O observador contempla simultaneamente a entidade que ele considera e o universo no qual ela vive. Ele é capaz de operar ou de interagir com a entidade observada e com as suas relações. Uma entidade é o que pode ser descrito pelo observador, descrever é enumerar as interações e relações atuais ou potenciais da entidade descrita.

A ideia de que todo processo de pesquisa apresenta-se como uma relação/interpretação entre pesquisador e universo pesquisado e não como uma efetiva exposição da realidade desconstrói a relação de neutralidade científica do pesquisador. O pesquisador interage e sistematiza o universo estudado com seu olhar, sua subjetividade e suas considerações. Assim a pesquisa se revela como sistematização do olhar e do pensar do pesquisador que apresenta uma posicionalidade. Devido este fato o pesquisador deve ser considerado como próprio elemento de pesquisa, ou seja, sua posicionalidade interpretativa. Neste sentido, como tudo que é dito é dito por um observador, nenhuma pesquisa é neutra. Dessa forma é perfeitamente possível tornar desenvolvida uma pesquisa que se engaje propositalmente na esfera da vida do pesquisador e seu envolvimento com o universo pesquisado. A própria vida do pesquisador e suas relações com alguns elementos de desenvolvimento de si como ser humano e atuante em sociedade podem ser reveladoras de processos de pesquisa muito interessantes na Geografia e nas ciências sociais como um todo. É neste sentido que o autor deste trabalho se revela como centro de todas as análises estabelecidas, assim como outros sujeitos que participaram, conjuntamente com ele, na trajetória da construção do movimento LGBT da cidade de Cruz Alta-RS.

Portanto, a ciência enquanto produtora de conhecimento, abre a possibilidade do sujeito fazer parte da realidade pela qual ele pesquisa, e ao mesmo tempo ser o pesquisador e o pesquisado.

Isso implica não somente considerar que o *lugar* é um tema para a compreensão do nosso mundo, mas também que “aquilo” *que nós estudamos* e “como” interpretamos o mundo são moldados por *onde* nós mesmos nos situamos enquanto pesquisadores, não apenas geograficamente, mas também pessoalmente, em termos de nossas identidades, prioridades e modos de saber. (MONK, 2011, p. 87).

Por mais que nos interessemos sobre os diferentes universos culturais, sempre estaremos interpretando relações vinculando-nos ao conjunto de sistemas simbólicos que construímos em nossas trajetórias de vida e de construção de conhecimentos, porque "somente um 'nativo' faz a interpretação de primeira mão, pois é a sua cultura", como afirma Geertz (1978, p. 25). Neste sentido, nesta pesquisa me coloco como pesquisador e pesquisado, pois sou sujeito/agente, ao mesmo tempo nativo, ao mesmo tempo sujeito que se posiciona como observador das representações sociais construídas por um grupo de militantes LGBT's na cidade de Cruz Alta-RS. A personalidade na pesquisa implica num processo metodológico ainda pouco explorado, mas que tem contribuído para o desenvolvimento da pesquisa e na práxis investigativa das ciências, em especial, da Geografia.

Minha trajetória de vida - O “eu” pesquisado

O objeto de estudo desta pesquisa tem como principal motivação, a minha trajetória, em particular, na militância LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros, junto ao Grupo Diversidade, na cidade de Cruz Alta – RS. Neste momento, partindo do princípio da posicionalidade como referência metodológica, me coloco em primeira pessoa nesta parte da pesquisa, pois minha trajetória está imbricada numa construção de relações afetivas e de amizades que consolidaram um movimento importante que direcionasse a uma transformação da forma de ver e pensar as causas LGBT's locais.

Por isso, é necessário compreender essa construção, de acordo com minha descoberta enquanto sujeito homoafetivo, as quais provêm de uma gama de interpelações político/socioculturais/espaciais que permitiram encontrar os caminhos

a serem tomados, e que surgiram na infância, momento este difícil, estranho e desafiador.

Nascido em 1984, na cidade de Cruz Alta-RS, onde ainda resido, tive minha infância num bairro chamado São João ou grande Vila Nova, localizado na zona norte da cidade. Desde criança, já sentia que havia algo de diferente no meu comportamento, um tanto quanto mais feminino que dos outros meninos da minha idade, mas isso não me incomodava, aliás, eu não tinha a percepção e o entendimento das definições de identidade de gênero e identidade sexual. Com o passar do tempo, a necessidade de afirmação de gênero (macho ou fêmea) foi ficando mais forte, pois os espaços de sociabilidade, como por exemplo, a escola, foi demarcando essas posições, promovendo o que chamo de “posicionalidade de gênero”, ou seja, você é homem ou mulher. Por força do componente biológico, todo o ser humano tem essa compreensão, mas o que desconstrói toda essa certeza é a condição psíquica de cada um. A formação psicológica de cada indivíduo está voltada para a construção de relações as quais vão influenciar seu comportamento, pois quando tomei consciência dessa posicionalidade, ao mesmo tempo, entrei em conflito com minha realidade psíquica, com o meu pensamento, pois meu corpo masculino não correspondia com minha condição mais inclinada para o feminino. Por outro lado, os espaços de sociabilidade, os quais deveriam me orientar ou ao menos, me compreender, contribuindo para o desenvolvimento dessas diferenças, acabaram atrapalhando e criando frustrações que refletiram em uma outra etapa da minha vida, a adolescência. Claro, que devemos entender que a maioria dos sujeitos, nas décadas de 1980 e 1990, ainda não tinham uma aproximação com as questões voltadas para a sexualidade e replicavam um pensamento cartesiano, retilíneo e polarizado, proposto pela sociedade do capital e pelas condições heteronormativas compostas nos modelos de gênero reforçados pela instituição familiar patriarcal. De certa forma estes elementos ainda estão muito arraigados na construção das subjetividades ainda hoje, principalmente em cidades do interior como Cruz Alta-RS, mas muitas outras ações de reconhecimento dos direitos das diversidades sexuais e de gêneros estão se construindo para tornar possível outras expressões.

Na minha adolescência, todas as influências vividas nestes espaços contribuíram para uma descoberta conturbada e desafiadora. Além disso, a família, outra instituição de grande poder simbólico sobre nossos comportamentos, acaba

descobrirando junto, e (re)produzindo na maioria das vezes, um mal estar que prejudica ainda mais a aceitação das identidades sexuais dos indivíduos.

Mas apesar dessas dificuldades, as relações de amizade que se tecem no caminho, acabam sendo de suma importância para dar suporte para que os sujeitos homoafetivos consigam desenvolver sua sexualidade de maneira que isso não atrapalhe ou prejudique suas vidas. Na minha adolescência e juventude, as relações de amizade foram importantes para que eu pudesse compreender minha orientação sexual, pois no mesmo bairro onde nasci e cresci, também havia outros meninos com a mesma disposição para uma orientação sexual diferente da apresentada como “normal”. A partir disso, mesmo não compreendendo de forma mais clara nossas identidades, sabíamos que tínhamos algo em comum, e reconhecíamos uns nos outros. A partir de então, além dos momentos de brincadeira e diversão, também fomos amadurecendo e firmando nossas identidades.

Nesta época, além das amizades tidas como “normais” com colegas da escola e vizinhos, eu convivia com o Thiago, um vizinho mais próximo e que eu conhecia desde criança, bem como o meu primo Mario Henrique, ambos também gays. Os dois eram as pessoas mais próximas, as quais também tinham os mesmos anseios e frustrações, seja nos atritos familiares ou até mesmo com as descobertas sexuais. O Thiago sempre foi muito dedicado aos estudos e ligado as artes. Através dele pude experimentar o teatro e a dança, bem como conhecer pessoas novas, que ao longo do caminho também contribuíram para a construção da minha identidade. Ele sempre foi um grande incentivador para que eu buscasse qualificar-me através dos estudos. Quando terminei o Ensino Médio, no ano de 2001, ele foi um dos responsáveis pela minha decisão de cursar Comunicação Social – Jornalismo, na Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ, momento este em que ele já cursava a graduação em Dança, também nesta Universidade. Atualmente, Thiago de Amorim Jesus, 32 anos, residi na cidade de Pelotas-RS onde é professor assistente do curso de Dança do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. Desta forma, a educação sempre foi um ponto importante que nos uniu e nos colocou como protagonistas do processo de transformação dos espaços e da aceitação de um movimento LGBT na cidade de Cruz Alta.

E neste mesmo período, outros sujeitos também foram se agregando e somando para a construção deste movimento, entre eles, o Everlei, morador no mesmo bairro. Nossa aproximação se deu a partir de um convite feito por ele para

que eu entrasse na direção da Escola de Samba do bairro, a qual Thiago também fazia parte. Aliás, a questão da escola de samba e do carnaval é fundamental para afirmação das diversidades sexuais em cidades pequenas do interior. A partir dali, nossas amizades ficaram mais fortes, e essa aproximação nos mostrou que tínhamos muitas afinidades. Everlei, nesta mesma época ingressou no curso de graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do RS, a UERGS. Nossa relação também trouxe para o grupo, outras pessoas importantes que, mesmo não sendo oriundas da Zona Norte, acabaram fixando residência na Vila Nova e agregando-se a nossa convivência, entre elas o Roger Castro e o Igor Pretto¹, também gays. A partir de então, fomos percebendo que seria menos difícil nos projetarmos enquanto sujeitos homoafetivos se estivéssemos juntos, criando assim, uma relação de amizade e afetividade que consolidou-se em um grupo que mais tarde tornaria a cultura LGBT mais visível e respeitada na cidade de Cruz Alta-RS.

Para que isso fosse possível, foi necessário criar e ocupar espaços e lugares dos quais nos construímos enquanto sujeitos político-sociais. Além dos espaços privados, fechados, como nossas casas, precisávamos ocupar espaços públicos, mais abertos, e esses espaços foram surgindo naturalmente, de acordo com nossas preferências e desejos, tendo como exemplo, o carnaval. Jesus (2009, p. 33) nos aponta que o carnaval é um dos eventos de maior abrangência e repercussão do Brasil, sendo considerada a festa mais realizada em todas as regiões do país e que assume um grau de mobilização nacional de relevante impacto na sociedade brasileira, adquirindo algumas características próprias de acordo com o local e o grupo que realiza e que ocupa desde salões e clubes sociais até as ruas, avenidas e praias das mais distintas cidades.

No carnaval, todo um conjunto de fatores sociais e históricos é combinado e recombina para realizar o que percebemos como o carnaval antigo ou moderno, do interior e da capital, do Norte ou do Sul, dos ricos e dos pobres. Mas não se pode esquecer que isso ocorre desse modo porque todas essas situações são poderosamente dominadas pela idéia de que aqui temos um momento especial: fora do tempo e do espaço, marcado por ações invertidas; personagens, gestos e roupas características. (DA MATTA, 1997, p. 29)

¹ Roger Castro, 32 anos é Produtor Cultural, formado em Dança pela Universidade de Cruz Alta e Igor Pretto, 27 anos, atualmente é também formado em Dança pela mesma Universidade e professor de Dança, na cidade de São Leopoldo - RS. Ambos também se descobriram orientados para o mesmo sexo, a partir das relações de amizade estabelecidas nesse processo.

Ou seja, o carnaval, para Da Matta (1997, p.30), está junto daquelas instituições que nos permitem sentir nossa própria continuidade como grupo. Esse gosto em comum pela maior festa popular brasileira, além de uma sensibilidade maior para as artes e para a cultura, coloca o carnaval também como espaço-chave desta construção, a qual se materializa na Escola de Samba Imperatriz da Zona Norte.

Localizada numa região de comunidade humilde, as pessoas freqüentadoras da Escola, de início não compreendiam e algumas até não aceitavam nossa orientação sexual, pois reproduziam um pensamento cheio de estereótipos, os quais são vendidos através de instituições como a mídia e por uma parcela da sociedade que buscam desconstituir a capacidade criativa e gerencial dos grupos LGBT's. Mesmo assim, no ano de 2002, assumimos a direção de carnaval da Escola e através do nosso trabalho, aos poucos fomos conquistamos o respeito e a admiração da comunidade, e acima de tudo, conseguimos minimizar o preconceito. A aceitação foi sendo gradual, a partir do momento em que as pessoas passaram a nos conhecer.

Hoje, passados onze anos, conquistamos títulos importantes para a Escola, nos tornando Pentacampeã do carnaval de Cruz Alta, o que nos colocou como referencia não só da comunidade da Zona Norte, mas também da cidade e do estado. A Escola de Samba foi o primeiro lugar de experiência para a construção do nosso protagonismo nas questões da sexualidade e da diversidade.

Nesta fase, também fomos ocupando outros espaços que contribuíram para nossa formação social, política e ideológica. Através do convite do Everlei, que havia se filiado no Partido dos Trabalhadores – PT, eu e Thiago acabamos nos filiando também. Esse contato direto com a política contribui para a nossa tomada de consciência sobre a importância de lutarmos enquanto agentes de transformação da sociedade, principalmente nas questões ligadas ao movimento LGBT. O partido, que tinha como bandeiras a juventude e a livre orientação sexual nos possibilitou ingressar nas instâncias do diálogo e do debate para a construção de uma cidade melhor, nos colocando como protagonistas também desse processo, pois fomos os primeiros ativistas gays a assumir cargos públicos e políticos.

Nas eleições municipais do ano de 2004, com o nosso apoio, Everlei se lança candidato a vereador, sendo o primeiro homossexual assumido² na história da cidade a concorrer a um cargo político. Infelizmente, Everlei não se elege, mas faz uma boa votação. Já no ano de 2005, passadas as eleições municipais, da qual também fizemos parte na organização e planejamento da campanha do então candidato a prefeito Vilson Roberto³, fomos convidados a assumir espaços importantes da administração pública. Eu, ainda estudante de jornalismo, assumi o cargo de Assessor de Comunicação da Prefeitura, o Everlei, assume como coordenador das Setoriais de Diretos Humanos e o Thiago, como diretor da Casa de Cultura.

Nossa atuação junto da administração nos tornou pessoas mais visíveis, e com isso, as questões da sexualidade também passaram para um primeiro plano. E foi exatamente aqui que a cidade começa a perceber o surgimento de um novo momento histórico e de visibilidade das causas LGBT's. Exemplo disso foi quando o Everlei implanta o Núcleo de Livre Orientação Sexual, um espaço de fomento das questões ligadas à diversidade, e que tinha como principal norteador das ações do Núcleo o projeto denominado "Diverso em Prosa: a vida fora do Armário", que mobilizou um importante número de pessoas afins de realizar atividades de visibilidade, nunca ocorridas na história de Cruz Alta. Atividades no calçadão, palestras na Universidade, reuniões de conscientização, distribuição de material para a população, foram algumas das principais ações do Projeto. Mas estas ações causaram um certo mal estar, principalmente com alguns setores da "mídia", pois em determinado programa de rádio, de grande influência na cidade, o locutor se mostra integralmente homofóbico, explicitando um sentimento até então não vivenciado por nós, de repúdio a atitude do governo de potencializar tal política, bem como das atividades que vinham sendo desenvolvidas pelo Núcleo.

Outras representações da política na cidade, também repudiaram a iniciativa do Núcleo, enfatizando piadas e comentários maldosos. Mesmo assim, o grupo manteve-se seguro e atuante, e aos poucos foi conseguindo minimizar as barreiras

² Quando falo em 'assumido', quero dizer que o sujeito assume e dinamiza sua orientação sexual para com toda a sociedade, não ficando escondido "no armário", expressão esta usada para definir aqueles que assumem pra si e para alguns sua condição sexual, mas que escondem do resto da sociedade.

³ Vilson Roberto foi eleito no ano de 2004, prefeito de Cruz Alta, e reeleito no ano de 2008, governando a cidade por oito anos.

do preconceito e da discriminação, principalmente pela sua capacidade enquanto profissionais e seres humanos.

Isso nos levou, num momento importante em que grupos LGBT's estavam cada vez mais fortalecidos com o propósito de trabalhar pelas causas dos Direitos Humanos e pela prevenção das DST's e Aids⁴, a necessidade de criar uma entidade que pudesse concentrar as discussões do meio LGBT da cidade, bem como desenvolver atividades que proporcionassem uma maior visibilidade, de forma que isso ocorresse por parte do próprio movimento da cidade, não estando vinculado diretamente ao poder público. Neste momento surge o Grupo Diversidade Cruz Alta.

O grupo tem um significado importante para nossa inserção e expansão junto ao movimento social LGBT do estado e do país. Através dele criamos relações permanentes de diálogo com outras instituições de apoio e formação da militância e mobilização na luta pelos direitos dos LGBT's. Mas sendo sabedores das dificuldades de construção de toda e qualquer visibilidade para as causas LGBT's, acabamos pagando um preço.

Em 2007, após dois anos de intensos trabalhos, nas mais diversas áreas de atuação, seja nas artes, na cultura ou no movimento LGBT, sofremos um dos piores momentos de nossas vidas, o que chamamos na época de "Caça as Bruxas"⁵.

Com a visibilidade que estávamos tendo e dando as causas LGBT's na cidade, bem como pelo trabalho sério e comprometido que vínhamos realizando junto às instâncias da administração municipal, muitos outros gays da cidade também passaram a expressar e assumir publicamente suas orientações sexuais, além de se engajarem na luta em prol do movimento local. Isso acabou provocando a ira de alguns setores da sociedade cruz-altense, que ainda não compreendiam a emergência das causas LGBT's da cidade. Com isso, na véspera de uma nova eleição para o pleito municipal, através de uma denúncia feita ao Ministério Público, eu, Everlei e Roger fomos acusados e presos.

Na manhã do dia 26 de setembro de 2007, fomos surpreendidos por uma mega operação da Polícia Civil e Estadual que invadiu nossa residência, pois na época, eu, Everlei e Roger morávamos juntos, com o intuito de colher provas sobre

⁴ DST's – Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS, do inglês Acquired Immunodeficiency Syndrome, é a sigla para a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

⁵ Na época do incidente, a irmã de um dos acusados, escreveu um artigo publicado no jornal local, tendo como título, "A caça as bruxas", fazendo referencia ao momento histórico da inquisição, quando mulheres eram queimadas, em praça pública, por seus atos tidos como demoníacos e pecadores.

os crimes os quais haviam nos denunciado. Após revistarem e vasculharem toda a casa e apreender nossos computadores, nos foi dada voz de prisão sob a alegação do crime de “Associação para o crime de abuso e exploração sexual de menores”, pois neste mesmo processo, outros três homossexuais da cidade foram denunciados e presos pelo mesmo crime. Mas o interessante disto é que nós não tínhamos nenhuma relação de proximidade com os outros envolvidos. Mesmo assim fomos presos, sem nenhum tipo de defesa prévia, com a justificativa de não prejudicarmos ou influenciarmos as investigações. Neste momento, toda a construção que havíamos trilhado para o desdobramento de uma cidade melhor para o convívio e a aceitação das questões LGBT’s tinha sido desfeita.

Ficamos 22 dias em cárcere privado. Cinco dias no Presídio Modulado da cidade de Ijuí-RS e os outros dezessete dias no Presídio Estadual de Cruz Alta-RS. Momentos estes de muita reflexão e tristeza que nos levaram a pensar em muitas coisas, até mesmo em desistir na nossa militância em prol das causas LGBT’s, mas o que ainda nos dava forças era o carinho e a compreensão de nossas famílias e amigos, que sabiam da nossa inocência. Além disso, a comunidade da Zona Norte, e muitas outras pessoas da cidade sabiam do nosso caráter e apostavam na nossa inocência e foram estas pessoas que nos fizeram acreditar que seria possível começar de novo.

Após vinte e dois dias de audiências, investigações e reclusão, fomos libertos. Neste momento, ainda não sabíamos o que fazer. Para onde seguir ou como enfrentar o mundo. Ficamos algumas semanas em casa, sem sair pra rua, com medo da reação de algumas pessoas, mas aos poucos fomos tomando coragem para darmos a volta por cima, e a escola de samba foi fundamental para isso. Estávamos às vésperas de um carnaval, e toda a comunidade queria que voltássemos a assumir a direção da escola, e assim foi. Voltamos com uma responsabilidade ainda maior. Com o apoio e a força de toda a escola, vencemos o carnaval de 2008 e, o mais importante de tudo, reconquistamos nossa auto-estima e a credibilidade com a cidade. Isso nos mostrou que as pessoas continuavam acreditando no nosso caráter e que a tentativa e a intenção de desconstruir e desqualificar o trabalho que vínhamos fazendo, não havia dado certo.

Neste mesmo ano, nas eleições municipais, algumas pessoas tentaram se aproveitar do fato para atingir a candidatura do atual prefeito, que concorria à reeleição, na tentativa de manchar a imagem e a reputação do governo municipal, já

que tínhamos feito parte dele. Mas isso também não surtiu efeito, pois semanas antes das eleições, passado quase um ano, em primeira instância, a juíza do fórum da comarca de Cruz Alta, emitiu a sentença, nos inocentando pela inexistência de provas. Momento muito comemorado por nós, mas que não cessaria aqui. O Ministério Público, não contente com o resultado, em especial o promotor de justiça que tinha a intenção de se promover com o fato, encaminhou o processo para julgamento em segunda instância no Tribunal de Justiça do Estado. E em abril de 2009, os desembargadores integrantes da Quinta Câmara Criminal do Tribunal de Justiça do Estado, por unanimidade, negam o provimento ao apelo ministerial, sendo o imperativo lógico a absolvição dos réus, como medida de justiça. Era o fim de uma angústia e o começo de um novo tempo.

A partir de então, um novo cenário foi se desenhando para nossas vidas. Eu, que havia prestado concurso público para a prefeitura no ano de 2006, fui chamado para ocupar o cargo na função de Agente Administrativo, junto da secretaria de Desenvolvimento Econômico. Everlei, que já havia voltado para sua função de servidor público estadual na escola de ensino Médio Dom Antônio Reis continuou atuante na militância do movimento e do partido. Roger preferiu mudar-se para a cidade de Bento Gonçalves - RS, onde passou a atuar como empresário na área da cultura e Thiago, devido suas atividades junto ao mestrado, foi morar na cidade de Florianópolis - SC.

E ao longo destes últimos anos, cada um de nós buscou seguir caminhos diferentes, mas nossas relações de amizade e afetividade permanecem até hoje e solidificam nossa trajetória e construção junto ao movimento LGBT da cidade e do estado. E todas essas experiências nos levaram a criar um dos maiores eventos de promoção da cultura e da visibilidade para as causas LGBT's locais e regionais, a Festa da Diversidade.

Minha trajetória acadêmica - O “eu” pesquisador

No ano de 2010, uma nova oportunidade surge para mim e para o Everlei. Nós conhecemos pessoalmente o Prof. Dr. do Departamento de Geociências e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria

– UFSM, Benhur Pinos da Costa, numa atividade realizada pela ONG Igualdade, através de uma das organizadoras da Parada de Santa Maria-RS, a Marquita Quevedo. Mantivemos contato com ele, o qual nos incentivou a fazer um projeto para inscrever na seleção do Programa de Pós-graduação em Geografia. Como já trabalhávamos com a temática da sexualidade e tínhamos certa experiência a partir do movimento LGBT, resolvemos nos inscrever. Eu acabei sendo selecionado e o Everlei ficou como suplente. Então, em 2011, inicio minha trajetória acadêmica, no curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em Geografia e Geociências da Universidade Federal de Santa Maria (PPGGEO-UFSM), momento este marcado pela busca incessante de uma nova caminhada investigativa através da pesquisa científica. Por não ter minha formação na Geografia, e sim na Comunicação Social – Jornalismo, meu desafio foi ainda maior.

Cumprindo com mais uma etapa intelectual de minha vida, ao ingressar no curso de mestrado, alguns foram os motivos que me levaram a escolher a Geografia. Em primeiro, por acreditar na aplicação da interdisciplinaridade das ciências, unindo áreas do conhecimento, a fim de compreender fenômenos e encontrar respostas às novas dinâmicas sociais do cotidiano. Em segundo, por perceber que na Geografia, em especial na Geografia das Sexualidades, haveria a possibilidade de investigação e aprofundamento da cultura homoafetiva, a qual se encontra no centro das discussões da minha trajetória de vida. Em terceiro, pelo meu envolvimento em lutas sociopolíticas, como na militância LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros, junto ao Grupo Diversidade, o qual me levou a voltar-se para a investigação científica das dinâmicas produzidas pelas referidas lutas, sob um olhar geográfico. E em quarto, por acreditar na qualidade e conceituação do programa de Pós-graduação em Geografia e Geociências desta Universidade, em especial pelo trabalho desenvolvido por meu orientador, o qual tem contribuído para a produção de novos saberes e práticas e na quebra de paradigmas da ciência geográfica. A partir de então, a Geografia, passa a ser a ciência pela qual inicio uma nova trajetória na construção de significados, oportunizando para minha formação intelectual um outro olhar na práxis científica.

Na seleção para o curso de mestrado do PPGGEO-UFSM, apresentei como pré-projeto, o trabalho intitulado Territorialidade Virtual – espaço, sexualidade e linguagem – uma análise do espaço virtual na relação entre homossexuais da região noroeste do RS, que tinha como objetivo geral pesquisar algumas cidades da região

noroeste do Rio Grande do Sul, bem como seus atores sociais (grupos homoafetivos), e a partir daí, investigar como ocorriam as relações de afetividade, através dos espaços virtuais, e sua importância para a formação, identificação e reconhecimentos dos sujeitos homoafetivos no exercício de sua sexualidade, bem como catalogar e comparar a linguagem desta territorialidade virtual homoafetiva. Mas ao longo dos semestres, novas perspectivas e olhares foram surgindo, sob a luz da ciência geográfica, os quais tornaram-se um grande desafio na formatação de uma nova proposta que contribuí-se tanto para o campo teórico da geografia, quanto para a reflexão sociopolítica do movimento em questão.

Durante o primeiro semestre do curso, devido minha disponibilidade no trabalho, optei por ingressar em apenas duas disciplinas, Seminários de Mestrado e Epistemologia da Ciência Geográfica, disciplinas obrigatórias do curso, as quais me proporcionaram o primeiro contato com a ciência geográfica, e que contribuíram para a elaboração da proposta de pesquisa. Na disciplina Seminário de Mestrado, ministrada pelos professores Dr. Lauro César Figueiredo e Dr. Adriano Severo Figueró, as discussões se voltaram para a questão do método e da metodologia a ser utilizada nos projetos de pesquisa, bem como na escolha do tema, definição do problema e hipóteses, objetivos e justificativa, os quais contribuíram na elaboração das propostas de dissertações desenvolvidas pelos acadêmicos. Além disso, a disciplina proporcionou importantes leituras, tais como Rubem Alves, Michel Beaud, Capra, entre outros, e o contato com pesquisadores como o Prof. Dr. Roberto Verdum – UFRGS e a Prof^a. Dr^a. Ceres Karam Brum - Departamento de Ciências Sociais – UFSM. Para avaliação da disciplina foi realizado o 7º Seminário de Mestrado, em que apresentamos nossas propostas de projeto a bancas formadas por professores convidados de diferentes instituições, e um artigo final, o qual foi submetido à avaliação dos professores da disciplina que emitiram um parecer de aceite para a publicação na 2ª edição do *E-book – Fronteiras da Pesquisa em Geografia*.

Em meio à realização da disciplina, a proposta inicial do projeto de pesquisa foi ganhando um novo recorte, onde em discussão com o orientador, foram definidos novos caminhos metodológicos, bem como a necessidade de levantar um problema de pesquisa mais estruturado, com objetivos bem delimitados. Portanto, o projeto passou a focar as geografias construídas pelo movimento LGBT na fronteira oeste do Estado do Rio Grande do Sul, procurando entender a necessidade da

materialização de atividades de reconhecimento social dos grupos LGBT's nesta região, principalmente pela emergência de eventos políticos e culturais que se produzem nas cidades de Cruz Alta, Rosário do Sul, Santa Maria e Uruguaiana. Além disso, a pesquisa buscava verificar se as redes virtuais eram importantes na organização dessas dinâmicas sociais, a partir do entendimento de que os espaços de sociabilidade virtual são necessários para a efetivação material dos eventos que se referem às políticas de luta pelo reconhecimento das diversidades sexuais nesta região.

Também foram elaboradas novas hipóteses. Dentre elas, que a materialização dos lugares de encontros de sujeitos orientados para o mesmo sexo torna-se importante à construção de uma cultura LGBT e na constituição dos movimentos de luta pelo reconhecimento social, principalmente em termos de uma luta para a desconstrução do componente heteronormativo da sociedade moderna brasileira. Outra hipótese é que em situações de ambiente urbano de pequenas cidades, como ocorre nas cidades das fronteiras noroeste e sudoeste do Rio Grande do Sul, os espaços de sociabilidade tornam-se restritos. Neste sentido, a construção de um ambiente virtual baseado na disseminação regional das redes técnicas, que possibilitam a emergência de redes sociais virtuais, torna-se uma importante espacialidade de encontro, de debate e de afirmação sexual e política de sujeitos e grupos orientados sexualmente para o mesmo sexo e de mobilização política. No caso da organização do movimento LGBT do interior do Estado do Rio Grande do Sul, principalmente em relação às cidades já citadas, as espacialidades virtuais permitem a criação de redes de ação políticas objetivas e a construção de táticas que organizam eventos concretos em diferentes cidades do interior deste Estado, ou seja, fazem interagir sujeitos políticos. Tais eventos criam uma nova rede de interação regional, que liga agentes políticos e sujeitos comuns, fazendo transcender fluxos e polarizações urbanas clássicas, fazendo ligar cidades distantes pelos deslocamentos LGBT's que os promovem. Desta forma, nas cidades onde ocorrem, os eventos permitem a visibilidade das questões sensíveis a sexualidade e a desconstrução da sociedade heteronormativa, permitindo ações diretas de reconhecimento dos direitos das afetividades LGBT's.

A proposta de investigação, também nos levou para novos caminhos metodológicos para desvendar estes processos e responder sobre a realidade destas indagações, procedendo a partir dos seguintes enfoques metodológicos. Em

primeiro momento buscar encontrar e entender a construção das interações via ambientes virtuais a partir da aproximação e da construção de narrativas que explorassem a ação de sujeitos políticos “chaves” ao movimento LGBT do noroeste, centro e sudoeste do Rio Grande do Sul (principalmente lideranças de Cruz Alta, Santa Maria, Rosário do Sul e Uruguaiana). Em segundo momento, analisar a materialização das táticas construídas em ambiente virtual, ou seja, enfocando uma análise crítica sobre a produção de certos eventos LGBT’s, principalmente debatendo sobre o caráter das expressões culturais balizadas pelos sentidos políticos dados nas construções táticas das lideranças LGBT’s das cidades enfocadas. E em terceiro momento, construir a organização de uma rede, cuja hipótese lança-se sobre a definição das ligações entre lideranças locais num caráter de interação regional, mas também sobre suas ações e motivações estabelecidas junto à população LGBT local, das cidades já citadas anteriormente.

Ainda para avaliação da disciplina, foi elaborado um artigo científico, que dialoga-se com a temática do projeto de investigação, tendo como base uma revisão teórica/conceitual. A partir de tais procedimentos elaboramos o artigo “Territorialidade e Redes Virtuais: a materialização de eventos para o reconhecimento da sexualidade LGBT”. No mesmo procuramos discutir como agentes políticos, responsáveis pela organização de eventos políticos/culturais, se apropriam das redes virtuais para conectar diferentes territórios e sujeitos na materialização de territorialidades de reconhecimento dos grupos LGBT’s. Esse trabalho foi aceito para publicação no *E-Book* Fronteiras da Pesquisa em Geografia, organizado pelo PPGGEO-UFSM.

No que diz respeito à disciplina Epistemologia da Ciência Geográfica, ministrada pela Prof^a. Dr^a Meri Lourdes Bezzi, a mesma foi fundamental para que eu pudesse compreender a ciência, o conhecimento científico e a construção dos métodos da Geografia, além de discutir os paradigmas, as categorias de representação e os conceitos essenciais para a descrição e explicação do espaço geográfico, refletindo sobre as distintas maneiras de pensar este espaço, através da modernidade, pós-modernidade, da globalização e das geotecnologias.

Como procedimentos de avaliação, foram realizados seminários temáticos apresentados pelos alunos, divididos em três eixos: “Os paradigmas da Geografia”, “Os métodos científicos: Indutivo, Dedutivo, Dialético, Fenomenológico e Qualitativo” e “As categorias analíticas da Geografia: espaço geográfico, território, região,

paisagem e lugar”. Para avaliação final, foi elaborado o artigo: “Territorialidades de reconhecimento” que buscou fazer relação com a disciplina e a temática da pesquisa.

Paralelamente às disciplinas, integrei o Grupo de Pesquisa Espacialidades Urbanas - GPEU, criado com a intenção de discutir textos e autores, relacionados com a temática das espacialidades urbanas. Também participei na condição de palestrante, da Semana Acadêmica Integrada do CCNE/UFSM, trabalhando o tema: Movimentos Sociais Urbanos.

No segundo semestre, optei por cursar as disciplinas Geografia e Cotidiano, Movimentos Sociais e Educação, Tópicos Especiais em Geografia e Tópicos Gerais em Geografia. Tais disciplinas me possibilitaram o contato com autores e temáticas que contribuíram ainda mais para minha formação cognitiva sob um olhar geográfico, bem como transitar por outras áreas da Geografia, fora da área do trabalho de pesquisa. Na disciplina, Geografia e Cotidiano, ministrado pelo meu orientador, Prof. Dr. Benhur Pinos da Costa, tive o contato com leituras significativas para meu aprimoramento e compreensão de uma geografia voltada para o cultural/social/humano, tendo como base a produção do espaço pelo prisma do cotidiano. Para avaliação, foram realizados seminários com textos de autores como Milton Santos, Sahr, Maffesoli, Bonnemaio, Agnes Heller, De Certeau, entre outros.

Como militante e ativista do movimento social LGBT, atividade que desenvolvo paralelamente ao curso, como dirigente do Grupo Diversidade Cruz Alta, que tem como objetivo a luta por uma sociedade menos excludente, e mais igualitária, tenho priorizado pautas importantes para o desenvolvimento de teorias e práticas na conceituação de uma cultura homoafetiva e para um melhor entendimento das práticas sociais, políticas e culturais que essa comunidade cria e recria no cotidiano desta mesma sociedade. Por isso, a disciplina Movimentos Sociais e Educação, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Ane Carine Meurer, me proporcionou um importante entendimento sobre a organização dos movimentos sociais no Brasil e sua trajetória. Também propiciou a discussão de textos e leituras contemporâneas acerca do surgimento das Ong's no Brasil, do cenário de lutas dos movimentos sociais na década de 90, em especial pela reforma agrária. Dos atores, redes e novos produtores de conhecimento e os movimentos sociais na transição paradigmática das ciências, da responsabilidade perante a natureza e do processo

de desenvolvimento contínuo da consciência para uma educação emancipatória, transformadora e libertadora. Como trabalho final, a partir das discussões em aula, produziu-se um artigo, o qual intitulei “Redes e Movimento - as redes sociais na organização e materialização do movimento LGBT”, trazendo para o centro das discussões, a internet, como elemento na mobilização dos movimentos, bem como as redes sociais, que tornaram-se importantes ferramentas dessa mobilização, podendo assim ser chamadas de movimentos sociais virtuais. A partir disso, o artigo se propôs a discutir a inserção das redes sociais como uma nova forma de organização espacial para a mobilização dos movimentos sociais, em especial, do movimento LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros, em torno de eventos específicos de reconhecimento e exercício da sexualidade.

Para Tópicos Especiais em Geografia, a disciplina concentrada Gênero e Sexualidade na análise Geográfica, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Joseli Silva – UEPG/PR, se tornou uma importante aliada na minha práxis investigativa e intelectual, resultando em profundas reflexões sobre ciência, saber e poder, sobre a emergência das correntes contra-hegemônicas feministas e etno-raciais, sobre a desnaturalização do corpo, sexo e gênero, além das abordagens de gênero na análise geográfica e a emergência da Geografia *Queer* e identidades complexas e suas implicações teórico-metodológicas. Como processo avaliativo produziu-se um artigo científico intitulado “Contra-norma - O movimento LGBT na luta pelo reconhecimento”.

E por fim, para Tópicos Gerais em Geografia, buscando um outro olhar desta ciência, cursei a disciplina concentrada denominada Interpretação e Valoração de Paisagens, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Solange Guimarães - UNESP/SP, a qual disponibilizou vários textos para a discussão acerca do conteúdo, bem como reflexões sobre a educação e interpretação ambiental, a percepção e valoração paisagística, a importância dos recursos paisagísticos naturais e construídos, e a paisagem como herança. A avaliação foi dividida em dois momentos, sendo o primeiro um seminário, no qual apresentamos o tema: A paisagem cultural: percepção, valoração e interpretação, e o segundo na produção de um artigo final, fruto dos debates no seminário, o qual dividi a tarefa com as colegas Andréia Herket Netto, Catia Regina Züge Lamb e Heliana de Moraes Alves, intitulado “Percepção e Valoração da paisagem cultural: a ferrovia como herança” que teve como objetivo trazer uma breve ponderação a respeito da análise e da valoração da paisagem

cultural apresentando a ferrovia como herança cultural.

Ainda no segundo semestre, paralelamente às disciplinas, realizei outras atividades que contribuíram para o meu desenvolvimento acadêmico. Entre elas, a participação em alguns eventos, tais como o 4º Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações – NEER, ocorrido no mês de novembro/2011 na UFSM/RS, o qual submeti meu trabalho de pesquisa, intitulado “Conectando Desejos: as redes virtuais na materialização de eventos para o reconhecimento da sexualidade LGBT’s” para avaliação da comissão organizadora, composta pelos professores Joseli Maria da Silva (UEPG), Maria das Graças Silva Nascimento Silva (UNIR), Alecssandro Ratts (UFGO) e Paulo Jorge Vieira (Universidade de Lisboa), com a intenção de participar do Grupo de Trabalho – GT (Corpo, Gênero e Sexualidade). Após revisão, os avaliadores do GT emitiram parecer favorável, aprovando o trabalho para apresentação sob a forma de comunicação oral e tornando-o parte dos anais do evento. Também participei como ouvinte das mesas de discussão, e colaborador na organização do evento.

Também submeti outro trabalho investigativo, intitulado “Redes Virtuais, Espaço e Sexualidade – uma análise dos principais eventos LGBT’s da fronteira oeste do RS” no 1º Seminário Latino-Americano de Geografia e Gênero: Espaço, Gênero e Poder – Conectando Fronteiras e Pré-encontro da Conferência Regional da UGI, ocorrido na cidade do Rio de Janeiro – RJ para avaliação da banca organizadora que emitiu o aceite, tornando-o parte do caderno de resumo, e no 16º Seminário Interinstitucional de ensino, pesquisa e extensão, 14ª mostra de iniciação científica e 9ª Mostra de extensão “Universidade no desenvolvimento regional” promovido pela Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ. Destaco ainda, a Docência Orientada realizada na disciplina Geografia, pluralidades, cultura, gênero e sexualidade, do curso de graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maira – UFSM, experiência esta que me oportunizou o contato direto com a sala de aula, e a preparação de conteúdos programáticos na linha de pesquisa do trabalho de pesquisa.

Já em maio de 2012, para defesa do Exame de Qualificação de Mestrado, apresentei a comissão examinadora, composta pela Prof.^a Dr.^a Joseli Maria Silva e o Prof. Dr. Lauro César Figueiredo, meu projeto intitulado “A territorialização de eventos para o reconhecimento da sexualidade LGBT’s – Uma análise da Festa da Diversidade em Cruz Alta-RS. A banca emitiu parecer favorável aprovando o projeto

de dissertação, bem como algumas alterações que serão apresentadas neste trabalho final.

Por fim, após fundamental trajetória, onde busquei meu aprimoramento e qualificação da pesquisa e da práxis investigava, apresento-lhes a proposta de dissertação que vem sendo construída nesses últimos meses, junto ao meu orientador, com intuito de provocar a discussão científica e contribuir para um pensamento social/crítico na Geografia. No capítulo a seguir, pretendo, através das narrativas das histórias de vida dos principais sujeitos envolvidos, apresentar a construção das relações espaço-temporais que constituem o movimento LGBT local, e seu resultado final, na materialização da Festa da Diversidade.

1 HISTÓRIAS DE VIDA

As histórias orais de vida de cada sujeito contribuíram como procedimento metodológico da pesquisa. Estas histórias orais apresentam-se como imbricadas em minha própria trajetória de vida como sujeito e militante LGBT na construção das redes de sociabilidade que produziram o movimento de reconhecimento das diversidades sexuais em Cruz Alta e que culminaram na organização das “Festas das Diversidades”. As tessituras produzidas pelas histórias orais de sujeitos-chaves apresentam-se como uma genealogia para a construção de lugares e redes espaciais na cidade e além dela, vinculadas especificadamente a questão do movimento LGBT. A partir do uso da História Oral, fica mais tangível evidenciar os elementos que compõem a pesquisa.

Como define Meihy (2005, p. 17), pode-se, em nível material, considerar que a história oral consiste em gravações premeditadas de narrativas pessoais, feitas diretamente de pessoa a pessoa, em fitas ou vídeo, prescritas por um projeto que detalhe os procedimentos. Desta forma, a pesquisa com os sujeitos envolvidos nas narrativas seguiu esse procedimento, sendo construídas num processo transcritivo que inicia com a entrevista pessoal, gravada, com um projeto pré-estabelecido e, por último a confecção do documento escrito.

Caldas (1999) analisa que: “a entrevista é um momento de estabelecer um diálogo, e neste momento é quando o colaborador deixa fluir aquilo que lhe resta do vivido: imagens, palavras, discursos”. Para Portelli (1997, p. 24) a entrevista deve ser vista como um experimento em igualdade, ou seja, uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. Por isso, a postura do entrevistador diante deste colaborador é de se despir e se mostrar para estabelecer um elo afetivo e de plena interação

O entrevistador, por um lado, deixa de ser aquele que olha para o entrevistado percebendo-o como mero “objeto de pesquisa”, “ator social” ou “informante”, pois o que se busca numa entrevista de história oral é certamente mais do que a referência a dados inexistentes ou mesmo a definição de uma verdade. [...] Por outro ângulo, o próprio entrevistador deve ser um observador da experiência alheia e se comprometer com o trabalho da maneira mais sensível e compartilhada possível. [...] (MEIHY, 2005, p. 125).

Após a entrevista, outro procedimento importante é feito o que se denomina transcrição, momento de passar para o papel o que foi gravado. Como nos coloca Gusmão (2008, p. 52), em termos práticos e técnicos, na transcrição o oralista deve ouvir a entrevista e passá-la para o escrito, palavra por palavra, assim entende-se a transcrição como “literal, rigorosa, passando-se para o papel tudo o que foi dito inclusive todos os erros, repetições, vazios, silêncios, incluindo também as perguntas”. Logo, as narrativas apresentadas neste trabalho são fruto de entrevistas, bem como de transcrições, as quais buscaram ser mais fiel possível, transparecendo todas as expectativas criadas pelos sujeitos, traduzindo todos os apontamentos, certezas e incertezas da pesquisa.

Outro procedimento importante em história oral é a textualização. Essa seria a garantia da integração ao texto de elementos não oralizados no momento da entrevista, um procedimento de melhoramento do texto. Como pressupõe Meihy (1991, p. 31) o fazer um novo texto permite uma certa teatralidade, dando um sentido mais ficcional ao documento. Neste sentido, textualizar seria dar forma de texto ao que antes era apenas uma entrevista, uma transcrição, é recriar, envolvendo o leitor num mar de significados e significações que não deixem uma porta aberta para outras interpretações.

As narrativas apresentadas a seguir foram desenvolvidas a partir de um gênero de história oral muito utilizada atualmente, a História oral de vida. “Como o próprio nome indica, trata-se da narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa” (Meihy, 2005, p. 147). O autor ainda esclarece que:

A história oral de vida é o retrato oficial do depoente. Nesse sentido, a “verdade” está na versão oferecida pelo narrador, que é soberano para revelar ou ocultar casos, situações e pessoas. No encaminhamento mais comum adotado para a história oral de vida, a periodização da existência do entrevistado é um recurso importante, pois organiza a narrativa com base em fatos que serão considerados em contextos vivenciais subjetivos. A personalização do enquadramento da narrativa deve valorizar os vetores que indicam a história do indivíduo como centro das atenções. (MEIHY, 2005, p. 149).

E é exatamente assim que as narrativas propostas pela pesquisa se encontram. Elas seguem uma periodização, organizando os fatos de acordo com o contexto vivido por cada sujeito entrevistado. Enfim, em História Oral, como aponta

Gusmão (2008) as narrativas são sempre o cerne do trabalho, o objetivo central, porque a sua busca é pela narratividade, pela singularidade e, sobretudo, pela experiência.

Portanto, as narrativas a seguir irão apresentar dois importantes entrevistados, pois eles se tornam sujeitos indispensáveis na relação com a minha trajetória e, na tessitura das redes sociais locais que formaram o movimento LGBT. O primeiro entrevistado é Thiago Amorim de Jesus. Este é um dos sujeitos que contribuíram para a formação e construção das nossas identidades, bem como, para consolidação do movimento LGBT local. Thiago sempre esteve presente desde o início, quando começamos nossa trajetória lá no bairro, na Vila Nova, e depois quando seguimos para a Escola de Samba. O segundo entrevistado é Everlei Martins, outro personagem fundamental neste processo, que também colaborou para a consolidação de um movimento político/cultural LGBT na cidade de Cruz Alta-RS, sendo um dos responsáveis pela criação do Grupo Diversidade, e mais tarde na materialização da Festa da Diversidade.

1.1 Narrativa: Thiago Amorim

Eu sou o Thiago de Amorim Jesus, tenho 32 anos, nascido em Cruz Alta-RS, atualmente residindo na cidade de Pelotas-RS, professor assistente do curso de Dança do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

A descoberta de um sujeito que se relaciona com pessoas do mesmo sexo

Eu não saberia dizer ou precisar uma época ou período em que isso aconteceu, mas desde pequeno eu nunca me entendi diferente de como eu sou, por que antes de tudo eu gosto de pessoas.

Quando eu era pequeno, por volta dos oito ou dez anos, eu gostava de uma colega de aula, uma menina, num sei, talvez a ponto de me sentir apaixonado naquela ingenuidade, ao mesmo tempo de escrever bilhetes, e ela era a menina mais bonita da turma, e é claro, não me dava bola. Mas na verdade essa situação é

simbólica, mas ao mesmo tempo não excepcional na minha vida, por que como reforcei inicialmente, a gente gosta de pessoas acima de tudo, por que você não se apaixona por um órgão genital, pelo menos eu acredito assim, portanto essa condição de sexualidade, de homossexualidade, bissexualidade, pansexualidade ou multissexualidade, como a gente pode pensar em diferentes variações que existem hoje em dia, ou outras tantas denominações por assim dizer, e independente de como se chame isso, eu acredito que o que interessa é como você se senti, como você se coloca diante e se assume diante do mundo a partir da sua condição, que eu entendo que é uma condição que transcende a idéia da própria sexualidade.

A gente fala hoje, em relações homoafetivas, que de certo modo da mais conta dessa condição, como eu falei, a gente não se apaixona via de regra por um órgão genital, não se apaixona só pelo sexo, você se apaixona por um sujeito, por uma pessoa que tem sentimentos, que tem emoções, que tem idéias as quais você se afinisa ou não, enfim, mas que transcendem a questão da sexualidade. Uma coisa é pensar um relacionamento com pessoas do mesmo sexo, homens com homens ou mulheres com mulheres, mas entendendo que o viés do seu relacionamento com a pessoa não é específico ou estritamente sexual, é muito maior que isso.

A minha relação com a cidade de Cruz Alta

Eu nasci em Cruz Alta, em 1980, e a minha vida foi lá até o ano de 2007, quando eu ingressei no mestrado e fui embora para Santa Catarina, e todo o meu processo de infância, adolescência, inicio da vida adulta, aconteceram lá. Em 2007, aconteceu um episódio muito triste, muito chocante, muito marcante com amigos meus, e isso me fez construir uma relação, digamos assim, um pouco estranha com a cidade, uma relação desgostosa, uma relação triste que eu ainda não superei. Engraçado falar disso assim, até eu evito ir a Cruz Alta. Mas no final deste ano de 2012 fui passar o final de ano lá, por que tenho familiares, e ainda tenho aquela sensação de chegar à cidade e ficar com vontade de ir embora, de voltar, e isso, eu tenho a certeza de que está associado a esta situação que aconteceu com meus amigos, que foi bastante triste, e me ofendeu enquanto ser humano, por que é uma cidade que apesar de ter uma visibilidade para as questões de diversidade

sexualidade bastante forte, em função do movimento que inclusive eu participei enquanto morava lá, ainda é uma cidade muito hipócrita, uma cidade muito fechada, uma cidade que tem uma mentalidade muito interiorana, e é aquela coisa, você pode fazer dez mil coisas boas, mas se você fizer uma fora do que as pessoas acreditam que seja a correta, ou de repente nem fez, mas se cogita que você fez, isso parece o suficiente pra desmerecer, por abaixo tudo aquilo que você havia conquistado, havia feito, até então de positivo. Então isso que aconteceu naquele momento foi algo que me deixou bastante triste e me afetou muito enquanto sujeito, mexeu enquanto pessoa, por saber, conhecendo os meus amigos como eu conhecia e como conheço, sabendo da integridade deles, do caráter deles, eu não admitia que estivessem falando, difamando, caluniando e fazendo coisas tão horríveis com eles, tais quais foram feitas.

Então a minha relação hoje com a cidade é assim de um lado, e do outro tenho um carinho muito grande pela cidade. Eu não nego que sou cruz-altense. Eu sempre falo que tenho orgulho de ter nascido nessa cidade, por que ela me constitui sim, e eu só sou o sujeito que sou, hoje, por que passei por todas as dificuldades, e construí as coisas que construí, justamente por ter vivido as experiências que eu vivi em Cruz Alta.

De certo modo, no início eu falei de um contexto mais macro da cidade, mas tem as questões dos micros contextos, dos micros espaços, que são lógicas diferentes, por exemplo, o bairro onde eu nasci, onde eu tenho alguns destes meus amigos, que é a Vila Nova, o bairro São João, a Zona Norte, além de outros lugares como a Av. 7 de setembro, a Escola de Samba Imperatriz da Zona Norte, o Clube Missioneiro, o Centro Social Urbano, a Escola Pacífico Dias da Fonseca. Todos esses são ambientes micro dentro deste universo mais macro da cidade que te trazem simbologias distintas. Por exemplo, em Cruz Alta eu tenho a minha escola de samba, mas eu moro em Pelotas-RS, e já morei em Florianópolis-SC, e em Joinville-SC, e sou uma pessoa muito carnavalesca, gosto muito de carnaval, mas a minha Escola é a Imperatriz da Zona Norte, eu posso até me envolver, participar, ou quem sabe daqui alguns anos, adotar alguma outra escola de samba aqui em Pelotas, mas eu tenho minha escola de coração na Zona Norte, então esse é um micro lugar que eu valorizo.

Tem a questão do bairro, como eu falei que é algo interessante, inclusive pensando na minha trajetória com os meus amigos, pois a Vila Nova é um espaço,

um dos bairros localizado na região da Zona Norte, uma das maiores da cidade, e que envolve uma série de bairros ali, um conglomerado de grandes de bairros, e este é um espaço muito importante pra gente, por que nós, Leandro, Thiago, Everlei, entre outros, fomos pessoas que nascemos na Vila Nova e nos tornamos amigos desde cedo, por que morávamos próximos, e nos reconhecemos na nossa diferença, pensando na questão homossexualidade ou da homoafetividade, mas ressaltando que nunca tivemos experiências entre nós, experiências dessa natureza, mas o importante é que convivíamos juntos, éramos gays crianças, e depois pré-adolescentes que foram se descobrindo juntos, até mesmo sem maldade. Além disso, não brincávamos só entre nós, tinham outros meninos e meninas, mas jogávamos vôlei, assistíamos filmes, brincávamos de carnaval, entre tantas outras brincadeiras da nossa época, e isso é interessante, por que quando você é sozinho, talvez seja um pouco mais difícil de você se reconhecer.

Fico pensando, um gay no meio do seu círculo hetero, onde você acredita, imagina que só você é diferente, que você é o errado, que você é o excepcional, o não correto da história, como se tivesse que haver um correto ou um errado, mas você fica pensando que você não está de acordo. Já no nosso caso, eu acho que levamos um pouco de sorte, não sei se sorte é a palavra certa, mas nós fomos privilegiados. A gente brincava, a gente dava risada, se alguém “desmunhecava” ou fazia alguma coisa mais afeminada ou coisa e tal, não tinha o mesmo peso, era de uma ordem, de uma leveza, por que uns aos outros se entendiam, isso não significava necessariamente que a homossexualidade era pauta das nossas conversas, de modo algum, até por que éramos crianças, mas de alguma forma a gente se entendia, se aceitava, por que era natural, e isso eu acho que é uma coisa muito importante, e pra mim foi.

E destes amigos eu sou o mais velho, então de algum modo eu puxava essas questões, como organizar eventos, brincadeiras e coisa tal, e um pouco eu levava a frente disso. Inclusive minha casa sempre foi muito receptiva para as pessoas, por que minha mãe sempre recebeu os meus amigos, os amigos dos meus irmãos, então sempre havia muita gente lá em casa. Minha casa sempre foi muito povoada de pessoas assim, então era um espaço que não importava se você era ou não gay, se eram os meus amigos que estavam ali, ou da minha irmã, do meu irmão, ou se todos estavam ali ao mesmo tempo, e eu não estou dizendo que em determinados ambientes, determinadas situações não tinham brincadeiras ou zuação na rua, mas

isso nunca foi de um modo agressivo, como se tem hoje a questão do *bulling*. De verdade eu não me recordo de uma situação absolutamente constrangedora, claro que a gente era um pouco discreto, talvez um pouco afeminado, talvez um pouco as pessoas desconfiassem, talvez um pouco as pessoas soubessem, mas nossas atitudes nunca agrediam as pessoas, e eu acho que por conviverem com vários de nós ao mesmo tempo, se tornava familiar e natural. Quando é um só talvez seja um pouco mais difícil, então a gente nunca ficava sem ninguém pra brincar, e é importante refletir sobre isso, pois imagina um gay sozinho, no meio de heteros, e quando ele quisesse brincar de desfile de carnaval e os outros todos não quererem? Ou os pais não quererem deixar os filhos heteros andar com aqueles que supostamente são gay, e no nosso caso é interessante por que a gente sempre tinha alguém pra brincar, então isso é um privilegio que ajuda muito na aceitação, saber que você não é errado, que você não é só, que tem mais gente assim, que não é feio ser assim, por que você não escolheu ser assim, pois a única coisa que acontece é de você aceitar a sua condição ou não, mas essa condição propriamente é nata, a gente nasce com ela. E essas histórias revelam um pouco minha relação com a cidade. Como eu disse no início, ela no momento está um pouco estremecida, em função desses episódios. Já melhorou, por que antes eu não podia pensar em Cruz Alta, mas hoje já está melhor, mesmo sabendo que a cidade vai continuar sendo do mesmo jeito, hipócrita com as pessoas, embora eu ache que tenha melhorado de um modo geral, inclusive esse episódio serve pra demarcar isso.

As experiências que me colocam como protagonista na construção de um lugar (cidade) mais igualitário e livre para o exercício da sexualidade de LGBT's

Eu acredito que todo esse movimento, ele se processa a partir dessas relações de amizade que a gente fundou. Uma coisa importante, nós sempre fomos estudiosos, nenhum de nós parou de estudar, a pessoa que estudou menos fez um curso técnico, mas todos do nosso círculo de amigos, seguiram e se profissionalizaram, fizeram um curso superior, fizeram pós-graduação, no caso do Leandro que está fazendo mestrado, eu estou terminando o doutorado, tem o Roger e o Igor que não nasceram na Zona Norte, mas que criaram um vínculo muito forte

conosco, inclusive depois foram morar lá também, sendo que os dois, assim como o Everlei fizeram graduação. Já o Lezinho fez curso técnico em enfermagem e, hoje é enfermeiro num hospital da cidade, e o Márcio, que também fez mestrado hoje é funcionário da UFSM. Então esse perfil diferente, não sei se posso chamar de diferente, mas que nos distingue, também é algo importante nesse processo, pois além da nossa condição de homossexuais, de exercer a nossa liberdade individual, nós buscamos uma formação profissional e também uma politização, que é outro aspecto importante. A maioria de nós criou um envolvimento político de diferentes ordens, seja nas causas da juventude, nas causas da cultura, nas causas da orientação sexual, na questão da política partidária mesmo, da militância, pois muitos de nós somos filiados a partidos políticos, de esquerda ou centro-esquerda. Então essa idéia de politização, de envolvimento com o movimento estudantil, movimento acadêmico, o qual fui presidente do diretório acadêmico, o Everlei como presidente de Grêmio Estudantil, nos levou a militar num movimento partidário, defendendo algumas bandeiras como da Juventude do PT, no movimento LGBT do PT. Depois disso, participamos da campanha municipal e assumimos a Prefeitura, participando diretamente da gestão da administração que assumi em 2005, protagonizando essas questões. Então eu acredito que essa politização, essa formação profissional, através da educação, e o nosso coletivo de amizade, acabaram sendo determinantes para que se construísse uma referencia dentro da cidade, uma referencia coletiva, positiva e de respeito às questões da diversidade sexual.

E isso também vai desembocar na questão do carnaval. Um movimento em que todos nós, sem exceção, pois todos fomos ou somos envolvidos com carnaval na mesma escola de samba, a qual assumimos a direção em 2002, e passado onze anos a escola ganhou cinco títulos, mais três vice-campeonatos. Uma escola que teve seu primeiro título em 2006, conquistado através das nossas mãos. Então assim, a escola tem 20 anos, mas nos últimos anos, depois que o nosso grupo assumiu que nos tornamos vitoriosos, além de outras conquistas importantes, no lado social, pois é uma escola que tem um trabalho importante para a Zona Norte, que levantou a auto-estima da própria comunidade da Zona Norte, que é uma comunidade esquecida, marginalizada. Então esse movimento protagonista passa por todas essas questões como o carnaval, da política, da educação, mas atravessados fundamentalmente pelas nossas relações de amizade.

E o fato da gente poder ser como a gente é, ou da gente achar que podia ser, e que hoje tem convicção, na época de adolescente e jovem, repercutia na nossa ação para com os outros, com a sociedade, com o mundo, para com a comunidade. Então assim, os “putos” da Imperatriz, que era um chavão do início, nos primeiros anos que a gente assumiu a direção de carnaval da escola, pois muitos não gostavam da gente, alguns até homofóbicos, foram aos poucos nos conhecendo e respeitando, fomos conquistando o respeito, por que alguns achavam que os “putos” só queriam aparecer, que estávamos lá só pra dar o “*glamour*”, e na verdade nunca foi a nossa intenção, pois o que a gente queria mesmo é fazer carnaval, colocar a escola bonita na avenida, ganhar o título, fazer um bom trabalho e isso se provou ao longo do tempo, dos anos, com o nosso trabalho, e aí as pessoas viram o que é uma coisa e o que é outra, então aos poucos as pessoas foram reconhecendo isso, e esse movimento extrapolou, saiu da própria Zona Norte e acabou se desdobrando pelo viés das outras escolas de samba, pelo viés do carnaval como um todo, e pelo viés social. Por exemplo, hoje eu tenho certeza que a comunidade da Zona Norte, via de regra, tipo 90 a 95% é uma comunidade que defende seus gays, tanto que hoje em função não só da Festa da Diversidade que é um evento simbólico que foi construído ao longo do tempo, mas através de todo o movimento que existe de diversidade sexual na Zona Norte, a escola é referencia nisso, é um lugar de aceitação, de tolerância, pois lá não se bate em gays, não se matam gays, não se gingam os gays, não se permite, não se tolera isso. Lá as pessoas vão e acham bonito, claro, algumas vão pra ir se divertir, que também faz parte, sempre com o propósito de cultivar a alegria nas pessoas, e não o ódio. Lá as pessoas acham bonito, vão ver as apresentações, vão ver os desfiles, vão ver as dublagens, as performances, e tem na Zona Norte um lugar de referência e de respeito com as questões que são pertinentes a diversidade sexual.

Então como eu falei, tem uma coisa que é importante nesse movimento, que é como essa idéia do grupo de amigos se desdobra, transborda para as questões mais importantes em termos da sociedade, pois o grupo de amigos poderia ficar só nele mesmo, mas a gente sempre teve essa idéia, que o que a gente estava propondo era algo que podia ser a ascensão de uma cidade melhor, de um mundo melhor para as pessoas que vivem na mesma condição de sexualidade, ou seja, se agente podia ser feliz, e batalhava por isso, outros também podiam. E a escola sempre esteve aberta para outros gays, para todo mundo, pois nunca foi esse o fator

determinante, ou, como vou dizer, isso nunca impediu nada, pois nós também temos relações de amizade com heteros e casais heteros, e nós temos que respeitar as diferenças, nós não podemos nos impor na nossa afetividade, na nossa sexualidade, nos temos que nos aceitar e aceitar os outros, assim como a gente quer das pessoas que elas nos aceitem.

Então essas relações de amizade foram desembocar nesses movimentos importantes, e que hoje se desdobram no fato de termos um vereador que vem deste círculo de amizade, e que uma de suas bandeiras fortes é a causa LGBT, da liberdade, sexual e de gênero, e também da intolerância religiosa, étnica, da cultura, da educação, enfim, é o primeiro gay assumido, dentro da cidade, que conquista um posto dessa natureza, esse movimento histórico, extremamente importante, extremamente relevante, e que hoje tem muito bem nos representado e trazido as questões das nossas pautas pro âmbito do legislativo, e com certeza da própria imprensa, e por consequência pro âmbito do executivo que é aquele que deve operar essas políticas públicas que vislumbram as questões da intolerância e da diversidade.

A Festa da Diversidade

Eu acredito, por exemplo, no que diz respeito a Festa da Diversidade, que ela é um reflexo dessa construção, especialmente, na questão da relação de amizades, do grupo de amigos, e do movimento de politização, que está associado inclusive com o próprio carnaval. Agora, eu não tenho como falar da Festa da Diversidade sem pensar que o embrião dela já acontecia há muitos anos atrás, mais ou menos no ano de 2002, quando nós, dentro das nossas brincadeiras de grupo, fazíamos eventos internos, como a escolha de Miss, onde eu organizei por dois anos o concurso que escolheu a Miss Universo G. Neste concurso cada um dos amigos escolhia um país pra representar, e nisso tinha toda uma dinâmica bastante importante de preparação, como maquiagem, traje típico, entrevista, escolha de nomes, jurados e produção. Mas na verdade, isso já num segundo momento, pois começou mesmo na sala de casa, no “Palácio de Cristal”, que era como chamávamos o meu apartamento, ou em outros lugares alternativos. Lá brincávamos de concursos como da Garota Verão, Rainha do Carnaval, Coelhinha

da Páscoa, Musa das Sacadas Brasil, Prenda da Coxilha, Rainha da Fenatrigo, enfim, a gente fazia concurso entre a gente, e eu mais organizava do que participava, pois me sentia melhor assim, e nunca tive problema em relação a isso. E aos poucos, tudo isso foi tomando volume, as pessoas começaram a investir mais, alugar roupas, contratar coreógrafo, fazer depilação, ir ao salão e fazer altas produções. E aquilo que era da sala de casa, tomou uma proporção maior, e foi se desdobrar depois no concurso da Miss Universo G, e eu acho que isso de um modo, se tornou num embrião que acabou se desdobrando na Festa da Diversidade. Hoje a Festa da Diversidade é bem mais ampla, organizada, bem mais politizada, mas ela teve seus primeiros passos nesses ensaios, nessas simulações pequenas que a gente fazia ainda brincando, com caráter bem mais descontraído, bem mais informal na sala da própria casa.

No que diz respeito a minha colaboração para que chegássemos onde chegamos, eu não consigo pensar nela nesse processo todo, até por que eu acredito que nada disso teria acontecido se não fosse um movimento coletivo e natural, não foi forçado. Tipo, não sentamos e fizemos uma reunião dizendo: - Oh pessoal, nós temos que mudar a história da tolerância sexual, da diversidade na nossa cidade, o que devemos fazer? Não foi assim. Foi aos poucos, a gente se aceitando, a gente se entendendo, a gente se divertindo, fazendo as coisas pra gente, e se qualificando enquanto sujeitos, profissionais. Tudo isso acabou dando um teor político, uma formação mais consistente na questão do debate, da própria pauta dos Direitos Humanos, da Diversidade Sexual, assim sendo de forma natural. Hoje, o fato do Everlei ter assumido um cargo público, como vereador, é reflexo dessa conjuntura toda, por que a base dele vem daí, vem do público LGBT, vem do carnaval e vem da educação. São basicamente esse três parâmetros, digamos assim, esse três pilares, que dão sustentação para o movimento dele e que vão desembocar na questão da diversidade religiosa, na questão das minorias étnicas, e dos movimentos que vão se aglutinando ao longo do processo.

Então não tenho como pensar na minha colaboração com a materialização da Festa da Diversidade, sem pensar em mim dentro de um contexto, dentro de um coletivo, de um grupo que se formou desde criança e que é um grupo de amigos, que foi aglutinando outras pessoas, foi conhecendo pessoas de outros lugares, que foram se envolvendo, bem como as questões da politização e da educação. Tudo isso soma pra qualificar nossas ações. Pra mim, o movimento foi natural, e é uma

conseqüência de tudo isso, e só se explica assim, sendo visto de uma forma coletiva.

1.2 Narrativa: Everlei Martins

Eu sou Everlei Rangel Martins, tenho 31 anos, nascido em Cruz Alta-RS, onde ainda resido, funcionário público estadual, e atualmente vereador na cidade.

A descoberta de um sujeito que se relaciona com pessoas do mesmo sexo

Bom, eu acredito que sempre convivi com essa perspectiva, desde a infância sempre senti mais admiração pelo sexo masculino, e na adolescência reafirmou isso e comecei a tentar entender a questão da sexualidade. De início acreditava que o homossexual era aquela figura caricaturada pela mídia e pela sociedade, o travesti, o transformista, então pensava sempre no dia em que teria que passar a ser travesti para assumir a minha sexualidade.

Já no final dos anos 90, eu acabei conhecendo o Vladimir Colombelli, na Escola de Samba Imperatriz da Zona Norte, e ouvia muito das pessoas de que ele era gay, mas ele era um gay que eu admirava, pois era uma figura masculina e que exercia um papel de liderança na comunidade, então comecei entender também que existia outras formas de ser gay, sem necessariamente ser travesti. Em no início do ano de 2000, ingressei na escola de samba, onde eu conheci o Thiago Amorim, jovem, gay, da comunidade em que eu moro, e também um líder cultural da comunidade, e que era muito envolvido com o teatro no bairro, e tinha um grupo, o qual me convidou para fazer parte, mas minha mãe proibiu devido o grupo ter outros gays, por ser “só de gays”, entre outras coisas. Mas a amizade com Thiago foi fundamental para os desdobramentos futuros da minha sexualidade, da minha militância cultural e política.

A partir dessa amizade, conheci o Vladimir pessoalmente e passei a admirá-lo, conheci também o Roger Castro, grande talento da cidade nas artes, e o qual também namorei, então passei a conhecer melhor a possibilidade de que dois gays podiam ter uma relação, pois eu ate então achava gay tinha que ser só passivo, e

que tinha que ter relação só com um hetero (não que não seja até hoje). Bom, a partir dessas relações, surgiu a necessidade de assumir a direção da escola de samba Imperatriz da Zona Norte, como grupo pensante, pois o Vladimir, que ainda era da escola, nos colocou nessa missão, e logo depois, por motivos pessoais acabou abandonando o grupo e retornando somente em 2012.

Ao assumir a Imperatriz, eu convidei o Leandro Dal Forno, também gay, e na época acadêmico de jornalismo, para fazer parte dessa equipe pensando na comunicação da escola. A partir daí estava montada a estrutura que daria caminho a vida política, cultural, social e a grande visibilidade dos sujeitos LGBT na cidade.

O Roger e Thiago se destacavam a frente do teatro, da dança e dos Festivais de Folclore e da cultura em geral na cidade, e nós também passamos a viver esse meio, onde também havia outros LGBT's. E a partir daí, com a ajuda de todos, eu e o Leandro assumimos a Imperatriz de vez, e fizemos dela multicampeã, reconhecida e renomada no Estado como uma das maiores Escolas do RS. Também, através do Leandro e do Thiago conheci outras pessoas que seriam importantes para meu ingresso na política, a Suzana Schneider e Ieda Pires, as quais me convidaram para me filiar no Partido dos Trabalhadores - PT, pois eu tinha uma veia política muito forte, pois tinha sido presidente de Grêmio Estudantil, diretor do Centro Acadêmico da UERGS do curso de Pedagogia. Algo importante a ressaltar também, é que o Thiago sempre foi o grande incentivador dos estudos e das nossas vidas acadêmicas, e hoje é o doutor da turma.

Já no ano de 2004, tive o apoio dos meus amigos para concorrer a vereador. Na época já era gay assumido, muito jovem, não me elegi, mas conquistei uma grande experiência, pois foram 398 votos, e elegemos o prefeito Vilson Roberto. Quando em 2005, Vilson assume a prefeitura, todos nós, sujeitos homossexuais, acabamos assumindo papéis importantes na administração municipal, e a partir do plano de governo, surge à necessidade tratar do tema LGBT na cidade e colocarmos a diversidade como política. Isso nos levou a buscar mais conhecimento sobre o movimento, para poder entender e trabalhar essas questões, e assim, criamos o Núcleo de Livre Orientação Sexual, dentro das Setoriais de Direitos Humanos, a qual eu coordenava. Além disso, também sentimos a necessidade de criarmos o grupo fora do governo, assim surge o Grupo Diversidade Cruz Alta, e com ele surge também a Festa da Diversidade, evento que reunia a cidade, a escola de samba e a

alguns amigos e militantes do movimento LGBT da região, e conhecidos de festa que freqüentávamos.

A Festa da Diversidade

Minha participação na festa sempre esteve ligada a organização e divulgação da mesma, em especial pelas redes sociais. Em 2006, realizamos a primeira edição da Festa, com a participação de mais pessoas, de outros lugares. Em 2007, na segunda festa, fomos qualificando ainda mais o concurso, ano este que ocorreu nossas prisões, pior momento para luta LGBT por respeito e cidadania em nossa cidade.

Já em 2008, mesmo após o fato ocorrido no ano anterior, nos engajamos na campanha municipal e reelegemos o prefeito Wilson Roberto, e mesmo não ocupando mais espaços na Administração, realizamos a Festa da Diversidade em parceria com o projeto SOMOS, de Porto Alegre-RS, e trouxemos pela primeira vez uma *Drag Queen*, que foi o maior sucesso local, e a região começou a vir mais ativamente. Em 2009, eu tive a idéia de fazer um concurso de homem e de transformista, o Miss e Mister Diversidade RS, e as inscrições eram todas virtuais, via Orkut, onde eu publicava a foto de quem concorreria, e isso foi o maior sucesso, e foi quando o concurso se espalhou por vários locais do estado, e quando tivemos mais de 25 concorrentes, além das candidatas a melhor show. Assim, diversas caravanas das mais diferentes cidades do Rio Grande do Sul passaram a participar, e desta forma criamos a maior festa e o maior concurso LGBT do interior do Estado. Talvez aqui, eu tenha vivenciado mais de 12h diárias junto ao computador na construção do evento, adicionando pessoas, teclando, convidando, buscando para o concurso, criando laços que tenho até hoje, e isso me coloca numa posição de muito reconhecimento na luta da causa LGBT, tendo participado de diversos eventos regionais, estaduais e nacionais.

No ano de 2010, a consolidação do evento trouxe mais participações, e muitas outras cidades, e também passamos a sentir a necessidade de criarmos um momento de discussão e debate mais político sobre as causas do movimento LGBT. Tentamos sem muito sucesso fazer um seminário para debater os temas da comunidade LGBT e realizamos a 1ª Caminhada contra a Homofobia, uma espécie

de Mini Parada, que foi muito gratificante, mas que ficou aquém das expectativas, pois acredito que as vezes esperamos demais para realidade da nossa cidade. Em 2011, o público teve uma pequena queda, mas a participação de concorrentes e cidades permaneceu na mesma média. Além disso, nestas edições, nunca contamos com apoio do poder público, sempre buscamos o apoio de outras pessoas, além da receita da festa ser revertida para o pagamento das despesas do evento. Nesse ano também realizamos a 2ª Caminhada contra a Homofobia, com o tema: “Cidade sem homofobia”.

Já 2012, foi um ano muito importante pra mim e para toda a nossa trajetória, pois nesse ano me candidatei mais uma vez a vereador da cidade. Pela primeira vez, conseguimos o apoio da Secretaria de Saúde do município, melhoramos a infraestrutura, realizamos um seminário com o tema das DST's e AIDS, e mobilizamos um número maior de pessoas para a 3ª Caminhada contra a homofobia, que por sinal foi muito linda, pois estávamos em meio a disputa eleitoral. Já a festa teve um pouco mais de queda de público, mas não atrapalhou seu brilho.

Agora eleito vereador, com 778 votos, pelo PSB, liderando em nível estadual o segmento do Partido, tenho um desafio ainda maior, o de levar a bandeira LGBT na eleição para deputado estadual. Na câmara de vereadores temos pela primeira vez espaço político, formal e institucional para apresentar nossas lutas, para mostrar a nossa voz, na construção da cidadania LGBT, e de uma sociedade mais justa, fraterna, solidária e menos preconceituosa.

Essa conquista é fruto de tudo isso, dessas amizades, desses laços sociais, culturais, comunitários, de quem acreditou em fazer essa luta na cidade, de quem enfrentou calúnias, preconceitos e difamações. Passa pela nossa Escola de Samba, porto seguro de apoio sempre a tudo que planejamos, onde exercemos sempre uma via de troca, pois muito colaboramos por essa comunidade, transformado-a em vencedora, pois hoje a realidade de bairros como Progresso e Vila Esperança é outra. A visão da cidade sobre esses bairros também. Podemos dizer que esses sujeitos no convívio conosco também são fruto de uma nova visão, bem menos preconceituosos e abertos para a diversidade.

Nossas amizades, eu, Leandro, Thiago, Roger, entre outros é perpassada por tudo isso, pelas festas, pelos momentos de diversão, pelas descobertas, pelos desafios, pelas construções. E mesmo separados, em partes, pelo ocorrido em 2007, quando vivemos uma perseguição política e homofóbica, e quando o Roger

não teve mais como seguir sua vida profissional aqui e foi embora, ou quando o Thiago também logo seguiu estudar em Santa Catarina, eu e o Leandro permanecemos, e demos a volta por cima, voltamos a fazer as mesmas tarefas e funções, mas sempre em contato com os demais, e nunca abandonamos nossos laços com a cidade.

1.3 Análises das narrativas

Para que fosse possível compreender a trajetória de construção do objeto de estudo, foi necessário capturar narrativas das histórias de vida de alguns dos principais sujeitos que contribuíram para a efetivação e consolidação do movimento LGBT de Cruz Alta.

E essas relações, de amizade, de afetividade e de companheirismo, apresentam "os espaços" e os "lugares" como construtores destes "momentos relacionais". Por isso, os relatos desde a descoberta enquanto sujeitos que se relacionam com pessoas do mesmo sexo, que iniciam lá no bairro, num lugar mais micro, até as relações de pertencimento a cidade de Cruz Alta-RS, e as experiências como protagonistas na luta por um lugar mais igualitário e livre para o exercício das sexualidades de LGBT's, são a fonte para compreendermos um conjunto de relações espaço-temporais em que cada um se lança com suas "estórias até agora" para mudar o tempo, mudar o espaço, mudar cada um e o grupo inteiro.

E essa noção pode ser evidenciada em Doreen Massey (2008, p. 33) quando ela diz que há uma "pluralidade de trajetórias, uma simultaneidade de "estórias-até-agora" cujas conexões são sempre cambiantes e conjunturais, o que faz com que o próprio lugar se forme como um feixe dessas articulações, um aqui-agora em que se encontram diversas trajetórias. Logo, as nossas trajetórias se cruzam e produzem um sentido, um efeito, principalmente na noção de que o "espaço" é fundador dos sujeitos e do tempo.

Se o tempo se revela como mudança, então o espaço se revela como interação. Neste sentido, o espaço é a dimensão social não no sentido da sociabilidade exclusivamente humana, mas no sentido do envolvimento

dentro de uma multiplicidade. Trata-se da esfera da produção contínua e da reconfiguração da heterogeneidade, sob todas as suas formas – diversidade, subordinação, interesses conflitantes. À medida que o debate se desenvolve, o que começa a ser focalizado é o que isso deve trazer à tona: uma política relacional para um espaço relacional. (MASSEY, 2008, p. 97/98).

E o bairro, a Vila Nova, a Zona Norte, é o primeiro espaço relacional que surge como fundador das nossas relações pessoais e interpessoais, as quais foram se desenrolando ao longo do tempo, e encontrando novas conexões e conjunturas em outros espaços. Aqui podemos dizer que o bairro, se tornou um ponto de referência para nossas articulações. E para entendermos melhor isso, é necessário pensarmos num processo de microterritorialização urbana.

As microterritorializações que se produzem no espaço urbano estão representadas pelos processos de identificação que se produzem e se reproduzem pelas práticas culturais do microagregado socioespacial em diferenciação com outros. Defendemos que cada agregado social territorializado no espaço urbano é constituído por sua identificação coletiva e sua cultura. Entendemos as práticas culturais como processos e não como padrões, estabelecidos por pequenos grupos em seus espaços cotidianos, que irão definir seus valores, comportamentos, estéticas e signos embutidos nas atividades relacionais. A análise micro-geográfica centra-se na análise dos fenômenos locais que produzem e diferenciam o espaço geográfico (produzindo territórios). (COSTA, 2008, p. 6).

Assim, a rua, local de encontro para brincadeiras, bem como os outros espaços, como a família, a escola, nossas casas, e até mesmo a Escola de Samba, se revelam como sendo esses espaços cotidianos de interação, os quais se tornaram espaços relacionais num processo mais micro, e depois passaram para um processo mais macro, abrangendo a cidade como um todo.

Mas este bairro, a Vila Nova, não necessariamente pode ser chamado de um “bairro gay”, como Vieira (2011, p. 242) a partir de Jorde (2005), aponta ao investigar a relação entre cidade e diversidade em função da orientação sexual partindo de um modelo diferenciado que tem privilegiado a investigação sobre os chamados “bairros gays” e os processos de zonificação e territorialização da orientação sexual, pois, nossa localização não foi proposital, e sim, natural. Ao observarmos as narrativas, eu, Everlei e Thiago tivemos a coincidência de estarmos tão próximos, num “espaço”

em comum, num “tempo” em comum. Logo, a Vila Nova não se caracteriza como sendo um “bairro gay” por este ponto de vista, mas é claro, torna-se um lugar que tem um significado muito importante na construção de nossas trajetórias, pois ali nos encontramos e a partir do momento espacial do encontro, nos tornamos outros no presente e nos projetamos em planos de futuro.

Para compreendermos melhor isto, é necessário também observamos nas narrativas, em especial, na minha e na do Thiago, que essa relação mais micro, nos colocaram numa situação de proximidade que, fundamentalmente, foi o suporte para nossas descobertas e afirmações, o que reafirma o quanto é importante os momentos relacionais e de proximidade, pois não estávamos sozinhos. E essa condição nos dava o direito de vivenciar e experienciar o cotidiano de uma forma mais “natural”, desvendando todos os obstáculos e barreiras encontrados no dia-a-dia, seja, na rua, na escola ou até mesmo em nossas casas.

Mas outro fator significativo, que as narrativas nos levam a compreender, é a necessidade, após um amadurecimento de todos os sujeitos, de expandirmos e ocuparmos outros espaços que nos permitissem a inclusão e visibilidade, e a Escola de Samba se consagra como o lugar onde se deu os primeiros entrelaçamentos de nossas relações mais profundas e desafiadoras. Foi quando eu, Thiago, Everlei e Roger passamos a afirmar nossas identidades, não mais apenas num âmbito privado, mas sim, público. Isso demonstra também a importância da não segregação dos sujeitos orientados para o mesmo sexo.

Costa (2011, p. 152) nos aponta que existem quatro hipóteses sobre a hibridização da cultura urbana, definidas por Fortuna (2002) que podem esclarecer essa questão, sendo elas denominadas “zonas de intermediação cultural”. Mas para nós, a segunda e a terceira são importantes. De acordo com ele, a segunda hipótese se refere “às relações sociais de estranhamento e tolerância”, onde ao mesmo tempo, o que é “estranho” a nós, acaba se aproximando e se distanciando, causando o surgimento de uma postura baseada no respeito, numa “tolerância positiva”, que nega a segregação e a fobia dessas realidades urbanas, ou seja, foi o que aconteceu conosco, a partir do momento em que a comunidade da Zona Norte, da escola de samba passou a conviver com esse elemento, até então “estranho” para eles, mas que aos poucos gerou uma “tolerância positiva”, a qual possibilitou a conquista do respeito e a admiração da comunidade, desta forma contribuindo para minimização do preconceito.

E esse também foi o momento de rompermos as barreiras do “gueto”, da sala de nossas casas, do Palácio de Cristal, dos espaços alternativos, do privado, para exercermos de fato nossa condição plena, não só de sexualidade, mas de criatividade, de produtividade e reconhecimento, desfazendo com o que o autor chama de terceira zona de intermediação.

A terceira zona de intermediação se refere à “domesticidade das práticas culturais”, ou seja, a reversão da tendência de isolamento das alteridades para evitar a eminente exposição e/ou confronto. A domesticação se estabelece no refúgio do gueto, na convivência segregada dos diferentes, cujos espaços de proximidade não apontam para a existência pacífica, solidária e ética, mas no repúdio que se cala pela complexidade da microterritorializações das convivências (próximas, dispostas ao lado e, muitas vezes, sobrepostas em tempos diferenciados). (COSTA, 2011, p. 153).

E reverter à tendência de isolamento, com intuito de evitar a exposição e/ou confronto, rompendo com a tal domesticação do gueto, da segregação foi um ponto de ação indispensável para que ocorresse a efetiva concretização do movimento político/cultural LGBT na cidade de Cruz Alta. Imaginemos que, em consonância ao que o autor afirma pela complexidade da microterritorializações das convivências, não investíssemos na abertura de espaços relacionais de exposição, que certamente geraram confrontos, os quais contribuíram para a nossa construção enquanto sujeitos, bem como das territorializações de exercício e reconhecimento de nossas sexualidades.

Claro que não podemos desprezar completamente este componente espacial, pois o “gueto”, como premissa anterior, também foi significativo na descoberta das percepções de aceitação e reconhecimento de nossos desejos e anseios. Foi um momento de construção coletiva de nossas identidades.

MacRae (2005, p. 299) afirma que o gueto adquire essa importância.

Os sentimentos de culpa e pecado que oprimem o homossexual são constantemente repostos por fatores sociais que o levam a ocultar-se, a ter medo do ridículo, da prisão, do desemprego, do ostracismo por parte de amigos e familiares. O gueto é um lugar onde tais pressões são momentaneamente afastadas e, portanto, o homossexual tem mais condições de se assumir e de testar uma nova identidade social. Uma vez

construída a nova identidade, ele adquire coragem para assumi-la em ambientes menos restritos e, em muitos casos, pode vir a ser conhecido como homossexual em todos os meios que frequenta. Por isso, é da maior importância a existência do gueto. Mais cedo ou mais tarde, acaba afetando outras áreas da sociedade. (MACRAE, 2005, p. 299).

E foi exatamente, neste espaço, o “gueto”, que a partir das concepções individuais, das histórias de vida, das experiências de cada um, que formalizamos, o que o autor propõe, de uma nova identidade, uma identidade individual e ao mesmo tempo coletiva, que nos fortaleceu enquanto sujeitos orientados para o mesmo sexo. Todas as nossas brincadeiras, criações, debates, conversas e até mesmo experiências sexuais foram fundamentais nesse processo, e é claro, aconteceram no nosso “gueto”, nos espaços fechados. Mais adiante, o fortalecimento de nossas relações possibilitou a coragem de assumir nossa sexualidade em ambientes menos restritos, como a Escola de Samba, nos tornando conhecidos em todos os meios. Assim, a nossa condição sexual foi sendo aceita, naturalmente, e a Escola de Samba se tornou o primeiro lugar de experiência para a construção do nosso protagonismo nas questões da sexualidade e da diversidade.

Outro momento importante para tomada de uma consciência mais política, não só partidária, e enquanto movimento social foi da nossa militância junto ao Partido dos Trabalhadores – PT. Esse contato direto com a política contribui para que nos encontrássemos enquanto agentes de transformação da sociedade, principalmente nas questões ligadas ao movimento LGBT. E a partir daqui, se inicia um novo processo de uso e apropriação de determinados espaços, fora da nossa relação com o bairro, com a Escola de Samba, com o micro, o que passo a chamar de “expansão da homossexualidade” em espaços até então não preenchidos.

Ir além do “bairro” ou, como abrir a cidade (Vieira, 2011, p. 247), como ocupar espaços até então vistos somente como heteronormativos, deixando de lado o “armário” para ser protagonistas, dando visibilidade para questões da sexualidade, é outro momento espaço-temporal um tanto complexo e desafiador. Como vivenciamos nas narrativas de Thiago e Everlei, a maioria de nós criou um envolvimento político de diferentes ordens, seja nas causas da juventude, da cultura, da orientação sexual, na questão da política partidária, da militância, ou até mesmo na própria Escola de Samba, sempre com um componente de liderança muito forte. E ocupar determinados lugares de liderança e protagonismo, até então compostos

somente por heterossexuais, foi fundamental para que pudéssemos ir “além do bairro”. Como exemplo, o lançamento da candidatura do Everlei, no ano de 2004, ao cargo de vereador. Um cargo público e de visibilidade que marca uma posicionalidade de enfrentamento e motivação para um novo tempo e um novo espaço que até então nunca foi ocupado por um gay na cidade de Cruz Alta-RS. Mesmo neste primeiro momento, o Everlei não tendo sido eleito, a nossa atitude de colocar a cara, de expor as nossas fragilidades e de enfrentar uma sociedade heteronormativa foi significativo, o que se compreende quando Vieira (2011, p. 248/249) nos afirma que o espaço urbano é atravessado por uma linha divisória, entre estar fora e estar dentro do armário, que marca os discursos científicos sobre o tema. Assim, muitas vezes a expressão mais clara dessa linha de fronteira simbólica é a assumpção do espaço urbano como espaço heterossexualizado ou heteronormativo.

Outro momento significativo que se apresenta nas narrativas foi quando, no ano de 2005, passadas as eleições municipais, fomos convidados a assumir espaços importantes da administração pública, firmando aqui a nossa saída do “armário” para uma condição maior, trazendo um novo elemento estruturante da investigação nas geografias da sexualidade, o conceito da visibilidade. Tucker (2009, p. 3) nos aponta que na sua essência, este é um conceito geográfico que examina como os grupos *queer* são capazes de superar a heteronormatividade de espaços urbanos, nomeadamente, as opções estratégicas que estão disponíveis para eles levar a cabo este combate. Neste caso, as opções estratégicas de superação à heteronormatividade vêm a partir de outros elementos, como nossa formação profissional e acadêmica. Como podemos presenciar nas narrativas, todos nós, de alguma forma, buscamos através da educação um aprimoramento em alguma área que nos possibilitasse enfrentar as dissonâncias das pressões do cotidiano. Sempre estivemos ligados diretamente ao processo educativo, buscando a qualificação necessária, a partir dos nossos interesses pessoais, mas calcados numa ajuda mútua, coletiva de motivação, e o Thiago sempre foi o pilar para o entendimento que só através desse processo conseguiríamos alcançar e ocupar os espaços desejados. Como ele mesmo afirma em sua narrativa, essa politização, essa formação profissional, através da educação, e o nosso coletivo de amizade, acabaram sendo determinantes para que se construísse uma referencia positiva e de respeito às questões da diversidade sexual na cidade. Portanto, somos fruto de

um conjunto de estratégias, de criações, que nos deram o suporte necessário para chegarmos e ocuparmos as mais diferentes instâncias da sociabilidade pública ou privada, superando o conceito “normativo” da heterossexualidade.

Mas aqui também passamos a experienciar um novo momento, um tanto quando desafiador. Estávamos saindo da nossa zona de conforto, de segurança, para nos aventurarmos num outro espaço até então distante da nossa realidade. O fato de eu, Thiago e Everlei ocuparmos cargos de relevância na administração municipal, motivou muitos enfrentamentos no campo das idéias, bem como, da prática cotidiana, e estas ações, como acompanhamos nas narrativas, causaram um certo desconforto, principalmente com alguns setores da sociedade que não aceitaram facilmente.

E em meio a esta conjuntura, em que grupos LGBT's estavam cada vez mais fortalecidos com o propósito de trabalhar pelas causas dos Direitos Humanos e pela prevenção das DST's e Aids, sentimos a necessidade de criar um entidade que pudesse concentrar as discussões do meio LGBT da cidade, bem como desenvolver atividades que proporcionassem uma maior visibilidade, de forma que isso ocorresse por parte do próprio movimento gay da cidade, surgindo então o Grupo Diversidade Cruz Alta. Grupo este que tem um significado importante para a inserção e expansão junto ao movimento social LGBT do estado e do país, construindo relações permanentes de diálogo com outras instituições de apoio e formação da militância e mobilização na luta pelos direitos dos LGBT's.

E foi exatamente aqui que a cidade começa a perceber o surgimento de um novo momento histórico e de visibilidade das causas LGBT's, que mais tarde causaram um certo “estranhamento” por parte da sociedade, ainda não preparada para esse fenômeno. Para Costa (2010, p. 210) o estranhamento apresenta-se como uma fronteira entre o eu e o outro, uma fronteira que aproxima e que separa ao mesmo tempo. O resultado é a banalização e a indiferença daqueles que estão “próximo”, mas não “comigo” ou “conosco”.

E esta certa banalização que gera repúdios individuais, desde a reação fóbica ou a indiferença, acabou resultando numa das cenas mais complexa e desafiadora de nossas trajetórias de vida, as nossas prisões.

Talvez aqui, podemos perceber o quanto, realmente, é difícil para os sujeitos orientados para o mesmo sexo, em suas mais diferentes definições, poderem encarar suas liberdades sem que haja a repressão, o ódio, a fobia, a exclusão e a

segregação social. Como são difíceis os espaços urbanos, e as pessoas que os compõem de aceitarem o diferente.

Com a visibilidade que estávamos tendo e dando as causas LGBT's na cidade, outro fator importante foi o de que muitos outros gays também passaram a expressar e assumir publicamente suas orientações sexuais, além de se engajarem na luta em prol do movimento local, o que promoveu a libertação da "homofobia internalizada" de alguns setores da sociedade, que não compreendiam a emergência das causas LGBT's da cidade, e com isso gerou-se uma tentativa de "repressão" ao movimento e as expressões de gênero e sexualidade na cidade, tendo como pano de fundo as nossas prisões.

Isso também nos permitiu avaliarmos sobre outra ótica as questões da sexualidade, bem como o entendimento de que as identidades sociais e o espaço têm uma relação mútua de constituição e reprodução, e de que o espaço reflete as relações de poder e os discursos hegemônicos, e de que a desigualdade se pode perpetuar através das formas pelas quais o espaço é organizado, vivenciado, representado e criado, conforme definiram Massey; Mitchell; Smith; Velentine (1991, 1999, 2000, e 2007 apud FERREIRA, 2011, p. 43).

Por isso, a busca incessante por desconstruir e reconstruir novos discursos, seja nas ciências ou na práxis do cotidiano são fundamentais no enfrentamento dos componentes heteronormativos impostos pelos aparelhos hegemônicos de representação da sociedade. E como exemplo disso, hoje se desdobra no fato de termos eleito, o Everlei, primeiro vereador gay assumido a ocupar esse espaço de representação social. Um vereador que vem dessa rede de amizade, afetividade e companheirismo, dessas construções relacionais, espaciais e temporais de histórias que ainda continuam a se movimentar em busca de melhores condições para todos os sujeitos LGBT's. Como nos afirma Vieira (2011, p. 246) a construção deste modelo de pertença plasmado em redes de amizades como dinâmicas onde gays e lésbicas são capazes de criar, transformar, manter e reproduzir as suas identidades e comunidades é fundamental.

E em meio a todos esses lampejos e reflexões de nossas trajetórias, podemos considerar que esses entrelaçamentos de nossas histórias vão desembocar num outro movimento importante, que é parte dessa construção coletiva, onde todos fizeram e fazem parte, e que nos coloca como protagonistas na consolidação do movimento LGBT da cidade e do estado. Todas essas experiências

nos levaram a criar um dos maiores eventos de promoção da cultura e da visibilidade para as causas LGBT's locais e regionais do Rio Grande do Sul, a "Festa da Diversidade".

Enfim, este trabalho tem como objetivo principal compreender como a "Festa da Diversidade" constitui territórios de exercício da sexualidade LGBT, bem como de reconhecimento social, em Cruz Alta-RS.

2 A FESTA DA DIVERSIDADE EM CRUZ ALTA-RS

A sociedade através de suas transformações vem sofrendo mudanças significativas em suas estruturas físicas e psicológicas, representadas por um sistema de conteúdos e formas, que juntas, constituem os princípios da sociabilização contemporânea, portanto, a sociedade é uma realidade ao mesmo tempo objetiva e subjetiva, um todo complexo onde se constituem as partes, e onde os homens agem e pensam relacionalmente em função de objetivos concretos.

E na Geografia, partindo desse pensamento, novos desafios têm surgido, trazendo algumas reflexões associadas à discussão geográfica em decorrência das radicais transformações ocorridas na organização do espaço, principalmente nas relações políticas, econômicas, sociais, culturais e ambientais, as quais têm interferindo na organização da sociedade. Tais transformações exigiram um esforço ampliado da ciência geográfica, na medida em que os efeitos da globalização provocaram mudanças significativas não só nos lugares, mas também nos sujeitos, que passaram a contar, cada vez mais intensamente, com a influência de determinados processos e conteúdos que possibilitaram a retomada de discussões acerca da formação da sociedade contemporânea.

E essa mudança do pensamento geográfico, a qual acompanha a desconstrução de um conhecimento universalizado, passando para um saber diversificado, novas possibilidades de reconhecimento das invisibilidades passam a fazer parte dos estudos e práticas investigativas da ciência geográfica.

Como explica Salvi (2000, p. 96) esse desafio põe em relevo alguns dos mais básicos e tidos como um dos mais consensuais conceitos sobre racionalidade, verdade e progresso na pesquisa.

Dear (1988), na visão de Graham (1995, p. 175), aponta para uma época de crise nas Humanidades e Ciências Sociais. A Geografia também estaria em desorganização e desarranjo interno caracterizado pela fragmentação de uma variedade de especializações e uma cacofonia de diferentes vozes que se oporiam a encontrar uma base comum. Interpretando a mensagem de Dear (1988), a autora sublinha a sua idéia sobre os geógrafos serem responsáveis por progressivas atitudes de desengajamento das principais correntes da Filosofia, das Ciências Sociais e das Humanidades. (SALVI, 2000, p. 96)

Entre essas atitudes transformadoras, encontram-se as abordagens de gênero, conduzidas por um movimento científico-político das geografias feministas. Para Ornat (2008, p. 314) a tradição da discussão envolvendo a relação entre espaço, gênero e sexualidade, remonta apenas à década de 1970: “Tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra, desde esta década, um sub-campo da geografia tem se afirmado, denominado Geografia Feminista”. E através dela tem-se produzido uma compreensão da incorporação da identidade ao gênero na representação social do espaço.

Neste momento, a Geografia Cultural também passa a incorporar outros debates e interfaces em sua práxis investigativa, entre eles o da sexualidade. Mesmo existindo certa resistência na produção e desenvolvimento de pesquisas acerca desta temática, Silva (2011, p.187) nos afirmar que apesar de tais dificuldades enfrentadas pela ciência geográfica em aceitar o desenvolvimento de investigações na área de sexualidade, muitos pesquisadores brasileiros e ativistas políticos têm apresentado um importante trabalho para a disseminação dessa temática através da Geografia.

E junto desta discussão, outra importante contribuição para o melhoramento das pesquisas na área da sexualidade está nos estudos de Gênero, os quais têm buscado romper as barreiras da bipolarização homem *versus* mulher e os padrões sociais de relacionamento. Como exemplifica Silva (2010) são os atos, os gestos, as vestimentas, os adereços que constroem e sustentam as identidades de gênero, sendo que o gênero deixa de existir em si, não estando mais ligado ao corpo, mas sim, as suas idealidades, o que podemos chamar de subversão do gênero.

Butler (1990) argumenta que o efeito do gênero se produz através da estilização do corpo e que esta é a forma de fabricar a “ilusão” da permanência do ser sexuado. O corpo na obra de Judith Butler não é uma superfície sexuada e pré-existente, sujeitado à inscrição cultural da sociedade heteronormativa, mas é ativo no processo representacional e pode atuar de forma a subverter o gênero performático. Isso porque, enquanto representação, o gênero não existe em sua concretude, mas em atos corporais que jamais podem ser vivenciados de forma genuína. Esta idéia está presente na obra da geógrafa Linda McDowel (1999) que compreende ambos, corpo e conduta sexual, como construções sociais em constante transformação, tencionadas pelas relações de poder, constituídos em uma história e uma geografia. (SILVA, 2010, p. 45).

Para Silva (2010, p. 46), essa perspectiva crítica presente no movimento de transformação da Geografia, evidente nos anos 1990, despertou a necessidade de atitudes reflexivas em relação ao modo de produzir a ciência e subverter o poder instituído, que naturaliza as injustiças cotidianas provocadas pela ordem compulsória da sociedade heteronormativa. Essas atitudes provocaram a desconstrução da linearidade entre sexo, gênero e desejo, criando uma nova linha científica de pensamento denominada Geografia *Queer*.

As idéias *queers* possibilitaram um avanço dos estudos sobre as sexualidades. Segundo Knopp (2007, p. 47), a emergência *queer* tem contribuído com campos já consolidados, que passaram a problematizar o significado da sexualidade nas instituições e na vida social como um todo. Neste sentido, grupos e movimentos surgem com a intenção de mobilizar e organizar estas minorias, sendo eles, os movimentos sociais vinculados ao direito de exercício da sexualidade e na luta pelo reconhecimento dos sujeitos LGBT's – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros.

Este movimento passa a tecer táticas culturais e políticas que influenciaram no despertar de sujeitos e agentes, que passaram a interagir e mobilizar a comunidade LGBT, não só nos grandes centros, mas também em pequenas cidades do país. Silva (2000, p. 25), nos expõe que os cientistas sociais, especialmente os geógrafos, privilegiaram o estudo das cidades de grandes dimensões, pois a forma espacial apresentada por elas é mais complexa do que a das pequenas cidades. E essa aparente uniformidade e regularidade das pequenas e médias cidades acabaram por desestimular os geógrafos.

As pequenas cidades foram esquecidas como integrantes da totalidade da sociedade moderna, pois sempre foram vistas em oposição às grandes cidades, ou como uma repetição atrasada destas, ou seja, se as grandes cidades eram complexas, símbolo de modernidade, atraentes e representavam o futuro, as pequenas cidades eram simples, símbolo do atraso, abandonadas e fadadas a ficarem no passado. (SILVA, 2000, p. 26)

Apesar desta dualidade de pensamento, as relações sociais nas pequenas cidades possibilitam a criação de códigos particulares e territórios específicos, cuja lógica só pode ser entendida no desenrolar da vida cotidiana e do universo cultural

que lhes dá sentido.

Costa (2010, p. 208) também analisa que as cidades constituem-se num campo de investigação altamente complexo. Para ele, a densidade populacional e o grau de complexidade informacional que permeiam seus sítios promovem o experimento das mais variáveis manifestações culturais.

Embora a cidade seja o foco da cultura de massa, ela se apresenta como verdadeira manifestação da heterogeneidade humana. As culturas, ou seja, “as unidades vividas das experiências, que produzem determinadas estruturas de sentimentos” (JACKSON apud MACDOWELL, 1996, p.170), antes imersas na massa populacional e escondidas em padrões de classe social, emergem de seus esconderijos e são vividas, encenadas e sugeridas como possíveis alternativas à estética e ao comportamento padronizado. (COSTA, 2010, p. 208)

E essas alternativas apontadas pelo autor, de uma diversidade cultural presente na cidade contemporânea, a qual é fruto das lutas por reconhecimento social de diferentes sujeitos que se sentiam incompatíveis com os padrões sociais estabelecidos, passam a ser incorporadas pelas minorias como os grupos orientados para o mesmo sexo que rompem fronteiras e limites na luta pelo reconhecimento e exercício de suas sexualidades. Sendo assim, as pequenas cidades, através de sujeitos culturais/sociais/políticos, criam tais alternativas de visibilidade e afirmação de suas identidades sexuais. E a “Festa da Diversidade”, realizada na cidade de Cruz Alta, região noroeste, interior do Rio Grande do Sul, é exemplo destas estruturas de sentimentos, antes imersas e escondidas que emergem de seus esconderijos e são vividas, encenadas e sugeridas como possíveis alternativas ao comportamento padronizado.

2.1 Cruz Alta no contexto do Rio Grande do Sul

De acordo com os dados retirados do *site* Wikipédia, baseados em informações dos livros escritos pelo historiador cruz-altense Rossano Cavalari (2013), a história de Cruz Alta remonta ao final do século XVII, quando uma grande cruz de madeira foi erguida a mando do padre jesuíta *Anton Sepp Von Recheegg*, em

1698, logo após a fundação de São João Batista nos Sete Povos Missioneiros. Mais tarde, com a celebração do Tratado de Santo Ildefonso em 1777, a linha divisória (Campos Neutrais) que separava as terras da Espanha das de Portugal, cortava o território rio-grandense pelos divisores de água exatamente por esse local onde existia a grande cruz e uma pequena Capela em referencia ao Menino Jesus.

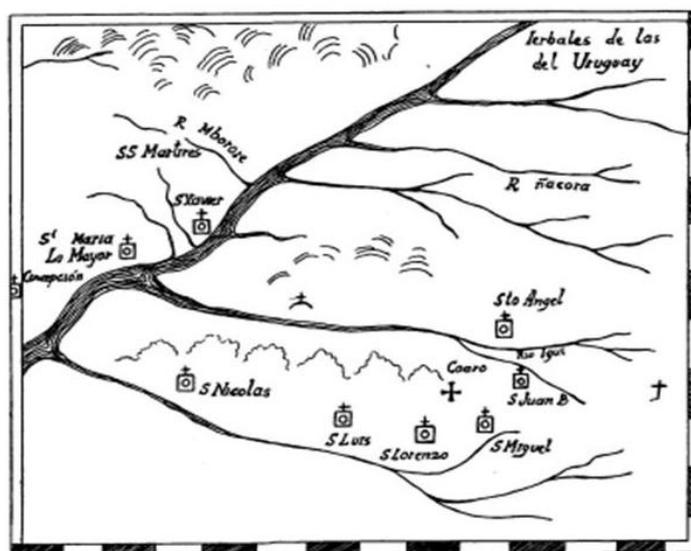


Figura 1 – Este mapa, do século XVIII, mostra claramente, em meio às reduções dos Sete Povos, uma grande Cruz plantada nos divisores de água do território rio-grandense e que mais adiante seria fundamental para o desenvolvimento de outro ciclo econômico importante: o tropeirismo.

A partir de então, este imenso "corredor", recebeu um grande fluxo de pessoas das mais variadas atividades, como comerciantes, desertores do exército, contrabandistas, imigrantes, etc. A cruz alta tornou-se ponto de internada e um grande pouso para milhares de tropeiros oriundos das fronteiras com Argentina e Uruguai, que se dirigiam até a Feira de Sorocaba para comercialização dos animais muars (mulas).

O local consolidou-se ainda no final do século XVIII como pouso dos tropeiros, e muitos passaram a residir nas proximidades, até que, no início do século XIX, depois de uma tentativa sem sucesso, mudaram-se então mais para o norte, estabelecendo-se onde hoje está a cidade de Cruz Alta, cuja fundação se deu no dia 18 de agosto de 1821 em resposta a uma petição feita pelos moradores. A água das

Importantes personalidades gaúchas nasceram em Cruz Alta, como o escritor Erico Veríssimo, o político Júlio de Castilhos, o senador José Gomes Pinheiro Machado, os generais Salvador Pinheiro Machado e Firmino de Paula, o médico Heitor Annes Dias, o poeta Heitor Saldanha, o jornalista Justino Martins, e o artista plástico Saint Clair Cemin.

Cruz Alta foi elemento importante em alguns dos principais acontecimentos que o estado vivenciou, como, por exemplo, na Revolução Farroupilha, quando o município recém criado foi alvo de incursões militares e especulações políticas em sua Câmara de Vereadores, além de receber o Alto Comando Farrapo em janeiro de 1841 com a presença de Bento Gonçalves, Giuseppe Garibaldi, Anita Garibaldi e David Canabarro. Já na Guerra do Paraguai, Cruz Alta forneceu vários voluntários da pátria, que lutaram sob o comando do Coronel Jango Vidal e do Brigadeiro José Gomes Portinho. Em 12 de abril de 1879, a Lei nº 1075, elevou a categoria de Cruz Alta de vila para cidade. Em maio de 1879, a cidade passou a contar com serviços de telégrafo. A partir de 1870, os movimentos ocorridos na cidade em favor da abolição da escravidão culminaram, em 30 de agosto de 1884, na extinção do escravismo dentro de suas fronteiras.

Durante a Revolução de 1893, o município foi apelidado de "Ninho dos Pica-paus", sendo um dos mais importantes palcos dos acontecimentos, e também o lugar onde a prática da degola neste período foi mais intensa. Cruz Alta foi atacada em 26 de agosto de 1894 pelas tropas maragatas sob o comando de Aparício Saraiva, irmão de Gumercindo Saraiva (morto dias antes em Carovi, perto de Santiago), com aproximadamente 1.500 homens. A cidade foi atacada por oito horas sem tréguas.

Em 2 de agosto de 1895 foi fundada a Loja Maçônica Harmonia Cruz-Altense, com 18 membros influentes na sociedade. Já na Revolução de 1923, hordas de tropas circulavam incessantemente por seu território, depois dos alinhavados permeados de conchavos registrados nas dezenas de correspondências trocadas entre Borges de Medeiros e Firmino de Paula e Silva para maquinar os destinos da Revolução.

Portanto, Cruz Alta sempre foi uma cidade muito importante no contexto histórico do Estado do Rio Grande do Sul. O que a diferencia das demais cidades da região está justamente no componente histórico de sua formação.

2.1.1 A cidade e as pessoas

Localizada a 336 km de Porto Alegre, a cidade de Cruz Alta é considerada interiorana, de médio porte, com uma população de mais de 62 mil habitantes⁶. Com sua formação advinda da colonização de tropeiros, e "corredor" de passagem das mais diversas procedências, Cruz Alta se constitui sem ter uma característica étnica/cultural marcante, como o ocorrido em outras cidades do Estado, colonizadas por etnias alemãs ou italianas. Isso talvez reflita na construção das identidades dos sujeitos/cidadãos cruz-altenses, pois a cultura de um lugar, baseada na sua formação histórica é fundamental para a construção de uma identidade cultural para a cidade, sendo que esta construção sempre vem repleta de elementos e significados que vão identificar esse povo como pertencente a uma determinada comunidade ou região, diferenciando-os de outras.

Baseado em Stuart Hall (1996, p. 70) podemos afirmar que a identidade cultural de Cruz Alta não possui uma origem fixa à qual podemos fazer um retorno final e absoluto.

[...]: Tem suas histórias – e as histórias, por sua vez, têm seus efeitos reais, materiais e simbólicos. O passado continua a nos falar. [...]: As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história. Não uma essência, mas um posicionamento.” (STUART HALL, 1996, p. 70)

O passado, os discursos da cultura e da história refletem seus efeitos na cidade contemporânea, não sendo diferente na cidade de Cruz Alta.

Compreender a identidade cultural de um indivíduo também é questionar em qual época, sociedade e circunstância que o sujeito está inserido e como ele administra as transformações que estão ocorrendo ao seu redor. A intenção aqui não é debatermos sobre esse conceito, mas sim os efeitos reais, materiais ou simbólicos sofridos na formação da cidade de Cruz Alta-RS. Como podemos observar, a identidade cultural da cidade foi construída a partir de diferentes culturas, ora

⁶ Dados obtidos pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

negativas, ora positivas, bem como, por histórias de guerras e desmandos que criaram uma identidade cultural “empobrecida”, não menos importante, mas sem uma identificação marcante, influenciando diretamente nas relações sociais da cidade.

De acordo com a análise de Velho (1989) o viver em sociedade é resultado de um processo cultural que se concretiza pelas relações sociais que instituem símbolos que expressam uma determinada visão de mundo comum, manifestando-se em várias formas de comunicação como a linguagem, comportamentos, artefatos materiais, etc.

Os símbolos instituídos terão capacidade de influenciar e controlar o comportamento humano, dependendo da sua capacidade de transmitir e reforçar um sistema ideológico já dado. A sociedade então pode ser considerada um agregado de relações sociais, e a cultura é seu conteúdo, enfatizando os recursos acumulados que as pessoas adquirem como herança, na medida em que os utilizam, transformam, acrescentam e transmitem. (VELHO, 1989).

E estas heranças adquiridas de fato contribuíram para formação das relações sociais dos sujeitos cruz-altense, de maneira que as questões da sexualidade sempre estiveram veladas, potencializando a reprodução de identidades compulsórias heteronormativas, machistas e tradicionais.

Partindo desta análise, podemos observar que os sujeitos LGBT's da cidade nunca sentiram-se encorajados em assumir uma responsabilidade árdua e conflitante. Mesmo ficando invisíveis nesse processo, eles sempre estiveram ali, fazendo parte da história de Cruz Alta. Mas a invisibilidade de determinados grupos ou pessoas, em especial, das minorias, fazem parte do cotidiano de grandes e pequenas cidades e muitas vezes são determinadas por aquilo que podemos chamar de corpos ou histórias abjetas.

Judith Butler (1993) apresenta a noção de “corpos abjetos”, como excrescência performativa da estrutura simbólica a que se refere como “matriz heterossexual”, e recorre a uma metáfora espacial, sendo que o abjeto designa aqui zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são densamente povoadas por aqueles que não gozam do *status* de sujeito.

Corpos que não importam são corpos 'abjetos'. Tais corpos não são inteligíveis. [...] e não têm uma existência legítima.” Corpos abjetos, portanto, são da ordem do “inóspito” e do “inabitável”, enquanto os corpos que pesam, em sua existência material, ocupam os espaços legítimos, os espaços que importam. (MACDOWELL, 2008, p. 02).

A cidade de Cruz Alta reproduziu por muito tempo esse sentido sobre os corpos e suas histórias, pois os sujeitos LGBT's mesmo ocupando os espaços da cidade ficavam abjetos, distantes e excluídos da estrutura heteronormativa da vida social. Com o passar do tempo, a cidade foi se reciclando e incorporando novas transformações, mesmo tendo como base um contexto histórico/político de governos que sempre se posicionaram de maneira característica das pequenas cidades do país, com um agir burguês, coronelístico e provinciano, o que acaba por desencadear num retrocesso significativo da construção do pensamento de questões positivas para o desenvolvimento da cidade, bem como num atraso que gerou resultados negativos para vários setores sociais, econômicos e estruturais.

Desta forma, as questões da sexualidade e da diversidade foram sempre ficando fora de qualquer tipo/possibilidade de debate ou discussão, bem como do reconhecimento de tais sujeitos/corpos e histórias. Exemplo disso são os relatos de alguns sujeitos orientados para o mesmo sexo, que em épocas passadas, acabavam sendo subservientes aos caprichos da alta sociedade, mantidos como “empregadas domésticas” nas residências de famílias mais abastadas, ou caricaturizados com “transformistas”, servindo como pano de fundo de festas e eventos, ou seja, sempre tiveram seus espaços e posições sociais bem delimitados, não encontrando um lugar de expressão social, muito menos de forças políticas para lutar ou constituir um movimento em prol de suas causas.

Já as novas gerações, após um processo de amadurecimento advindo da sociedade contemporânea, foram tecendo relações espaciais de organização, criando redes e espaços relacionais muito comuns em todas as cidades, permitindo o reconhecimento e a identificação com o outro.

Como nos coloca Costa (2002, p. 03) para entendermos a cidade como uma rede de relações onde se tecem múltiplos processos de identificação é preciso compreender a existência de uma diversidade social que produz o constante encontro com o “outro”. Nesse encontro geram-se convivências pacíficas, trocas de

informação, que causam a instabilidade identitária, ou a negação e o conflito, acentuando a necessidade de se proteger aspectos e atributos identitários. Além disso, nesse jogo de identidades se produzem múltiplas apropriações sociais em grande escala (em microparte do espaço urbano), ou seja, no encontro e na reunião dos “iguais”, os quais procuram solidificar o campo de relações e materializar os signos e valores constituintes da identidade. Assim, elas disputam seu lugar no espaço, procuram se territorializar, definindo as pessoas pertencentes àquele grupo e àquele território e segregando ou sendo segregadas de/por outros, produzindo microterritorializações que possibilitam o encontro desses “iguais” para o exercício e reconhecimento de suas identidades.

A cidade se constitui por um conjunto de territórios (microterritórios) que marcamos diferentes sujeitos e convivências urbanas. O território produz a existência concreta de várias estratégias de representação dentro da cidade, assim como seus limites, ou seja, os limites onde começam estratégias de representação diferentes. As microterritorializações urbanas se expressam pelas diferenças de convivência e de relações intersubjetivas dos indivíduos que participam. Elas possibilitam o próprio encontro e o fortalecimento dessas ligações ou laços intersubjetivos. Parece que a cidade multiplica-se em realidades urbanas dentro dela mesma, na qual a diversidade de comportamentos possíveis e a complexa produção subjetiva dos indivíduos tornam dinâmicas a busca de coletivizações singulares para extravasamento de necessidades relacionas específicas. (COSTA, 2007, p. 116)

Como exemplo desta microterritorialização como estratégia de encontro e ligação intersubjetiva dos sujeitos com necessidades relacionais específicas, está a praça da cidade. Em Cruz Alta, os LGBT's em geral sempre tiveram como ponto de referência as praças centrais da cidade (praça da Matriz e praça da Prefeitura). Estas praças sempre serviram e ainda servem para momentos de conversa, prostituição ou “pegação”. E essas manifestações constituídas nas praças geraram um certo desconforto para muitas pessoas, principalmente os moradores ao redor das mesmas. Com o tempo, esse conflito foi tomando uma dimensão maior levando a sérias discussões pelo poder público, em especial, o legislativo, que através de um vereador da época, chegou a suscitar a possibilidade do fechamento do entorno das praças como forma de coibir as manifestações de gays e travestis.

Este momento traz a tona uma evidente marca de preconceito oriundo da

formação identitária e histórica da cidade, forjadas nos discursos heteronormativos como sendo únicos e verdadeiros. De acordo com Barreto (2008, p. 5) o preconceito pode ser entendido como um pré-julgamento que se faz de algo que não é familiar, que não se conhece, e que em alguns casos pode gerar medo, repulsa, ou até mesmo agressividade em um ato de estranhamento ao que não é comum ou familiar, que não faz parte do cotidiano, ou por uma potencial ameaça que a “diferença” possa trazer ou representar ao *status quo*. Neste momento, quando se oferece uma potencial ameaça a integridade da estrutura social normativa os mecânicos de poder são acionados e ambos os lados começam a tecer táticas e alianças para um enfrentamento complexo e desafiador.

Portanto, a cidade apresenta-se assim, como uma trama de pontos e trajetos instáveis que agregam sujeitos em comunhão com alguma expressão cultural e identitária de si e de seus companheiros.

A “busca de si” (Tourine e Khosrokkhavar, 2004) torna-se uma busca eterna caracterizada pela experimentação diversificada de fragmento em fragmento espaço-cultural da cidade. A experiência cultural é antes de tudo uma experiência espacial, das formas produzidas pelos diversos sujeitos em interação, que agrega uns e exclui ou torna-se desinteressante a outros. (COSTA, 2011, p. 153).

E a cidade de Cruz Alta, a partir de diferentes momentos de conflito e aliança, pode estar se conduzindo para a compreensão das realidades cotidianas que se tecem nos mais diferentes lugares e espaços. Como define Silva (2000, p. 24): “é na vida cotidiana que se desenvolvem condutas subjetivamente dotadas de sentido a partir das significações que se constroem no senso comum e que se institui a complexificação da realidade social”.

Não são os fatos históricos excepcionais e pontuais que determinam a instituição de valores culturais. Peter Berger e Thomas Luckmann consideram que “a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente. É na vivência diária que os homens são lançados em múltiplas realidades que aparecem como normais, evidentes e, diante delas, têm atitudes “naturais” e ordenadas. É também na vivência do “aqui” e “agora” que os homens constroem o mundo e se interessam por ele, porque é este mundo que lhes está ao alcance

imediatamente. É no cotidiano que a criação humana se perpetua, pois é "na vida cotidiana que se situa o núcleo racional, o centro real da práxis". BERGER; LUCKMANN, op. cit., p. 35. e LEFEBVRE 1991 apud SILVA, 2000, p. 24).

Percebemos desta forma que todas as imbricações do passado, da formação da cidade, das construções identitárias, da segregação espacial e cultural LGBT e da produção de territorializações de reconhecimento na cidade de Cruz Alta-RS são frutos desse processo em que o cotidiano é a razão, o centro real de toda a práxis construída e vivenciada pelo homem.

E neste caminho, que o movimento LGBT local faz tecer táticas políticas/culturais como estratégia para o sua permanência, manutenção e desenvolvimento.



Figura 3 – Mapa do Rio Grande do Sul com a localização da cidade de Cruz Alta. Fonte: www.google.com.br

2.2 A emergência do movimento LGBT local e suas relações com os movimentos regionais e nacionais

A organização social em torno de interesses comuns e coletivos é o princípio base dos movimentos sociais que buscam consolidar suas lutas e principalmente, mobilizar o maior número de pessoas que possam vir a estabelecer uma rede de relações e comprometimento com suas causas.

Os Movimentos Sociais Populares, que emergiram num contexto social e político brasileiro com uma fantástica capacidade criativa, organizativa e mobilizadora, principalmente na década de 80, foram os responsáveis por expressivas conquistas que garantiram melhorias na qualidade de vida da população, na afirmação de direitos e exercício da cidadania, na construção de identidades coletivas de grupos historicamente discriminados ou oprimidos.

Durante todo o século XX, possivelmente, o movimento sindical se expressou como a principal forma de organização entre os movimentos sociais, tendo assumido diferentes influências como a dos anarquistas no início do século, dos trabalhistas e dos comunistas entre a década de 30 e do Golpe Militar de 1964, do novo sindicalismo (que veio a se consolidar na construção de Central Única dos Trabalhadores – CUT), a partir da década de 80.

E é nessa direção, ou seja, de reafirmar as potencialidades conflitivas dos movimentos sociais com as relações de produção capitalista, as quais de fato não conseguem realizar e satisfazer os anseios por uma vida plena de sentido, que aponta o pensamento de Antunes (1997, p. 86) ao afirmar que outras modalidades de luta social (como a ecológica, a feminista, a dos negros, dos homossexuais, dos jovens etc.) tem se mostrado em abundância e de grande significado, na busca de uma individualidade e de uma sociabilidade dotada de sentido para este novo mundo contemporâneo. A partir de então, “novos” movimentos começam a emergir para suas lutas, ocasionando um grande “boom” dos movimentos sociais no Brasil e com ele da produção teórica brasileira.

Gohn (2004, p. 283) também nos afirma que os anos 80 trouxeram um novo panorama na prática e na teoria sobre os movimentos sociais populares. Para ela novas lutas surgiram como pelo acesso a terra e por sua posse, pela moradia, expressas nas invasões, ocupações de casas e prédios abandonados, na

articulação do movimento dos transportes, no surgimento de organizações entre as associações de moradores, nos movimentos dos favelados, no movimento de desempregados e no movimento pela saúde.

Esse cenário possibilitou ainda, que outros setores também conquistassem espaço, principalmente, às demandas por direitos e cidadania, o que despertou o interesse de teóricos e pesquisadores.

As mudanças na conjuntura política no início dos anos 80 vieram a alterar o cenário. No campo popular começou-se a indagar e a questionar, o caráter novo dos movimentos populares. No campo das práticas não exclusivamente populares, iniciou-se o interesse, por parte dos pesquisadores, por outros tipos de movimentos sociais, tais como o das mulheres, os ecológicos, os dos negros, índios, etc. Foram movimentos que ganharam expressão naquela década, embora fossem lutas já antigas que ressurgiram no Brasil ao final dos anos 70. (GOHN 2004, p. 283)

Os “novos” movimentos sociais também sinalizaram em princípio um distanciamento do caráter classista que se configurava nos movimentos sindicais, operários, em torno do mundo do trabalho, o que não significa que em determinados momentos históricos possam assumir uma contraposição com o sistema econômico e social vigente.

Em síntese, os novos atores sociais que emergiram na sociedade civil brasileira, após 1970, à revelia do Estado, e contra ele num primeiro momento, configuraram novos espaços e formatos de participação e de relações sociais. Estes novos espaços foram construídos basicamente pelos movimentos sociais, populares ou não, nos anos 70-80 (Gohn, 1991); e nos anos 90 por um tipo especial de ONGs que denominamos anteriormente de cidadãs, ou seja, entidades sem fins lucrativos que se orientam para a promoção e para o desenvolvimento de comunidades carentes a partir de relações baseadas em direitos e deveres da cidadania. (GOHN 2004, P. 303).

Os anos 90 redefiniram novamente o cenário das lutas sociais no Brasil, deslocando alguns eixos de atenção dos analistas. Os movimentos sociais populares urbanos dos anos 70-80 alteraram-se substancialmente. Alguns entraram em crise interna: de militância, de mobilização, de participação cotidiana em

atividades organizadas, de credibilidade nas políticas públicas e de confiabilidade e legitimidade junto à própria população.

Os “novos” movimentos sociais também passaram a desenvolver ações particularizadas relacionadas às dimensões da identidade humana, deslocada das condições socioeconômicas predominantes, de modo que suas práticas não se aproximam de um projeto de sociabilidade diferenciada das relações sociais capitalistas, ou seja, não se voltariam para a transformação das atuais formas de dominação política e econômica, no sentido da construção de uma sociedade baseada na organização coletiva e no desenvolvimento das potencialidades humanas na direção não-capitalista. Escobar (2006, p. 643) afirma que:

A aparente consolidação do capitalismo neoliberal como modelo principal de globalização após 1990 tem sido acompanhada por uma concomitante alteração do modo de funcionamento dos movimentos sociais. Enquanto alguns vêm na ascensão da globalização e no desaparecimento do “socialismo real” a falência dos movimentos sociais, outros percebem nas incipientes formas de protesto global o despertar de uma nova vaga de resistência que poderá ou não gerar, de maneira sustentada, o seu próprio *momentum* teórico e político. (ESCOBAR, 2006, p. 643)

Nesta mesma direção, os anos 90 também oportunizaram o surgimento de um movimento, com raízes voltadas para a luta pela terra, que consolidou-se como o maior movimento social do Brasil e da América Latina, o MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. Assim, a década de 90 foi significativa para o surgimento e a organização de “novos” movimentos sociais, e principalmente para a consolidação de uma nova visão sobre os movimentos, na contramão do processo globalizante e capitalista pelo qual vivemos até hoje.

Segundo Scherer-Warren (1996, p.49-50), estes “novos” movimentos sociais atuaram no sentido de estabelecer um novo equilíbrio de forças entre Estado (aqui entendido como o campo da política institucional: o governo, dos partidos e dos aparelhos burocráticos de dominação) e sociedade civil (campo da organização social que se realiza a partir das classes sociais ou de todas as outras espécies de agrupamentos sociais fora do Estado enquanto aparelho), bem como no interior da própria sociedade civil nas relações de força entre dominantes e dominados, entre subordinantes e subordinados.

Passamani (2009, p. 125) também conceitua que o paradigma dos novos movimentos sociais surge a partir da constatação da inadequação explicativa do paradigma marxista para os fenômenos sociais dos movimentos que começaram a surgir na Europa dos anos 60 e 70 do século XX, bem como que estes movimentos tinham características em comum e um modelo baseado na cultura, uma cultura dinâmica, viva e em transformação.

No paradigma dos novos movimentos sociais, a política ganha relevância e é ressignificada: ela passa a ser central na vida social cotidiana. O poder descentraliza-se, está na sociedade civil e não mais no Estado. Os atores sociais são o coletivo, e sua identidade criada no desenvolver do processo. (PASSAMANI, 2009, p. 125).

Em conformidade com este novo paradigma, Gonh (1995, p. 44) nos afirma que os movimentos sociais passam a ser ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil, e suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de: conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social/político/cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum, e esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade que é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo.

Na óptica de Touraine (1977, apud GOHN, 2004, p. 145) os movimentos sociais podem ser definidos como ações coletivas associadas à luta por interesses, associados à organização social, a mudanças na esfera social e cultural. Evidentemente, essa mobilização é realizada contra um opositor, que resiste. Gonh (2004, p. 145), também compreende através de Touraine (1977) que:

Os movimentos sociais são frutos de uma vontade coletiva. “Eles falam de si próprios como agentes de liberdade, de igualdade, de justiça social ou de independência nacional, ou ainda como apela à modernidade ou à liberação de forças novas, num mundo de tradições, preconceitos e privilégios”. (TOURAINÉ, 1977, apud, GOHN, 2004, p. 145).

Contudo, podemos considerar que os movimentos sociais são o produto de grupos que buscam, solidariamente, consolidar suas lutas na busca por melhores condições de direitos e de igualdades. A condição primeira para a associação neste movimento será a compatibilidade de idéias e ideais, reforçada pelo comprometimento e compromisso com a causa. Como define Touraine (1999, apud HOUTART, 2007, p. 20), “para fazer parte é necessário serem verdadeiros atores coletivos que necessitam de certa inscrição na história, de uma visão da totalidade do campo dentro do qual se inscrevem, de uma definição clara do adversário e, finalmente, de uma organização”.

Portanto, estamos considerando movimentos sociais os agrupamentos de pessoas, geralmente das classes populares ou de grupos minoritários e discriminados, que agem coletivamente, com algum método, realizando parcerias e alianças, abrindo diálogos e negociações com interlocutores, como processos articulados para conquistas de direitos e exercício da cidadania.

2.2.1 O movimento social LGBT no Brasil

Os movimentos sociais, sejam novos ou tradicionais, encontram-se contextualizados em meio às transformações ocorridas na economia, na expansão dos mercados, marcados pela profunda crise estrutural da economia mundial e pelas mudanças nos modelos de organização da produção. Uma compreensão que deve partir de uma análise totalizante das condições de reprodução do capital na atualidade, bem como, das mudanças verificadas na sociedade tanto de ordem econômica, política, social e tecnológica. E a luta pelo reconhecimento dos sujeitos LGBT's – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros – também vem se modificando e se articulando com as estruturas sociais vigentes, numa tentativa de acompanhar esse processo de amadurecimento.

No Brasil, o movimento social LGBT nasceu á pouco mais de trinta anos, no final da década de 1970, período esse marcado por significativas mudanças na sociedade brasileira, em que os “novos” movimentos sociais surgem como forma de

organização e mobilização alternativa, diante das repressões impostas pela ditadura e pela emergência de políticas públicas para a classe trabalhadora, criando assim, condições para o florescimento desses novos sujeitos políticos.

O movimento homossexual surgiu, no Brasil, no final dos anos 1970, definindo seu projeto de politização das questões da homossexualidade em contraste com as alternativas presentes no “gueto” e em algumas associações existentes no período anterior ao seu surgimento. Essas associações, apesar de reunirem homossexuais, possuíam uma atuação qualificada pelos militantes como “não-politizada”, por estar exclusivamente voltada para a “sociabilidade”. (FACCHINI, 2005, p. 88).

Passamani (2009, p. 132) também nos afirma que o movimento homossexual organizou-se de maneira efetiva no cenário dessas novas articulações ora no interior das esquerdas ou, ora nos esforços conjugados de outras minorias como as feministas, negros e grupos marginalizados.

As organizações *gays* foram e continuam sendo um movimento social que enfrenta uma série de barreiras quando da articulação na forma de redes com outros movimentos, porque paira ainda entre muitos atores sociais uma mentalidade por demais conservadora que traduz-se em homofobia e não aceita de forma plena as homossexualidades com parte integrante de um movimento social sério e importante. (PASSAMANI, 2009, p. 133)

Portanto, o movimento social LGBT passa a ser o produto de grupos que buscam, solidariamente, consolidar suas lutas na busca por melhores condições de direitos e de igualdades, sendo que a condição primeira para a associação neste movimento será o comprometimento e o compromisso com a causa. Como ressalta Ferrari (2003, p. 105) o “movimento gay” começou a se organizar entre o final da década de 1970 e o início dos anos de 1980: “Não somente o movimento gay, mas outros grupos sociais, nesta época, articulavam-se pela defesa da visibilidade, pela

construção de novas formas de conhecimento, de cidadania plena e pela luta por direitos civis”.

Este novo momento, também fez surgir publicações como *Snob*⁷ (1963-1969) e *Lampião da Esquina*⁸ (1978-1981) que representam o surgimento de um movimento politizado, o qual deu condições de amadurecimento das questões da sexualidade, e que mais tarde tiveram um papel importante na abertura de uma movimentação política/cultural LGBT. O fim da ditadura militar também fez surgir e reforçar um sentimento de otimismo cultural e social que atingiu a todos. A abertura política possibilitava sonhar com uma sociedade mais democrática, igualitária e justa e, mais especificamente, trazia a esperança para o movimento LGBT de uma sociedade em que a homossexualidade poderia ser celebrada sem muitas restrições.

Facchini (2005) também argumenta que a ditadura militar não teve somente um papel negativo na organização do movimento homossexual. Para ela a ditadura estimulou a formação de resistência em diversos setores sociais.

Ainda que a “abertura” tenha tido o papel de abrir espaço para que vozes, mais ou menos isoladas e abafadas, de vários setores sociais, viessem a público, não podemos negar que a ditadura produziu, por assim dizer, boa parte das condições para o *boom* movimentalista que ocorreu no decorrer dos anos 1970, e pode ter marcado sensivelmente as trajetórias individuais e os modos de atuação dos primeiros militantes homossexuais brasileiros. (FACCHINI, 2005, p. 93).

O surgimento do primeiro grupo homossexual organizado e reconhecido no país, o Grupo Somos – Grupo de Afirmação Homossexual – em São Paulo, no ano de 1978 foi outro importante momento histórico para o movimento LGBT brasileiro. Como acrescenta Ferrari (2003, p. 106) na medida em que era crescente o desinteresse pela forma como a política era conduzida, aumentavam as

⁷ O jornal foi a primeira publicação abertamente gay que surgiu no país, no ano de 1963, causando muito impacto e gerando muita influência pelo estilo que inaugurou. Inspirou o surgimento de mais de trinta publicações entre 1964 e 1969. Ao todo foram produzidas 99 edições até Junho de 1969. Fonte: *A Imprensa Gay no Brasil* de Flávia Peret. Publifolha, 2011.

⁸ O *Lampião da Esquina* foi um jornal homossexual brasileiro que circulou durante os anos de 1978 e 1981. Nasceu dentro do contexto de imprensa alternativa na época da abertura política de 1970, durante o abrandamento de anos de censura promovida pelo Golpe Militar de 1964. Fonte: *Site* <http://pt.wikipedia.org>, 2013.

preocupações com o desejo, o erotismo, a intimidade, o corpo, a subversão de valores e comportamentos, ou seja, a influência dos movimentos da contracultura e os novos interesses serviram de terreno fértil para o nascimento do movimento LGBT.

O resultado foi a vivência de um período de efervescência da homossexualidade. Talvez se possa explicar esse *boom* pelo próprio contexto da década de 1970, em que a glorificação da marginalidade era um aspecto que atingia a cultura brasileira. Mas o que importa nesse aspecto é o seu desdobramento: a crescente visibilidade das práticas homossexuais, a descoberta desse novo público pelos setores comerciais e o surgimento de uma moderna subcultura gay. Ou seja, o que estava em construção era uma alteração na relação entre homossexualidade e sociedade, que colocava desafios para o grupo. (FERRARI, 2003, 106).

E apesar de toda essa efervescência o movimento LGBT também protagonizou momentos difíceis, após o advento da epidemia da AIDS⁹, ocasionando numa nova luta para o movimento LGBT.

Através da mídia, a sociedade brasileira passa a conhecer uma nova doença que é atribuída aos homossexuais. Este fato gerou um grande mal estar para a militância e para a cena LGBT nacional, diferente de tudo que até então havia dominado a sexualidade, sobretudo as práticas homoeróticas: vergonha, silêncio, repressão, censura, discriminação e preconceito. Pensou-se até que pudesse ser o declínio do movimento. Facchini (2005, p. 102) afirma que antes do final da primeira metade dos anos 1980, houve uma drástica redução na quantidade de grupos presentes no movimento.

Isto pode ser justificado, entre outras coisas, pelo surgimento da epidemia da Aids, então chamada "*peste gay*", e seu poder de desmobilização das propostas de liberação sexual, e, ainda, pelo fato de muitas lideranças terem se voltado para luta contra a Aids, criando as primeiras respostas da sociedade civil à epidemia. (FACCHINI, 2005, p. 102).

⁹ Desde o início da epidemia, em 1980, até junho de 2012, o Brasil tem 656.701 casos registrados de AIDS (condição em que a doença já se manifestou), de acordo com o último Boletim Epidemiológico. Dados do Departamento Nacional de DST, Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde.

No início dos anos 90, em meio aos respingos da epidemia, uma quantidade de grupos organizados começava a crescer e se expandir por todo o país, permitindo a aliança de diversos agentes sociais, e o Estado brasileiro começava aos poucos a olhar para os LGBT's como sujeitos de direitos, deixando de lado o vitimismo e encarando a sexualidade como parte da condição social e política da vida cotidiana. Neste momento, os grupos em prol da prevenção e de defesa das causas da Aids, também passam a se aproximar do Estado.

Como avalia Parker (2002, p. 76), com o surgimento da epidemia e a contínua associação entre HIV/Aids com as experiências sexuais de homens gays e bissexuais no Brasil, a mobilização social e política que vinha ocorrendo dentro das comunidades gays começou a seguir de mãos dadas na defesa intensiva da causa da Aids.

No Brasil, como em outras partes do mundo em desenvolvimento (e, quanto a isso, até nos países desenvolvidos), a Aids proporcionou uma base importante, bem como uma fonte significativa de recursos, para a organização e a mobilização gay cada vez mais visíveis; Assim, de meados da década de 1980 a meados dos anos 90, o trabalho relacionado a Aids e a defesa política da causa gay formariam juntos o substrato dos modelos culturais diferentes descritos antes, ironicamente reforçando a diferença distintiva de relações do mesmo sexo constituídas através da cultura sexual tradicional e a consciência crescente de identidade homossexual e gay como um fundamento essencial da comunidade gay. Os esforços de defesa tiveram um impacto significativo na formação progressiva do que agora é, provavelmente, a maior e mais visível subcultura gay encontrada em qualquer lugar fora do mundo ocidental totalmente industrializado. (PARKER, 2002, p. 77)

Essa nova postura do movimento gay organizado, conseqüentemente, produziu uma nova relação entre cultura, sociedade e indivíduos. Desta forma, o movimento LGBT vem constituindo-se como um espaço de extrema importância na luta por direitos, por visibilidade, por emancipação e por justiça. O movimento é responsável pelas mudanças de visões, posturas, hábitos, transformações das pessoas, a partir de um conhecimento de si, do outro e do mundo.

2.2.2 O movimento LGBT local

A luta do movimento social LGBT local é muito recente, surgida a partir da criação do Grupo Diversidade Cruz Alta no ano de 2006. A cidade sempre teve na sua história personalidades que marcaram a cena “gay” e que de certa forma contribuíram para a construção deste movimento. Muitas eram vistas como personagens que animavam festas da sociedade ou, que serviam como prestadores de serviços nas áreas da costura, da estética e até mesmo como “domésticos”. Algumas se tornaram figuras folclóricas da cidade.

Como podemos perceber, o espaço de atuação delas era bem delimitado, partindo de uma visão estereotipada, (re)produzida pela sociedade contemporânea e heteronormativa, que colocava-os numa categoria de inferioridade, a margem ou numa subcultura abjeta. Estes mesmos sujeitos também não acompanharam o desenvolvimento do movimento político/cultural LGBT das décadas de 80 e 90 no país, ficando a margem deste processo de desenvolvimento das questões da sexualidade e de seus direitos.

Estes sujeitos não se tornaram protagonistas da mudança e da quebra de paradigmas conceituais sobre a sexualidade, mas contribuíram com suas histórias de vida para a construção do movimento local, que mais tarde tomaria corpo e forma, ou seja, as suas (in)visibilidades possibilitaram marcar um ponto inicial para as questões da sexualidade e da diversidade no cotidiano da cidade, e abriram caminho para uma nova geração, formada no cerne das discussões acerca da sexualidade, em especial, nas décadas de 90 e 00, que passaram a compreender e vislumbrar uma nova alternativa de ruptura com a sociedade heteronormativa, até então tida como única possibilidade de reconhecimento social.

Como observamos no capítulo anterior, este grupo surge da imbricação de relações de amizade e companheirismo que se dão num tempo e espaço relacional, nascida no bairro, no micro, e que mais tarde se expande para o macro, a cidade. E esse protagonismo só foi possível através das relações socioespaciais, construídas ao longo de suas trajetórias, as quais possibilitaram na demarcação de um território de reconhecimento entre iguais, e que mais tarde, serviu como degrau para o envolvimento em outras esferas da sociedade.

Como sugere Gattari (1996, p. 73) a reivindicação de grupos de minorias não é só a do reconhecimento de sua identidade.

A diferença dos atuais grupos homossexuais, por exemplo, em relação aos da *belle époque* é que essa questão não é setorial. Eles trabalham para que seu processo, seu devir homossexual se introduza no conjunto da sociedade, pois de fato, todas as relações são trabalhadas pelo devir homossexual. [...]: Em outras palavras, a idéia de “devir” está ligada à possibilidade ou não de um processo se singularizar. Singularidades feministas, poéticas, homossexuais, negras, etc., podem entrar em ruptura com as estratificações dominantes [...]. (GATTARI, 1996, p. 74).

Partindo desta concepção, no ano de 2005, após a implantação do Núcleo de Livre Orientação Sexual, junto ao governo municipal da época, os sujeitos envolvidos neste processo sentem a necessidade de criar um grupo que não tivesse vínculo direto com a esfera pública, e que fosse um movimento com características de ONG – Organização Não-Governamental, e que pudesse cumprir com os objetivos e atividades voltadas para o público LGBT.

Como define Gohn (1995, p. 44), estes movimentos sociais politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil.

Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de: conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo. (GOHN, 1995, p. 44)

Partindo destes pressupostos, surge o Grupo Diversidade Cruz Alta, numa tentativa de organizar as demandas do movimento, bem como de construir novas possibilidades de vivências mais positivas. Além disso, a inserção e expansão dos coordenadores do Grupo Diversidade junto ao movimento social LGBT do estado e do país inicia através de relações permanentes de diálogo com outras instituições de apoio, formação e mobilização da militância na luta pelos direitos dos LGBT's.

O principal objetivo do Grupo Diversidade Cruz Alta é de organizar o maior número de pessoas, independente de sexo, orientação sexual, etnia, credo, convicções filosóficas, condição social, idade, profissão, interessadas em defender e promover as diversidades raciais, culturais, de gênero e à liberdade da orientação sexual de LGBT's, bem como promover a prevenção e assistência no que diz respeito à Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) e outras Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST).



Figura 4 – Esta é a logomarca de identificação do Grupo. Tal marca representa um digital, com o objetivo de demonstrar que temos uma identidade coletiva, em meio à diversidade. Fonte: Grupo Diversidade Cruz Alta.

A diretoria do Grupo, eleita na data de fundação era composta de quatro membros, tendo como presidente, Everlei Martins, vice-presidente, Thiago Amorim, secretária, Salete Rasia e tesoureiro, Leandro Dal Forno. Atualmente, o presidente do Grupo é Marchello Slavieiro.

O Grupo ainda não possui registro em cartório, CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas, alvará de funcionamento e títulos de Utilidade Pública Municipal, Estadual e Federal, registro no Conselho Nacional de Assistência Social e certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social, documentos estes característicos para o status de ONG.

Um debate ainda presente junto ao Grupo, diz respeito à institucionalização da entidade. Como não há um vínculo direto com nenhuma instituição pública, o Grupo se torna autônomo em suas atividades e responsabilidades. Doimo (1995) apresenta “polaridades interpretativas” que dariam origem a uma tensão entre “autonomia” e “institucionalização” na literatura.

Frente a essa tensão apontada entre “autonomia” e “institucionalização” na literatura brasileira, entendo que (por mais críticas que se possam fazer a abordagens que, acentuando o papel das contribuições institucionais, subestimam o papel dos movimentos sociais na construção de uma cultura política que evidencia o valor da participação e da cidadania) não há atualmente como sustentar uma visão autonomista romântica como a que esteve presente na literatura do início da década de 1980. (FACCHINI, 2005, p. 62).

Facchini (2005, p. 73) também salienta que a partir do período próximo ao processo de “redemocratização” alguns analistas passaram a salientar a importância do reconhecimento das interações entre movimento e Estado, bem como o surgimento das ONG’s como um fenômeno associativo cada vez mais visível: “Essas abordagens se fazem necessárias à medida que as ONG’s deixam de ter, um papel exclusivamente de apoio aos movimentos populares ou sociais, para se tornarem uma outra forma de ação coletiva, com identidade e projetos de intervenção no social próprios”.

Por isso, o Grupo Diversidade está em constante discussão para avaliar sua condição autônoma, bem como a sua institucionalização como ONG, pautado na seguinte explicação de Facchini (2005):

No caso do movimento homossexual, esse grupo muitas vezes, apesar de continuarem se apresentando como um grupo – forma tradicional de nomear as organizações do movimento homossexual – possui formato, tipo de atuação e, em alguns momentos, até se manifesta de acordo com a identidade institucional de ONG. No entanto, ONG’s, grupos e organizações que navegam entre esses dois pólos constroem categoria de referência para o tipo de intervenção específica que se propõem a realizar na sociedade. (FACCHINI, 2005, p. 85/86).

O Grupo Diversidade independe da categorização a que se refere, vem intervindo de forma atuante junto a toda comunidade cruz-altense, desenvolvendo atividades que refletem diretamente as temáticas promovidas pela maioria das entidades organizativas LGBT's do país, tendo como eixos fundamentais a promoção da cidadania, educação e cultura, a defesa dos direitos civis e igualitários e a prevenção das DST's – Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids.

Algumas dessas ações são:

A) Promover a educação, saúde, os direitos humanos, a assistência social e o voluntariado, bem como participar de fóruns e instâncias de controle social relativo aos mesmos;

B) Realizar cursos de capacitação nas áreas de educação, saúde, cultura, direitos humanos e voluntariado;

C) Articular com movimentos populares, sindicais e entidades corporativas, governamentais e não governamentais visando ao cumprimento dos objetivos do Grupo DIVERSIDADE Cruz Alta;

D) Defender e promover os direitos humanos de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros (LGBT):

I - Conscientizar a sociedade e as pessoas que tenham orientação sexual LGBT de seus direitos humanos, principalmente de sua liberdade de orientação sexual;

II - Contribuir para a coleta e organização de informações e a produção de conhecimentos sobre a sexualidade humana, especificamente sobre LGBT's;

III - Divulgar para a sociedade as finalidades, objetivos, promoções e realizações do Grupo DIVERSIDADE Cruz Alta;

IV - Combater qualquer manifestação de discriminação por orientação sexual;

V - Promover intercâmbio com outras organizações afins nacionais e internacionais, bem como outros grupos minoritários que lutem contra o preconceito e a discriminação e na defesa dos direitos humanos, como exemplo: mulheres, negros, índios, trabalhadores, anarquistas, prostitutas, deficientes, idosos e outros, respeitando o Art. 2º do presente estatuto;

VI - Reivindicar uma política de educação sexual nas escolas, livre de qualquer preconceito e discriminação;

VII - Auxiliar na formação de novos grupos LGBT's no Estado do Rio Grande do Sul e em outras partes do Brasil;

VIII - Discutir e levar à comunidade LGBT informações relacionadas aos seus direitos humanos e à sua cidadania;

IX - Participar, apoiar e divulgar trabalhos artísticos, literários, cívicos e esportivos de LGBT's que visem à promoção da cidadania dos mesmos;

X - Acompanhar toda e qualquer questão jurídica ou policial que diga respeito à população LGBT local;

E) Promover a prevenção e a assistência à AIDS e outras DST:

I - Participar de campanhas de prevenção à AIDS/DST, individualmente ou em conjunto com outras organizações;

II - Participar de fóruns relativos à saúde (Comissão Municipal e Estadual de Prevenção e Controle de AIDS/DST, Conselhos de Saúde e outros afins);

III - Participar em debates, encontros e entrevistas as quais beneficiem a prevenção à AIDS/DST;

IV - Acompanhar as ações governamentais e não governamentais sempre com senso crítico tanto a nível federal, estadual e municipal;

V - Desenvolver projetos / programas de prevenção e assistência à AIDS/DST dirigidos a toda a comunidade conforme as possibilidades do Grupo DIVERSIDADE Cruz Alta, podendo estes projetos / programas serem em conjunto com outras organizações;

VI - Apoiar outras organizações assistenciais que ajudem pessoas com AIDS/DST;

VII - Assessorar outros grupos afins no sentido de formação, aquisição de recursos e elaboração de projetos;

VIII - Discutir e levar à comunidade LGBT informações relacionadas, principalmente, às doenças sexualmente transmissíveis, dando prioridade à AIDS/DST;

IX - Promover o marketing social do preservativo.

F) Colaborar para o processo de construção de novos direitos que garantam o exercício pleno da cidadania;

G) Promover a Cultura;

I - Desenvolver programas de educação e cultura que contribuam para transformação das comunidades, percebendo, aceitando e valorizando as diferenças;

II - Levar alternativas de desenvolvimento para crianças, jovens, adultos e idosos, das mais distintas procedências e características, por meio de atividades sócio-educativas, artísticas e culturais;

III – Fomentar o conhecimento e o reconhecimento da diversidade humana e, por sua vez, cultural, estimulando a ampliação de olhares e criação de discussões e produções intelectuais e artísticas que vislumbrem a diversidade cultural brasileira;

IV - Criar espaço de diálogo entre comunidades, cidades e até países sobre Cultura e Diversidade, com o propósito de gerar, na prática, instrumentos para a promoção do desenvolvimento, do acesso à educação e ao conhecimento e da democratização da informação e da arte;

V - Promover, organizar, produzir e incentivar atividades artísticas e sócio-culturais que contribuam para o desenvolvimento da autonomia crítica e da cidadania participativa dos sujeitos;

VI - Criar, produzir, divulgar e comercializar serviços, produtos e informações de natureza artística e sócio-culturais, com o intuito de disseminar a proposta do Grupo Diversidade;

VII – Organizar eventos como congressos, mostras, festivais, simpósios, seminários, conferências e cursos sob o prisma de estimular a discussão, o intercâmbio, a capacitação e o debate;

VIII - Desenvolver estudos e pesquisas;

XIX – Confeccionar projetos, captar recursos e patrocínios, buscando enquadrar-se e prestar contas de projetos em leis de incentivo à cultura;

X - Prestar assessoria e consultoria;

XI - Defender e conservar o patrimônio histórico e artístico, de modo a (re)vitalizar os ideais de identidade e diversidade;

XII - Constituir o órgão oficial de divulgação do Grupo DIVERSIDADE Cruz Alta, sendo sua elaboração a cargo da Diretoria;

XIII - Fomentar espaços de discussão e debate sobre a cultura e a diversidade, percebendo a possibilidade de realizações e interações entre as diferentes linguagens, tais como a dança, o teatro, a música, as artes visuais, plásticas e digitais, o folclore, o artesanato, a gastronomia, a língua e a literatura, o

circo, a ópera, a moda, a cultura popular, a mídia e a comunicação, o design e a arquitetura, a tecnologia, entre outros;

XIV – Estimular e subsidiar a constituição de Grupo de Dança, Teatro e outros coletivos de diferentes manifestações culturais, segundo planejamento e proposição que a Diretoria entender viável;

XV – Defender a diferença, a partir da cultura, da cidadania e dos direitos humanos, vislumbrando a construção de uma sociedade mais participativa e fundada nos princípios da ética e da diversidade, para isso, articulando e articulando-se ao setor cultural;

XVI - Aglutinar entes culturais e artísticos já existentes, como forma de estimular a produção coletiva, a participação e o desenvolvimento de atividades que percebam, valorizem e reafirmem os objetivos do Grupo Diversidade;

XVII – Intervir junto aos organismos públicos e privados das diferentes esferas e abrangências com o propósito de garantir a realização de parcerias, ações continuadas e pontuais, convênios e programas de cultura;

XVIII – Proporcionar o intercâmbio e estimular a troca de experiências com grupos, eventos, instituições, entidades e outros agentes culturais, de dentro e fora do país, a fim de exaltar a identidade e diversidade da cultura brasileira, nas suas mais distintas vias de expressão.

O Grupo também tem buscado através das participações em eventos, Paradas LGBT's, seminários e palestras, criar uma relação direta com outros movimentos regionais e nacionais. Santa Maria, Rosário do Sul, Ijuí, Santo Ângelo, Panambi, Uruguaiana e Porto Alegre são algumas das cidades parceiras do Grupo Diversidade Cruz Alta. O Grupo também participou no ano de 2011 do 1º Encontro Nacional da ARTGAY – Articulação Brasileira de Gays e da 4ª Marcha contra a Homofobia, realizada em Brasília-DF. O Grupo também está filiado a ABGLT¹⁰ – A Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – que hoje se tornou numa rede nacional com mais de 280 organizações afiliadas, sendo considerada a maior rede LGBT na América Latina.

Entre as principais atividades realizadas pelo Grupo está a **Conferência Regional LGBT**, que tem a intenção de inserir o movimento LGBT da região

¹⁰ A missão da ABGLT é de promover ações que garantam a cidadania e os direitos humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, contribuindo para a construção de uma sociedade democrática, na qual nenhuma pessoa seja submetida a quaisquer formas de discriminação, coerção e violência, em razão de suas orientações sexuais e identidades de gênero.

noroeste do Rio Grande do Sul nas discussões acerca dos direitos sociais e civis, bem como das bandeiras de reconhecimento e visibilidade dos LGBT's, e nas causas relacionadas a saúde, a educação e a cultura. Outra importante atividade é a **Caminhada da Diversidade** que está em sua 3ª edição e que tem como propósito mobilizar toda a comunidade, tornando-se uma importante vitrine à causa e a luta da militância LGBT junto à cidade. E por fim, a **Festa da Diversidade** que atrai centenas de pessoas de todo o estado, com a realização dos concursos que elegem a Miss e Mister Diversidade RS, Miss Transex e Melhor Show, sendo que este se constitui no principal objeto de estudo desta pesquisa.

Portanto, a comunidade de Cruz Alta, apesar dos fatores históricos e culturais que permeiam sua formação, bem como todos os acontecimentos negativos forjados para desqualificar o Grupo está se abrindo para um novo olhar sobre a questão da sexualidade. Muitas personalidades “gays” estão ganhando destaque na sociedade pelo trabalho que desenvolvem, contribuindo para uma desconstrução do estereótipo banalizado dos homossexuais do passado. Também um número cada vez maior de LGBT's vem assumindo sua sexualidade, possibilitando a constituição de um movimento maior e mais organizado. Esses novos espaços conquistados são frutos da luta pelo reconhecimento que se organizou e que aos poucos foi politizando novas questões e produzindo antagonismos sociais anteriormente impensáveis.

Os movimentos LGBT's tomaram corpo e forma, e aos poucos foram se fortalecendo em meio aos seus próprios dilemas e contradições e a cidade de Cruz Alta, acompanhando um processo de desenvolvimento pode estar se conduzindo para essa compreensão das realidades cotidianas que se tecem nos mais diferentes lugares e espaços. Obviamente, ainda existem fatores que impõem limites diante das questões da sexualidade, fazendo tecer táticas políticas/culturais como estratégias, fazendo surgir territorializações específicas para o reconhecimento e exercício das sexualidades LGBT's.

2.3 O nascimento do evento como marca urbana: a Festa da Diversidade

Como resultado de todas as relações construídas em meio ao movimento LGBT local, a Festa da Diversidade é produto final de um emaranhado de ligações e pontos entre sujeitos que teceram as táticas político/culturais para exercerem suas sexualidades e seu reconhecimento social na cidade de Cruz Alta-RS.

O evento também é um processo de construção coletiva que nasce dentro das salas das casas dos coordenadores do Grupo, nas brincadeiras de concursos de *Miss*, as quais tinham o intuito de suprir uma necessidade criativa de produzir eventos. Como nos coloca um dos coordenadores em sua narrativa no capítulo I é impossível pensar a efetivação da Festa da Diversidade, sem pensar que o embrião dela aconteceu muitos anos antes, nas brincadeiras de casa e que aos poucos tomaram uma proporção maior se desdobrando, mais tarde, no evento Festa da Diversidade.

Desta forma, compreendemos que a Festa é um processo de construção coletiva de uma rede de amizades que teve seus primeiros passos nos ensaios, nas simulações pequenas que o grupo fazia ainda brincando, com um caráter bem mais descontraído, informal na sala de suas casas e que mais tarde tornou-se num evento ampliado, organizado e politizado.

2.3.1 As edições da Festa da Diversidade

Realizada no ano de 2006, a **primeira edição** da Festa da Diversidade ocorreu junto à quadra da Escola de Samba Imperatriz da Zona Norte, espaço este importante no processo de construção dos sujeitos e das relações de pertencimento ao movimento social. Com proporções menores e com a participação apenas da cidade de Santa Maria, a Festa causou um certo estranhamento por parte da comunidade local, pois a mesma não havia presenciado um evento com tal finalidade. Um detalhe importante a ser considerado do evento é que o mesmo surge com a intenção não só de mobilizar o maior número de sujeitos e agentes LGBT's, mas também de proporcionar um momento de integração e intercâmbio com outros seguimentos e sujeitos da sociedade, pois a Festa além de momento cultural e de entretenimento é também momento de desconstrução do componente

heteronormativo e do preconceito, onde todas as pessoas são “iguais nas suas diferenças”, justificando a nomenclatura de “Festa da Diversidade”.

Neste primeiro momento, segundo os coordenadores do Grupo e fundadores do evento, algumas pessoas sentiram-se incomodadas no evento, pois não estavam preparadas para um momento de libertação das amarras do preconceito, pois na Festa também ocorre a materialização do desejo, da afetividade e do homoerótismo por parte de seus integrantes.

O caráter cultural da Festa, direcionado aos concursos de beleza, sempre foi uma tática de mobilização dos sujeitos LGBT's para a efetivação do evento, pois compreendemos que o movimento social e político não desperta tanto interesse por parte dos sujeitos LGBT's, o qual fica mais voltado aos agentes e militantes, que tem nas suas trajetórias uma construção de luta pelas causas das sexualidades nas cidades onde vivem. Este fator percebido em parte dos sujeitos LGBT's acaba desenvolvendo uma certa resistência ao debate social e político do movimento, o que não tira a importância da participação de todos na construção e materialização coletiva do evento.

Na **segunda edição** da Festa, realizada no ano de 2007, ainda na quadra da Escola de Samba, o número de cidades participantes e da comunidade local foi maior. Neste mesmo ano, com a criação efetiva do Grupo Diversidade Cruz Alta o evento ganhava um tom mais politizado que garantiria a emergência do surgimento do movimento LGBT em Cruz Alta-RS. Nesta edição, com o intuito de proporcionar um espetáculo diferenciado para os participantes do evento, os organizadores trouxeram uma “transformista”¹¹ da cidade de Porto Alegre – RS, em parceria com o Grupo “Outra Visão”¹². Também neste mesmo ano, o pesquisador deste trabalho experienciou um novo momento, o de “transformista” e apresentador de eventos LGBT's, criando a personagem *Lorren Velásquez Rivera*, a qual mais tarde se consolidou como apresentadora de diversos eventos LGBT's locais e do estado, e atualmente continua sendo a apresentadora oficial do evento.

Na **terceira edição** da Festa, no ano de 2008, mesmo após a prisão dos principais organizadores do evento, a Festa foi realizada sem nenhum tipo de

¹¹ De acordo com a definição do Dicionário, Transformista é relativo ao transformismo biológico ou quem é dele partidário. (Ator) que se disfarça, mudando rapidamente de trajes. Podemos dizer, que o Transformismo é uma arte, e que pode estar categorizado como um dos “T's” da sigla LGBT's.

¹² Grupo de promoção da cidadania e direitos humanos para a população LGBT, foi fundado no ano de 2003, e desenvolveu trabalhos em Porto Alegre e no interior do Rio Grande do Sul.

retaliação. Segundo os organizadores houve uma maior participação de público que sentiu a necessidade de apoiar o movimento local e os organizadores da Festa. Neste ano, o Grupo SOMOS¹³, da cidade de Porto Alegre-RS foi o parceiro do evento, articulando a vinda de uma “*Drag Queen*”¹⁴, e auxiliando na distribuição de materiais informativos produzidos pela entidade.

Na sua **quarta edição**, ano 2009, com a intenção de melhorar a organização e proporcionar novas atrações para o evento, os organizadores criaram um concurso mais qualificado e politizado, não ficando restrito somente aos quesitos de beleza. O concurso Miss Diversidade RS passa a buscar uma *Miss* não só com qualidades estéticas, mas também comprometida com as causas e a militância LGBT. Nesta mesma edição, também foi criado o concurso direcionado para “homens gays”, o Mister Diversidade RS. Para participar destes concursos os candidatos ao título de *Miss* devem ser “transformistas”, ou seja, sujeitos com características masculinas que se transformam numa figura feminina através da produção e efeitos estéticos, não podendo os mesmos ter realizado qualquer tipo de procedimento cirúrgico que os beneficie numa figura esteticamente feminina, como exemplo, a colocação de próteses de silicone. Os candidatos a misteres têm que preservar a figura masculina. Podemos observar aqui uma discussão muito presente nas questões da sexualidade ligada a compreensão de identidade de gênero e identidade sexual.

Para compreendermos melhor estes conceitos, inicialmente é preciso saber a diferença entre sexo e gênero. Segundo Castro (1989, p. 87), o sexo explica as diferenças físicas e biológicas entre macho e fêmea, em todas as espécies. E o gênero refere-se apenas à espécie humana, levando em consideração aspectos sociais e culturais que influenciam homens e mulheres, tornando-os seres culturais, plurais e variáveis.

O gênero se realiza culturalmente, por ideologias que tomam formas específicas em cada momento histórico e tais formas estão associadas a

¹³ O SOMOS – Comunicação, Saúde e Sexualidade é uma organização da sociedade civil criada em 10 de dezembro de 2001, formada por uma equipe multidisciplinar de profissionais das áreas da Educação, Saúde, Direito, Comunicação e Cultura que atua na cidade de Porto Alegre e interior do Rio Grande do Sul.

¹⁴ *Drag queens* ou *Drag kings* são artistas performáticos que se travestem, fantasiando-se cômica ou exageradamente com o intuito, geralmente, profissional e artístico. Na maioria das vezes, apresentam-se em boates e bares LGBT’s, embora haja *drags* que façam eventos para público misto e heterossexuais. Chama-se *drag queen* o homem que se veste com roupas exageradas femininas estilizadas, e *drag king* a mulher que se veste como homem. Fonte: Site <http://pt.wikipedia.org>

apropriações político-econômicas do cultural, que se dão como totalidades em lugares e períodos determinados. (CASTRO, 1989, p. 87)

A autora Judith Butler (2003, p. 236) entende que: “esses papéis de gênero seriam cotidianamente retrabalhados, demonstrando sua característica de instabilidade, temporalidade e espacialidade, a partir do conceito de performatividade, que ela entende ser a reiteração de um conjunto de normas que são anteriores aos sujeitos”.

Pelo fato de não existir um gênero ideal localizado em alguma posição social, os elementos ou normas de gênero seriam apropriados e resignificados pelos sujeitos. Esses papéis são sustentados pela imposição aos corpos da linearidade de sexo-gênero-desejo, pois espera-se que corpos nomeados como macho ou fêmea desempenhem papéis correspondentes de masculinidade e feminilidade. (ORNAT, 2008, p. 311).

McDowell (2003) também observa que o sexo vai muito além de um fato, um dado.

Ele é significado e elaborado socialmente/culturalmente, e por isso mutável, variável e aberto a mudanças (BEAUVOIR, 1967). É com regulações institucionais, práticas culturais e interações cotidianas que o sexo transforma-se em gênero, a partir de construções espaço-temporais específicas. (ORNAT, 2008, p. 311).

E tais discussões envolvendo a relação entre as temáticas de sexo e gênero colocam-se na definição da sexualidade de um indivíduo. A sexualidade segundo Castro (1989, p. 126) define-se como “sendo as suas preferências, predisposições ou experiências sexuais, na experimentação e descoberta da sua identidade e atividade sexual, num determinado período da sua existência”.

Atualmente, ocorre por parte de alguns estudiosos a tentativa de afastamento do conceito de sexualidade da noção de sexo. Enquanto que esta noção se prende com o nível físico do homem enquanto animal, a sexualidade tenderia a se referir ao plano psicológico do indivíduo. Ou seja, além dos fatores biológicos (anatômicos,

fisiológicos, etc.), a sexualidade de um indivíduo pode ser fortemente afetada pelo ambiente sócio-cultural e religioso em que este se insere.

A identidade de gênero também pode referir-se ao gênero em que a pessoa se identifica (se ela se identifica como sendo um homem, uma mulher ou se ela vê a si como fora do convencional), mas pode também ser usado para referir-se ao gênero que certa pessoa atribui ao indivíduo tendo como base o que tal pessoa reconhece como indicações de papel social de gênero (roupas, corte de cabelo, etc.). Algumas pessoas sentem que sua identidade de gênero não corresponde com seu sexo biológico, sendo identificadas como “transexuais”, dentro da categorização dos “T’s”. Como a sociedade insiste que os indivíduos devem seguir a maneira de expressão social (papel social de gênero) baseada no sexo, estes sujeitos acabam sofrendo uma pressão social maior.

Nesta edição, as táticas para a mobilização de várias cidades do estado passa a ser intensificada pelas redes sociais, em especial pelos sites *Orkut* e *MSN*, expandindo de forma mais rápida a divulgação do evento por várias cidades do estado. A utilização das redes técnico-científica-informacional foi fundamental para o aprimoramento, crescimento e desenvolvimento do evento, pois, a partir delas laços sociais e de uma rede de interações foi se formando, colocando o grupo numa posição de muito reconhecimento na luta da causa LGBT nas esferas regionais, estaduais e nacionais.

Na **quinta edição**, realizada no ano de 2010, com a possibilidade de interação com outras cidades através das redes sociais e o crescente aumento de participantes, o evento obrigou-se a mudar de local, locando um Clube no centro da cidade. Agudo, Alegrete, Bento Gonçalves, Cacequi, Caxias do Sul, Cachoeira do Sul, Canoas, Dom Pedrito, Esteio, Guaíba, Gramado, Ijuí, Itaara, Itaqui, Mata, Maçambará, Não-Me-Toque, Novo Hamburgo, Nova Prata, Panambi, Porto Alegre, Rosário do Sul, São Gabriel, Santa Cruz do Sul, Santana do Livramento, Santa Maria, São Vicente do Sul, Santiago, Santo Ângelo, São Leopoldo, Tupanciretã e Uruguaiana foram as trinta cidades participantes deste ano. Um fator importante a ser considerado está na articulação dos agentes ligados diretamente ao movimento LGBT de suas cidades, os quais organizam excursões e caravanas para o evento. Outros participantes mobilizam pequenos grupos ou se deslocam individualmente.

Neste mesmo ano, os organizadores do evento sentiram a necessidade de criar um seminário de discussão e debate sobre as causas do movimento LGBT.

Como o tema a “Escola sem Homofobia”, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, o grupo trouxe como palestrante convidado o Prof. Dr. em Educação, Clóvis Arantes, da cidade de Cuiabá-MT, Presidente do Grupo Livre-Mente: Conscientização e Direitos Humanos de LGBT, Membro- Suplente do GT – MEC/LGBT e Assistente de Pesquisa do Projeto Escola Sem Homofobia (ABGLT/MEC) no intuito de fomentar um debate junto aos educadores da rede municipal e estadual de ensino. Segundo os coordenadores do evento, a participação da comunidade escolar foi pequena. Ainda nesta edição, outro momento importante de solidificação do movimento foi a realização da 1ª Caminhada contra a Homofobia, uma espécie de Mini Parada, que percorreu algumas das principais ruas centrais da cidade. Pela primeira vez, em séculos, ocorria uma manifestação pela diversidade e pela livre orientação sexual na cidade de Cruz Alta-RS. A reação da população foi de estranhamento e de respeito sem agressões ou xingamentos. De acordo com os coordenadores, a participação da população LGBT local e da comunidade cruz-altense foi pequena, mas significativa.



Figura 5 – Este foi o primeiro material impresso produzido pelo evento, e que simboliza a primeira experiência de “Parada”, e que mais tarde tornou-se Caminhada contra a Homofobia. Fonte: Grupo Diversidade Cruz Alta.

Na **sexta edição**, no ano de 2011, o evento mais uma vez mudou de local sendo realizado no Ginásio Municipal da cidade. O número de participantes permaneceu quase o mesmo. Neste ano também foi implantado o concurso Miss Diversidade Transex RS com o objetivo de atender uma reivindicação dos sujeitos transexuais, que não podiam concorrer ao título de Miss Diversidade, devido as alterações e modificações feitas em seus corpos. Outra intervenção importante foi a participação de entidades e o poder público no apoio a realização do evento, através da Secretaria Municipal de Cultura, Secretaria Municipal de Turismo e Eventos, Secretaria Municipal de Saúde, Secretaria de Educação, 9ª Coordenadoria de Educação – CRE e Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ. O 2º Seminário Regional LGBT teve como tema a “Prevenção a Vida” – Orientação sobre a prevenção da Aids e DST’s e contou com a participação da Secretaria Estadual de Direitos Humanos, momento em que foi lançado o Selo “RS sem Homofobia”, criado pelo governo do estado do Rio Grande do Sul. A 2ª Caminhada contra a Homofobia, teve como tema: “Por uma Cidade sem homofobia”.

A **sétima e última edição**, realizada no ano de 2012, realizou o 1º Encontro de Jovens Gays, Travestis e HSH¹⁵ do RS, um projeto do Grupo Diversidade Cruz Alta, executado em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde, através do SAE – Serviço de Assistência Especializada, com recursos do PAM – Plano Anual de Metas, e do Departamento Nacional de DST/Aids e Hepatites Virais, cujo objetivo foi proporcionar um encontro entre lideranças jovens e militantes de entidades e Ong’s com foco no enfrentamento da epidemia de Aids, outras DST’s e na promoção dos direitos humanos e combate a homofobia na região sul do Brasil. Segundo os organizadores do encontro, os participantes produziram um relatório com propostas aos governos federal, estadual e municipal para o desenvolvimento de ações com foco na redução da vulnerabilidade e da epidemia entre jovens gays, travestis e HSH. A 3ª Caminhada contra a Homofobia mobilizou um número maior de pessoas, aproveitando o movimento promovido pelas eleições municipais. A Festa teve uma pequena redução de público. Alvorada, Barra do Quaraí, Bento Gonçalves, Cachoeira do Sul, Canoas, Caxias do Sul, Cruz Alta, Estrela, Esteio, Erechim, Giruá, Gramado, Ijuí, Itaara, Lajeado, Livramento, Nova Petrópolis, Novo Hamburgo, Panambi, Porto Alegre, Rio Grande, Santo Ângelo, Sapucaia do Sul, Santa Maria,

¹⁵ Sigla utilizada para categorizar homens que fazem sexo com outros homens.

São Leopoldo, São Borja, São Luiz Gonzaga, Tramandaí, Veranópolis e Viamão foram as cidades participantes desta edição.

2.3.2 A organização e funcionamento da Festa

A materialização da Festa da Diversidade só é possível pela articulação de sujeitos e agentes LGBT's de todo o estado do Rio Grande do Sul. Três meses antes da realização do evento, marcada para o primeiro final de semana do mês de setembro, a organização da Festa lança através do perfil do site *Facebook* e do *Skype*, a abertura das inscrições para os concursos Miss e Mister Diversidade RS, Miss Transex Diversidade RS e Melhor Show. A organização também faz contatos diretos com os agentes culturais e políticos de determinadas cidades no intuito de que eles promovam concursos locais, e posteriormente, tragam seus representantes para o concurso estadual. Findado o prazo para as inscrições, os candidatos e candidatas confirmados são divulgados no perfil social do *Facebook*, através de fotos enviados pelos mesmos.

Muitos são os detalhes para que a Festa se materialize de fato, e tem seu início nas reuniões entre os organizadores, com a intenção de planejar as demandas específicas de cada momento, seja do Encontro, da Caminhada ou da Festa. Segundo os coordenadores do evento, este é um momento que gera tensões e antagonismos, mas que resultando em importantes definições para a realização do evento.

Para o Seminário, a definição de um tema e de uma programação é fundamental. Para isso, os temas geralmente são escolhidos de acordo com o que está em voga nas rodas de discussão do momento, mas nunca deixando de debater as questões relacionadas a Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis e o HIV/Aids. Este momento também exige a definição de local, produção de material, distribuição de convites, listas de presença, *coofebraeck*, estadia, transporte e alimentação para convidados e palestrantes. Este evento paralelo acontece, geralmente, um dia antes da Festa, na sexta-feira à noite e tem seu encerramento no sábado pela manhã.

Para a Caminhada, o tema fixado é “Cidade sem Homofobia”, que vem acompanhado de outras manifestações e reivindicações do movimento LGBT. Na caminhada, geralmente, além dos LGBT’s, outras pessoas ligadas a outros movimentos ou até mesmo os ditos simpatizantes se agregam a manifestação.



Figura 6 – A comunidade e simpatizantes ao movimento LGBT participando da caminhada. Ano 2012. Fonte: Grupo Diversidade Cruz Alta.

A caminha acontece no sábado pela manhã, logo após o encerramento das atividades do encontro, com saída de um local pré-determinado passando por algumas das principais ruas do centro da cidade até um ponto estratégico, o Calçadão, onde neste horário, tem uma circulação maior de pessoas e o comércio local está em funcionamento.



Figura 7 – Momento da saída da Caminhada contra a Homofobia com o tema “Cidade sem Homofobia. Na foto, os vencedores da 6ª edição, realizada no ano de 2011. Ano 2012. Fonte: Grupo Diversidade Cruz Alta.



Figura 8 – Os candidatos e candidatas do concurso, também participam da Caminhada. Ano 2012. Fonte: Grupo Diversidade Cruz Alta.



Figura 9 – Caminhada em meio ao calçadão, localizado na Rua Pinheiro Machado, principal via onde se localiza o centro comercial da cidade. Ano 2012. Fonte: Site Manka



Figura 10 – Momento da caminhada em que os participantes gritam palavras de ordem em prol da diversidade sexual. Ano 2012. Fonte: Site Manka

Para o funcionamento da Caminhada, carro de som serve para a divulgação da Festa e explanação das reivindicações do movimento. Os participantes ainda carregam faixas, cartazes e materiais que são distribuídos ao longo da caminhada para a população.

Para a Festa da Diversidade os cuidados e detalhes são bem maiores. Inicia com a busca de patrocinadores que auxiliam na realização do evento, com doações em dinheiro ou de brindes para os candidatos e candidatas. Na parte logística, os organizadores têm que produzir o material que será utilizado durante a realização dos concursos, tais como: script, planilhas contendo os quesitos de avaliação dos jurados, escolhidos pela comissão organizadora e que tenham algum tipo de vínculo com o movimento ou na área da estética, vídeos, músicas, faixas para os vencedores, etc.



Figura 11 – Faixas dos vencedores e vencedoras dos concursos. Ano 2012. Fonte: Grupo Diversidade Cruz Alta.

Na parte de infraestrutura, geralmente é alugado um local, o qual receberá toda a estrutura de palco, passarela, iluminação, sonorização, mesas e cadeiras e decoração.

Os candidatos e candidatas também obedecem a um regulamento criado pela organização do evento, que os obriga a participar de uma programação oficial. Esta programação obedece aos seguintes critérios: pela manhã, recepção e credenciamento de candidatos e candidatas. A tarde, ensaio geral de passarela e entrevista com jurados, momento este considerado fundamental pelos organizadores, quando são avaliados os quesitos comunicação e conhecimento.



Figura 12 – Momento do ensaio dos candidatos e candidatas. Aqui, ocorre a integração de todos os participantes que trocam informações e contatos, no sentido de compor outras redes de sociabilidade do movimento LGBT. Ano 2012. Fonte: Grupo Diversidade Cruz Alta.



Figura 13 – Momento de ensaio dos candidatos e candidatas do concurso. Ano 2012. Fonte: Grupo Diversidade Cruz Alta.

E a noite, acontece o grande momento, o espetáculo final, quando candidatos e candidatas desfilam em traje oficial do evento e em traje de Gala para a avaliação individual da mesma comissão julgadora da tarde. Num segundo momento também acontece o concurso Melhor Show, com a participação de transformistas e *Drag Queen*.



Figura 14 – Momento máximo da noite, quando os candidatos e candidatas colocam em prática o que ensaiaram. Está é a abertura do evento. Ano 2012. Fonte: Grupo Diversidade Cruz Alta.



Figura 15 – Candidatos ao título de Mister Diversidade na abertura do evento. Ano 2012. Fonte: Grupo Diversidade Cruz Alta.



Figura 16 – Momento do desfile das candidatas para avaliação dos jurados. As torcidas também são importantes para o incentivo das candidatas. Ano 2012. Fonte: Grupo Diversidade Cruz Alta.

Logo após os concursos é realizado o intervalo para que sejam computadas as notas de cada jurado, das quais saíram os dez melhores classificados por categoria (ou o número de acordo com a quantidade de candidatas) e destes são escolhidos os cinco finalistas que terão que responder, ao vivo, a uma pergunta final, selecionada pela comissão organização e sorteada de forma aleatória pelo candidato.



Figura 17 – Momento em que as candidatas respondem a pergunta final, sorteadas por elas, na presença de todos os participantes da Festa. Ano 2012. Fonte: Grupo Diversidade Cruz Alta.

Somada a nota desta pergunta final a soma geral de pontos são conhecidos os vencedores do concurso. Para os coordenadores do evento, este é momento muitas reações. Para os vencedores muita emoção e alegria e para o público euforia ou descontentamento, pois os concursos de beleza sempre carregam um estigma de resultados “comprados”, forjados. A organização do concurso busca manter o máximo de lisura e a isenção nos resultados, exemplo disso é a credibilidade que o evento vem ganhando com a crescente participação de várias cidades todos os anos.



Figura 18 – Momento do anuncio dos resultados dos vencedores, quando ocorre a passagem de faixa entre as Misses. Ano 2012. Fonte: Grupo Diversidade Cruz Alta.



Figura 19 – Candidatas vencedoras do Miss Diversidade RS. Ano 2012. Fonte: Grupo Diversidade Cruz Alta.



Figura 20 – Candidata vencedora do concurso Miss Transex Diversidade RS. Ano 2012. Fonte: Grupo Diversidade Cruz Alta.



Figura 21 – Candidatos vencedores do concurso Mister Diversidade RS. Ano 2012. Fonte: Grupo Diversidade Cruz Alta.

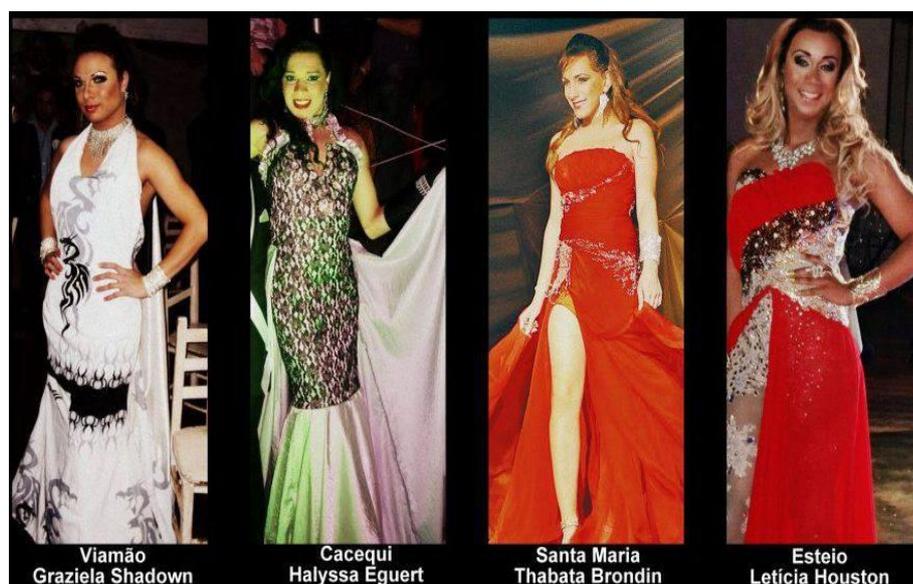


Figura 22 – Estas são as quatro últimas vencedoras do maior concurso de beleza, cultural, social e político do Rio Grande do Sul. Anos 2009-2010-2011-2012. Fonte: Grupo Diversidade Cruz Alta.

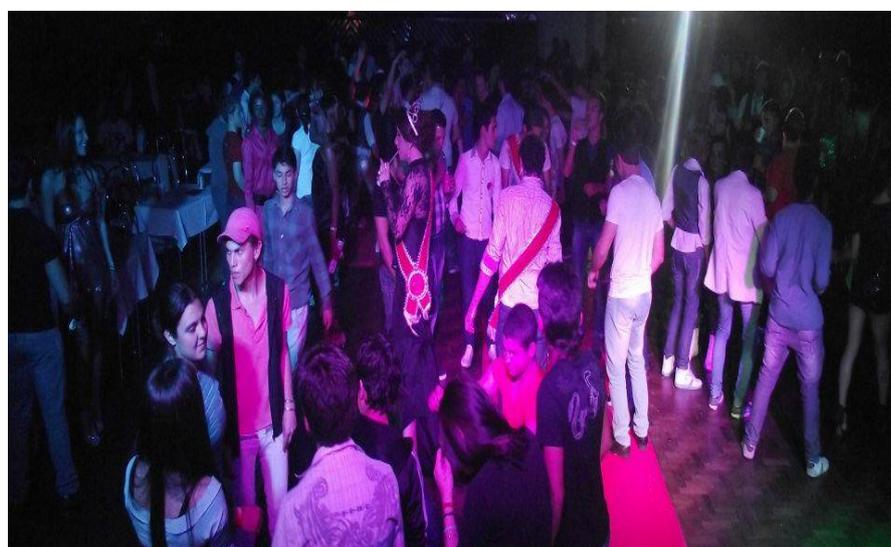


Figura 23 – Após o concurso, os participantes da Festa também se divertem e podem exercer suas sexualidades, desejos e emoções. Fonte: Grupo Diversidade Cruz Alta.

2.4 A territorialização da Festa da Diversidade

Para exercerem suas sexualidades os sujeitos LGBT's tiveram que criar ou ocupar territórios alternativos, tais como praças, boates, bares, saunas, paradas, eventos, etc. Para alguns esta necessidade é fruto da ocorrência de diversos fatores como a opressão, a discriminação e o preconceito, inerente a grupos marginalizados, e mais especificamente da homofobia para com os sujeitos orientados para o mesmo sexo. Por outro lado, estes territórios tornam-se lugar de resistência e enfrentamento.

Para Barreto (2010, p. 02) as opressões irão resultar numa segregação desse grupo, que se dá social e também espacialmente, com a formação de espaços de convivência e interação homossexual, que surgem como uma forma de fuga e, até mesmo, de luta e resistência contra essa discriminação imposta pela sociedade dominante.

Muitos grupos se agregam espacialmente através de afinidades, buscando uma forma de reunir seus semelhantes num determinado espaço, podendo isso ser visto como uma forma de auto segregação, o que acontece em parte no caso dos territórios de convivência homoafetivos. No entanto o que irá diferenciar esses espaços dos espaços de outros grupos, por exemplo, será a necessidade de existência desses para garantir que esse perfil de indivíduo exerça sua identidade, pois fora dele provavelmente sofrerá discriminação da sociedade, o que faz com que esses espaços se tornem uma necessidade e não uma escolha voluntária desse grupo. Muitos são os fatores que determinam a formação de territórios e territorialidades, que variam desde a escala local até a global. (BARRETO 2010, p. 02)

Exercer a sexualidade homoafetiva em espaços convencionais ainda é tabu. Isto tem gerado infinitas discussões contraditórias que não contribuem para construção de um diálogo de entendimento. O resultado é a produção destes territórios alternativos, ou seja, a ocupação de partes de espaços públicos, como as ruas, para a realização de movimentos em prol da visibilidade das causas LGBT's, tendo como exemplo, as Paradas Gays.

Neste momento, a definição dos conceitos de território e territorialidade torna-se o “ponto chave”, para darmos seqüência a pesquisa. Como sabemos o território é categoria fundamental na Geografia e desperta profundos debates que tem contribuído para significativas mudanças nessa ciência.

O autor Haesbaert (1995, p. 136) define o conceito de território afirmando que ele tem uma dupla face: “é um espaço dominado ou apropriado com um sentido político, mas também apropriado simbolicamente, onde as relações sociais produzem ou fortalecem uma identidade utilizando-se do espaço como referência”. Neste sentido, a dupla dimensão do território, cultural e político-disciplinar pode estar conjugada, reforçada ou ainda contraditória, devendo ser analisada de acordo com as formas e a intensidade com que se apresenta a relação entre a dimensão material (político-econômica) e a dimensão imaterial (simbólico-cultural).

Gattari e Rolnik (1996, p. 323), afirmam que os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos.

O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente 'em casa'. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos e cognitivos. (GATTARI e ROLNIK 1996, p. 323)

Portanto, o território é definidor das relações e de sua própria delimitação. Os agentes e sujeitos se organizam conforme suas intenções, possibilitando assim, a materialização de territórios. Santos (1996), também acredita que o território tem um sentido peculiar e por isso é acrescido de novas interpretações. Para ele o território não é apenas forma, mas produto histórico no trabalho humano, que resulta na construção de um domínio ou de uma delimitação do vivido territorial, assumindo múltiplas formas e determinações.

Partindo deste pressuposto, a cidade de Cruz Alta-RS passa a ser um território com marcas específicas de agentes e sujeitos que buscaram, através de

suas histórias, construir este vivido territorial que assume diferentes formas e determinações, tendo como componente espacial a Festa da Diversidade. Neste momento, passamos a evidenciar a materialização de territorialidades específicas, que contribuem para o reconhecimento e exercício das sexualidades dos grupos LGBT's.

As territorialidades conduzem a um campo imaginário de uma trama de histórias que são trocadas por diferentes sujeitos em diferentes períodos. As trocas conduzem a uma materialização que representa a possibilidade, mesmo que efêmera, de se estabelecerem relações entre tais sujeitos e, por meio delas, a perpetuação de certos elementos imaginários que torna realidade uma identidade grupal. Portanto, na perpetuação dessas relações, a “Festa da Diversidade” passa ser uma territorialidade que tem como objetivo produzir visibilidade para as ações do grupo no território da cidade de Cruz Alta, fortalecendo as identidades individuais e coletivas. E esta territorialização (alternativa e efêmera) se constitui na ação e na relação de sujeitos cujos seus propósitos de compartilhamento e apropriação de determinada fração do espaço são o desejo e a afetividade orientados para o mesmo sexo.

Os marcos de concretização e consolidação destes imaginários estão representados pelos eventos políticos (de reconhecimento da sexualidade) e culturais (a festa gay) que também podem ser evidenciadas através das chamadas “Paradas Gays” ou “Paradas Livres” ou “Paradas da Diversidade”. Nas cidades onde ocorrem, permitem a visibilidade das questões sensíveis a sexualidade e a desconstrução de uma sociedade heteronormativa, tecendo ações diretas de reconhecimento dos direitos das afetividades dos LGBT's.

Raffestin (1993, p. 143, apud BARRETO, 2010, p.05) defini o conceito de território de forma mais ampla, como sendo formado a partir do espaço, observando que:

O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator territorializa o espaço. (RAFFESTIN, 1993, apud BARRETO, 2010, p. 05)

E os eventos LGBT's, em especial com a Festa da Diversidade, através dos agentes políticos e sujeitos que a compõe acaba por territorializar o espaço de acordo com suas aspirações e desejos, se apropriando por um determinado período e de uma fração do espaço, materializando sua territorialidade. Nessa mesma dinâmica, Souza (1995, p. 05) também se posiciona de forma clara ao afirmar que: "os territórios se apresentam como "relações sociais projetadas no espaço", ressaltando que a territorialidade seria "aquilo que faz de qualquer território um território". Ou seja, o território é a afirmação de uma territorialidade a partir de sua concretização, logo a cidade de Cruz Alta-RS é esse território, e a Festa da Diversidade a afirmação de uma territorialidade.

Haesbaert (2004, p. 45) também observa que a territorialização, por sua vez, é compreendida de modo muito genérico, como:

[...]: o conjunto das múltiplas formas de construção/apropriação (concreta e/ou simbólica) do espaço social, em sua interação com os elementos como o poder (político/disciplinar), os interesses econômicos, as necessidades ecológicas e o desejo/subjetividade :[...] (HAESBAERT, 2004, p.45).

Isto nos leva a crer que as territorialidades, entre outros aspectos, podem minimizar conflitos, estabelecendo formas de diálogo, limites e regras sócioespaciais entre os diversos grupos sociais, por meio de seus "campos de força" representativos de seus imaginários materializados em um determinado espaço, os quais passam a se constituir em territórios. A presença de sujeitos LGBT's e heteronormativos na Festa estabelece está forma de diálogo, sendo que os próprios sujeitos orientados para o mesmo sexo acabam por concretizar ações, limites e regras para a materialidade das relações dadas nesta territorialidade.

Portanto, as territorialidades humanas seguem fins específicos, como sobrevivência material, melhores condições de vida, associados ideologicamente, de forma mais ou menos consciente, a contextos sócio-econômicos, políticos e culturais

mais amplos. Suas características internas se dão pela composição de três elementos básicos fundamentais: as formas de expressão de poder, associados a objetivos comuns dos participantes do grupo; a identificação simbólica do território para seus componentes; e os meios de comunicação com o exterior.

Em Haesbaert (1997, apud COSTA, 2010, p. 210) conseguimos identificar ainda outra idéia sobre o conceito de territorialização. Para ele, o território deve ser visto na perspectiva não apenas de um domínio ou controle politicamente estruturado, mas também de apropriação que incorpora uma dimensão simbólica, identitária e, porque não dizer, afetiva.

[...] O território envolve sempre, ao mesmo tempo, mas em diferentes graus de correspondência e intensidade, uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como uma forma de controle simbólico sobre o espaço em que vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como uma forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos. (HAESBAERT, 1997, p.41 e 42 apud COSTA, 2010, p. 210 e 211).

Desta forma, as territorializações são conformadas por materialidades, ou seja, partes do espaço e subjetividades, tornando as ações dos sujeitos sociais que os promovem na territorialização. É aqui que os agentes (micro)políticos atuam relacionalmente, produzindo as territorialidades materializadas pelos eventos, e as subjetividades, marcadas pelas ações dos sujeitos que a compõem.

Costa (2010, p. 215) observa que a atuação de sujeitos que começam a se apropriar do espaço a partir de ações com objetivos relacionais tendem a constituir territorializações que expressam ações objetivadas, de apropriação espacial, devido a uma intenção relacional. Essa intenção relacional, no caso dos grupos LGBT's é determinada pela sexualidade, busca afetiva, estética e comportamental, vinculadas a processos identificatórios pessoais que irão dar conformação a uma identidade coletiva, ou seja, um conjunto de sujeitos que se agregam por se identificarem por algum ponto, ou vários, que os une.

Os eventos LGBT's tendem a se caracterizar como uma territorialidade específica, com o objetivo de atrair esse público específico. Para que isso aconteça é necessária a ação de um agente, ou mais agentes políticos que juntos levaram a produção e materialização dos espaços.

O agente empreendedor explora algum processo identificatório do público alvo que quer atingir, e isso levará à reunião e à definição de uma territorialização, por um processo de interesse relacional, estético e comportamental. Por isso, ocorre uma integração entre a promoção do agente empreendedor e o grupo que começa a utilizar o ambiente para fins identificatórios e relacionais. As transformações ocorridas no grupo participante poderão modificar também o propósito inicial do empreendedor ou aprimorá-lo. (COSTA, 2010, p. 216)

Sendo assim, a Festa da Diversidade só é possível através de seus agentes empreendedores que exploram um processo de interesse e de identificação com os sujeitos que compõem o movimento de reconhecimento social, os quais também contribuem para a desconstrução do estereótipo banalizado dos sujeitos orientados para o mesmo sexo, fortalecendo a construção de um movimento organizado e na materialização dos espaços.

Para Haesbaert (1999, p. 173 apud COSTA, 2010, p. 216) “a identidade é um conceito, em princípio, individual, mas também relacional”. Essa identificação está ligada as histórias de vida, aos aprendizados e a qualidade dos grupos a que pertence ou pertenceu. O sujeito se identifica com determinadas coisas e determinados outros sujeitos. A identificação é baseada no encontro, e esse encontro é tipicamente territorial, pois a identidade “implica uma relação de semelhança ou de igualdade”.

Costa (2010) ainda afirma que as territorializações de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo também se apresentam num padrão de convivência espacial, podendo elas ser de convívio amigável, de busca sexual, como as festas gays e/ou GLS – Gays, Lésbicas e Simpatizantes, de experiências estéticas e abertas ou fechadas ao convívio homoerótico.

Em primeiro plano, as territorializações apresentam-se principalmente como interseção de ações e motivações de diferentes sujeitos em um dado local, em virtude de um propósito em comum. O propósito de estar convivendo entre outros (que se tornam iguais por terem motivações iguais, mas também diferentes, por apresentarem diferenças nas negociações e jogos de interação) dá caráter identificatório a territorialização. Isto representa uma ordem territorial que, por mais tênue que seja, concentra ou que apinha (em diferentes intensidades) sujeitos e certos interesses de interações (envolvendo trocas simbólicas, expressões negociadas, fatores discursivos estimuladores). Em relação às interações homoeróticas e/ou homoafetivas, o principal atributo motivador dos sujeitos presentes é a busca de parceiro sexual. Isto ocorre porque esta busca não pode ser esclarecida em espaço público, muito embora o espaço público esteja permeado de táticas de paqueras que aproximam sujeitos em virtude do homoerotismo. (COSTA, 2010, p. 220)

Portanto, os eventos LGBT's são a materialização de uma territorialidade de lazer, diversão, entretenimento, homoerotismo, reconhecimento e visibilidade da sexualidade, constituída de sujeitos com interesses diversos. Essa territorialidade também pode abrir espaço para uma multiterritorialização facilitada pela interação de agentes políticos através das redes-técnico-científico-informacional que conectam os sujeitos e possibilitam a produção dessas novas territorialidades e territórios.

A Festa da Diversidade é, portanto, a materialidade do movimento que só é possível pela presença de sujeitos e agentes que nela se encontram. E os sujeitos envolvidos na organização do evento têm nas suas histórias de vida, componentes e fatores que os levaram a fazer parte do movimento social de reconhecimento e luta pelas causas LGBT's. E suas ações estabeleceram um conjunto de atividades que deram visibilidade às questões da sexualidade na cidade de Cruz Alta-RS.

3 A FESTA DA DIVERSIDADE COMO TERRITORIALIZAÇÃO DE TRAMAS RELACIONAIS/LOCACIONAIS DE SUJEITOS ORIENTADOS PARA O MESMO SEXO

Entender a importância da construção de espaços de sociabilidade virtual para a efetivação material dos eventos, que se referem às políticas de luta pelo reconhecimento das diversidades sexuais é indispensável neste processo de territorialização das tramas relacionais e locacionais produzidas a partir da Festa da Diversidade. E este processo passa pela apropriação do ciberespaço, ou seja, é através dele que as relações sociais da Festa acontecem e se materializam.

Além disso, o ciberespaço pode ser concebido, também, como um novo mundo, um novo espaço de significações, um novo meio de interação, de comunicação e de vida em sociedade. Esse universo não é irreal ou imaginário, existe de fato, e o faz em um plano essencialmente diferente dos espaços conhecidos, produzindo redes de comunicação, e conseqüentemente, interações sociais de diferentes sujeitos e atores que, através desta rede, produzem espaços de sociabilidade comuns e singulares, como as redes sociais e as comunidades virtuais.

3.1 A apropriação do ciberespaço

Para Lévy (1999 apud HAESBAERT, 2004 p. 271), o ciberespaço, o qual também chamou de “rede” é mais o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores.

O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Eu defino ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. (LÉVY, 1999, apud HAESBAERT, 2004, p. 271).

Toda essa revolução que se configurou no ciberespaço abriu novas portas para outro tipo de relacionamento entre sujeito e máquina. E essa nova relação gerada originou um novo agente de ações, o que chamamos de “internauta”. Segundo Gauterio (2008, p. 43) a sociedade pós-moderna e suas tecnologias sempre mutantes e inovadoras ampliaram ainda mais as possibilidades para garantir que os “internautas” não tenham dificuldade de permanecerem *on line* em qualquer hora ou em qualquer lugar.

Lévy (2000) aponta também que a característica mais atrativa do ciberespaço seja exatamente a capacidade de combinar a comunicação interativa e a coletiva. Podemos aqui identificar que o ciberespaço tem atraído de forma significativa, a luta pelas causas de LGBT's, pois torna-se esse espaço de liberdade, interação, comunicação e coletividade.

Outro importante elemento está na materialização dos lugares de encontros de sujeitos orientados para o mesmo sexo, ou seja, o ciberespaço possibilita a construção de uma cultura LGBT e a constituição dos movimentos de luta pelo reconhecimento social, principalmente em termos de uma luta para a desconstrução do componente heteronormativo da sociedade moderna brasileira.

Nussbaumer (2008, p. 213) também afirma que a Internet se inseriu rapidamente em nosso cotidiano, sobretudo porque os indivíduos decidiram partilhar através dela aquilo que lhes interessa, e desta forma, não é a técnica que vem determinando as relações sociais na rede, mas sim as características das relações sociais que vêm se apropriando dela e dando sentido a seu uso.

Com as facilidades que a rede oferece, em particular com a criação do correio eletrônico e das listas de discussão, emerge uma infinidade de comunidades virtuais cujos membros, dispersos geograficamente, se reúnem no ambiente virtual, a partir de afinidades ou de interesses comuns. Em relação ao público gay, o ambiente *on line* assume uma importância ainda maior, pois o ambiente *off line* não oferece para esse público as mesmas oportunidades que oferece para os heterossexuais, em termos de sociabilidade e processos identificatórios. Além disso, na rede, os homossexuais têm a possibilidade de encontrar ou construir comunidades que atendam seus interesses específicos em termos de sociabilidade. A comunidade gay no ciberespaço é composta por inúmeras

subcomunidades: de jovens gays, de lésbicas adolescentes, de judeus gays, de militantes pelos direitos de GLBT, de advogados gays, e assim por diante. (NUSSBAUMER, 2008. p. 204).

Neste sentido, a construção de um ambiente virtual baseado na disseminação regional das redes técnicas, que possibilitam a emergência de redes sociais virtuais, torna-se uma importante espacialidade de encontro, de debate e de afirmação sexual e política de sujeitos e grupos orientados para o mesmo sexo.

Além de oferecer os suportes para a criação, organização e compartilhamento desses lugares-territórios virtuais, a Internet também potencializa a diversificação das interações e, com isso, a multiplicação das identidades e identificações culturais como definem Fragoso, Rebs, Barth (2010, p. 06):

Ou seja, a facilitação das interações sociais pela Internet potencializou as “múltiplas ‘tribos’ a que cada um pode pertencer [e que] revelariam múltiplas territorialidades, efêmeras, que assumiríamos ao longo de nosso cotidiano” (HAESBAERT, 2007, p. 226). Nesse processo, as vinculações identitárias individuais e coletivas transpõem-se para as representações online (ou seja, para os lugares-territórios virtuais), potencializando a experiência multiterritorial ao ampliar a gama de territórios dos quais o sujeito pode fazer parte tanto material quanto simbolicamente. (FRAGOSO, REBS, BARTH, 2010, p. 06).

Turkle (1997, p. 13) também acredita que: “as experiências na Internet podem vir a ocupar um lugar de destaque na história, no que se refere à construção das identidades”. Essas identidades são fortalecidas por uma multiterritorialidade, ligando diferentes territórios e contribuindo para a materialização de apenas uma territorialidade específica, neste caso, a Festa da Diversidade.

Outra definição importante encontrada em Recuero (2010, p. 32) afirma que a interação social, no âmbito do ciberespaço, pode dar-se de forma síncrona ou assíncrona. Essa diferença remonta a construção temporal causada pela mediação, atuando na expectativa de resposta de uma mensagem. Para a autora, uma comunicação síncrona é aquela que simula uma interação em tempo real. Deste

modo, os agentes envolvidos têm uma expectativa de resposta imediata ou quase imediata. É o caso, por exemplo, dos canais de chat, ou mesmo de conversas nos sistemas de mensagens. Os e-mail, ou um fórum, por exemplo, têm características mais assíncronas, pois a expectativa de resposta não é imediata.

No caso da organização da Festa da Diversidade, as interações no ciberespaço, podem se estabelecer de forma síncrona, pois a mediação pode ser imediata, através da ferramenta MSN¹⁶, onde os sujeitos estão presentes quase em tempo real, ou de forma assíncrona, quando os sujeitos envolvidos apenas recebem ou solicitam informações via comunidades virtuais da Festa ou apenas pesquisam as páginas destas comunidades.

Outro elemento importante do estudo dessa apropriação do ciberespaço como representações e extensões do espaço social dos atores é a percepção de quem são eles. Donath (2000, apud RECUERO, 2010, p. 29) aponta que grande parte do processo de sociabilidade está baseada nas impressões que os atores sociais percebem e constroem quando iniciam sua interação.

Essas impressões são em parte construídas pelos atores e em parte percebidas por eles (Goffman, 1975) como parte dos papéis sociais. Ribeiro (2005) defende que essas representações são possíveis graças à possibilidade de interação dos ambientes no ciberespaço. Através da comunicação entre os atores no ciberespaço, afirma o autor, é que a identidade desses é estabelecida e reconhecida pelos demais. (RECUERO, 2010, p. 29).

É através dessas impressões produzidas na interação dos ambientes do ciberespaço que a Festa da Diversidade também estabelece uma identificação e reconhecimento entre sujeitos LGBT's, ou seja, os atores nela envolvidos acabam por se reconhecer e identificar, fazendo com que os mesmo se interessem em deslocar-se para a cidade de Cruz Alta-RS e participar do evento.

¹⁶ MSN Messenger é um programa que permite conversas instantâneas entre usuários conectados à Internet em qualquer parte do mundo. O serviço é de propriedade da empresa Microsoft e foi lançado em 1999 e deixou de existir no ano de 2013.

A partir daqui, entender as redes sociais que se constituem como espaços de excelência nos quais se tecem táticas políticas de lideranças e de grupos comprometidos com as lutas de reconhecimento LGBT's é indispensáveis.

3.2 Sujeitos, poder e redes sociais

Na luta por transformações vários tem sido os aliados que contribuem para a formação de dinâmicas sócio/espaciais comprometidas com a luta de reconhecimento das sexualidades. E as redes sociais, tornam-se aliadas fundamentais para a produção de territorialidades, como os eventos culturais/políticos, os quais possibilitam a interação e transformação de sujeitos e lugares.

Através da Revolução Tecnológica passamos a viver uma cultura da virtualidade, onde se modificam os limites para o fluxo e contrafluxo de informações. Os projetos sociais não conformam mais um modelo estruturante de um todo social, mas se referem a projetos políticos tecidos no âmago da sociedade como ente cada vez mais complexo e diverso. Neste sentido, novas escalas de análise sócio-espaciais devem ser consideradas, como o micro espaço de ação imediata e as redes de comunicação que se tecem em novas condições espaciais, como a idéia do espaço virtual e das materialidades emergentes do meio técnico-científico-informacional.

E a expansão e consolidação do meio-técnico-científico-informacional como se refere SANTOS (1999) se estabelece pela disseminação de redes técnicas que produz o território, assim como o cotidiano (SANTOS, 1996), ou seja, “o saber” e o “fazer” cotidiano. Tal meio engessa e normatiza o cotidiano ditado pelo ordenamento imposto pela rede, mas, por outro lado, são pelas próprias redes técnicas normatizadoras que certos sujeitos podem dar vazão aos seus desejos e afetividades, assim como dinamizarem suas lutas de reconhecimento em uma sociedade excludente.

De acordo com Moreira (2007, p. 56) até o advento da primeira Revolução Industrial, no século XVIII, o mundo era composto por um conjunto de realidades

espaciais diversas, e as sociedades se distribuíam na infinita diversidade espacial dos gêneros de vida das civilizações. Desde então, a tecnologia industrial passa a intervir na distribuição, unificando em sua expansão área a área, um após outro esses antigos espaços. E a organização em rede vai mudando a forma e o conteúdo dos espaços.

Com o desenvolvimento dos meios de transferência (transporte, comunicações e transmissão de energia), característica essencial da organização espacial da sociedade moderna – uma sociedade umbilicalmente ligada à evolução da técnica, à aceleração das interligações e movimentação das pessoas, objetos e capitais sobre os territórios –, tem-se lugar à mudança, associada à rapidez do aumento da densidade e da escala da circulação. Esta seria a origem da sociedade em rede. (MOREIRA, 2007, p. 56).

Para Castells (1999, apud TRINDADE, 2009, p. 20) a rede seria um conjunto de nós interconectados, onde o nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta, ou seja, o que um nó é vai depender do tipo de redes que estejam sendo tratadas. Para Castells (1999, apud TRINDADE, 2009, p. 22), as redes são estruturas abertas capazes de expandirem-se de forma ilimitada, articulando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, quer dizer, desde que os mesmos códigos de comunicação sejam compartilhados.

Nos anos de 1970 já não se pode mais desconhecer a relação em rede, a qual foi articulando os diferentes lugares e agindo como uma nova forma de organização geográfica das sociedades, montando a arquitetura das conexões que dão suporte às relações avançadas da produção e do mercado. É quando junto à rede se descobre a globalização. Esse momento propiciou uma aceleração na organização do espaço, bem como a diminuição do tempo-espaço para a circulação de bens materiais e imateriais.

Como nos aponta Dias (1995, p. 147), “a rede aparece como instrumento que viabiliza exatamente duas estratégias: circular e comunicar”.

[...]: os fluxos de todo o tipo – das mercadorias às informações – pressupõem a existência das redes. A primeira propriedade das redes é a conectividade, os nós das redes são assim lugares de conexões, lugares de poder e de referência. (DIAS, 1995, p. 147-148).

Para Costa (2010, p. 214) o conceito de rede também se define pela necessidade de circular e comunicar, estabelecendo linhas de fluxo e nós. Para ele as redes seriam emaranhados de conexões, definidos por linhas de fluxos das mais diferentes ordens e espécies. Essas linhas de fluxo tenderiam a transpor as mais diversas barreiras, sejam elas naturais, políticas ou econômicas. Os nós das redes constituem as conexões dos objetos, informações ou pessoas que os fluxos transportam.

Nesse sentido que, conforme Haesbaert (1995 apud COSTA, 2010, p. 214) o nó é o elemento mais territorializado da rede.

As linhas de fluxo tendem a transportar, mover, desterritorializar o nó, ou seja, tendem a conformar territorialmente as decisões e os interesses que transportam as linhas das redes. Elas podem ter diferentes escalas. As redes geralmente são estudadas, hoje, pelas conexões mundiais das grandes empresas multinacionais, que tendem a mundializar sua produção e estabelecer nós de influência em diferentes e distantes localidades do mundo. No entanto, a rede pode ser entendida em diferentes formas, como a noção de rede hidrográfica e de coordenadas geográficas, assim como redes do cotidiano, ou seja, as trajetórias que as pessoas seguem no seu dia a dia, estabelecendo linhas de movimento e ambiente de parada, as linhas e os nós. (COSTA, 2010, p. 214).

Podemos dizer então que a cidade de Cruz Alta-RS, através dos sujeitos que movimentam as informações via rede, pode ser considerada esse nó mais territorializado. Também observamos que essa territorialização se define como ponto de convergência, ou seja, nó de uma diversidade de fluxos de interesses e necessidades identificatórias afetivas, relacionais ou estéticas. Essas territorializações estabelecem fugas da vida do trabalho, da escola, da moral e das

atividades institucionais, definindo a cidade como localidade de busca de prazeres, de sensações e de extravasamento das emoções.

Também é importante dizer que o estudo das redes, pela Geografia, foi tomado recentemente devido à necessidade de se compreender a organização espacial a partir da formação e territorialização no contexto da globalização.

O estudo dessa temática teve grande impulso na década de 60, quando estes conhecimentos foram abordados no contexto do surgimento da Nova Geografia. Entretanto, já no século XVIII, quando o capitalismo começa a desabrochar, surgiram os primeiros conhecimentos sobre redes, desenvolvidos por pessoas de negócio, principalmente. É importante destacar que os primeiros estudos sobre redes geográficas não foram desenvolvidos e discutidos no âmbito acadêmico. Nos estudos iniciais sobre redes no Brasil, destaca-se o papel de Pedro P. Geiger, Milton Santos e Roberto L. Corrêa. Estes autores desenvolveram e desenvolvem estudos no sentido de investigar as redes geográficas na fase atual do capitalismo, procurando compreender a questão a partir da perspectiva econômica, social, política e cultural que caracteriza a materialidade social. (FABRINI, 2000, p. 162).

E as relações sociais, produzidas em meio às redes, em si não são consideradas objetos da Geografia como nos coloca Fabrini (2000), mas são consideradas geográficas aquelas relações sociais que apresentam dimensão espacial, ou seja, assumem perspectiva de lugares. Segundo Corrêa (1997, p. 107), as redes podem ser consideradas como “um conjunto de localizações geográficas interconectadas entre si por um certo número de ligações representadas por fluxos e fixos e construída pelas ações humanas”.

Justamente neste ponto reforçamos que no caso da organização do movimento LGBT, em especial, para a convergência de outros nós (localidades), que a cidade de Cruz Alta-RS como território, assume essa perspectiva de rede interconectada com outras ligações que promovem suas relações sociais a partir de uma dimensão espacial.

Mas para que isso fosse possível, as espacialidades virtuais passam a criar redes de ação políticas objetivas, uma vez que os espaços de sociabilidade material em meio urbano (referente à pequena cidade) são mais restritos, ou seja, a conexão de várias cidades a partir de espacialidades virtuais permite assim, a construção de

táticas que organizam eventos concretos em diferentes cidades do interior, ou seja, fazem interagir sujeitos políticos.

Tendo isso presente, acrescentamos a contribuição de Milton Santos (1996, p.25 apud SILVEIRA, 2003, p. 03) quando, do ponto de vista da Geografia, destaca a técnica como o mais importante modo de relação entre homem e natureza, entre homem e o espaço geográfico. Nesse sentido, concordamos com o autor que afirma que as técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço. Assim, a rede “é também social e política, pelas pessoas, mensagens, valores que a freqüentam. (SANTOS, 1996, p.209)

Wellman (2002, p.2 apud RECUERO, 2010, p. 93) também explica que redes sociais complexas sempre existiram, mas os desenvolvimentos tecnológicos recentes permitiram sua emergência como uma forma dominante de organização social. Exatamente como uma rede de computadores conecta máquinas, uma rede social conecta pessoas, instituições e suporta redes sociais.

E nesta configuração de redes de interesses específicos de sociabilidade, em especial, das redes sociais, que a Festa da Diversidade passa a criar uma nova rede de interação regional, que liga agentes políticos e sujeitos comuns, fazendo transcender fluxos e polarizações urbanas clássicas, fazendo ligar cidades distantes pelos deslocamentos LGBT's que promovem.

3.2.1 As redes sociais e a conexão de sujeitos e agentes LGBT's

A espacialidade aqui denota um caráter virtual movimentado pela evolução do meio técnico-científico-informacional, acompanhado pelo processo de conexão das redes, que juntas conseguem interligar agentes e sujeitos de diferentes territórios na função de produzir, através da materialização de eventos, territorialidades específicas de exercício e reconhecimento da sexualidade LGBT.

Doimo (1995, p. 68) nos afirma que o uso da noção de “rede social”, ganha espaço no sentido de ser um instrumento para procurar, entre práticas não institucionalizadas e campos multicentrados, onde quer que possamos encontrá-los,

aqueles processos pelos quais indivíduos e grupos tentam mobilizar apoios para seus vários objetivos e, neste sentido, influenciar as atitudes e ações de seus seguidores.

Recuero (2010, p. 24), também aponta que uma rede social é definida como: “um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais) (Wasserman e Faust, 1994); Degenne e Forse, 1999)”. Uma rede, assim é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões.

Os atores são o primeiro elemento da rede social, representados pelos nós (ou nodos). Trata-se de pessoas envolvidas na rede que se analisa. Como partes do sistema, os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais. Quando se trabalha com redes na Internet, no entanto, os atores são constituídos de maneira um pouco diferenciada. Por causa do distanciamento entre os envolvidos na interação social, os atores não são imediatamente discerníveis. Assim, neste caso, trabalha-se com representações dos atores sociais, ou com construções identitárias do ciberespaço. Um ator, assim, pode ser representado por um perfil no Orkut. (RECUERO, 2010, p. 25)

É o caso da construção do ambiente virtual para a materialização da Festa da Diversidade. A rede social é a principal ferramenta de ligação e conexão com os atores/sujeitos/agentes da Festa e os nós que vão se interligar através da interação e da constituição de laços sociais.

Inicialmente, no ano de sua criação, em 2006, o evento criou um perfil no site Orkut¹⁷ para divulgar a festa, bem como, inscrever candidatos e candidatas para os concursos, ou seja, o perfil se tornou o ator (neste momento, como evidenciado no capítulo I, era monitorado por Everlei Martins) que possibilitou a construção de laços e a interação social de diferentes sujeitos e cidades do Rio Grande do Sul, e que

¹⁷ O Orkut (<http://www.orkut.com>) é um site de rede social propriamente dito que alcançou grande popularidade entre os internautas brasileiros. O sistema foi criado por Orkut *Buyukkokten*, nas horas vagas, enquanto o mesmo era aluno da Universidade de Stanford e funcionário do Google, no ano de 2001. Fonte: Recuero (2010, p. 166).

mais tarde agregariam outros atores, outras cidades que constituíram uma grande rede de interação.

De acordo do Recuero (2010, p. 40), existem dois tipos de laços sociais, que se resumem, em outros dois tipos de interação social. Para ela, os laços associativos, portanto, são compreendidos como laços construídos através da comunicação mediada pelo computador, mas, fundamentalmente, através da interação social reativa. Já os laços relacionais, são classificados como laços dialógicos, compreendidos principalmente através da interação social mútua.

| Tipos de laço | Tipo de interação | Exemplo |
|------------------|-------------------|--|
| Laço associativo | Interação reativa | Decidir ser amigo de alguém no Orkut, trocar links com alguém no fotolog, etc. |
| Laço dialógico | Interação mútua | Conversar com alguém através do MSN, trocar recados no Orkut, etc. |

Quadro 24 – Quadro ilustrativo das formas de Laços Sociais e Interações sociais - Fonte: Recuero (2010, p. 40).

Neste sentido, as interações promovidas através das redes sociais, específicas da Festa da Diversidade acabam produzindo, tanto laços associativos, quando simplesmente aceita atores como amigos do perfil, como laços dialógicos, pois através desta mesma rede possibilita a conversa, as negociações e as interações com os sujeitos e agentes que compõem a materialidade da Festa.

Outra importante contribuição da autora, para entendermos esse processo está na formatação de uma topologia das redes sociais. Segundo Recuero (2010),

os agrupamentos sociais, em espaço virtual, se constituem de uma estrutura específica que pode ser compreendida da seguinte forma:

Dissemos que redes são metáforas estruturais. Portanto, elas constituem-se em formas de analisar agrupamentos sociais também a partir de sua estrutura. Neste sentido, as redes sociais na Internet possuem também topologias, estruturas. Essas topologias são relacionadas às estruturas das redes sociais, ou seja, à estrutura construída através dos laços sociais estabelecidos pelos atores. (RECUERO, 2010, p. 56).

Estas redes sociais possuem três topologias básicas possíveis, a partir dos diagramas das redes de Paul Baran (1964, p. 02 apud RECUERO, 2010, p. 56): distribuída, centralizada e descentralizada.

A rede centralizada é, portanto, aquela onde um nó centraliza a maior parte das conexões. Para Baran (1964), essa rede tem formato de “estrela”. Já a rede descentralizada é aquela que possui vários centros, ou seja, a rede não é mantida conectada por um único nó, mas por um grupo pequeno de nós, conecta vários outros grupos. Finalmente, a rede distribuída é aquela onde todos os nós possuem mais ou menos a mesma quantidade de conexões e, como explica Franco (2008), por sua vez, aplica essa perspectiva para as redes sociais, discutindo como essas diferentes estruturas são capazes de alterar os fluxos de comunicação nas redes. (PAUL BARAN, 1964, p. 02 apud RECUERO, 2010, p. 57)

Se analisarmos a estrutura da topologia formada a partir da rede de interação da Festa da Diversidade, vamos perceber que existe um único nó que centraliza a maior parte das conexões. Ou seja, o ponto de referência para a convergência das cidades que compõem a Festa é a cidade de Cruz Alta-RS. Mas essa topologia, não impede que posteriormente, com a concretização dessas conexões, uma nova topologia surja, mais especificamente, uma rede distribuída, pois as cidades que aqui se juntam acabam tecendo outros laços sociais que mais tarde vão alterar o fluxo de comunicação nas redes.

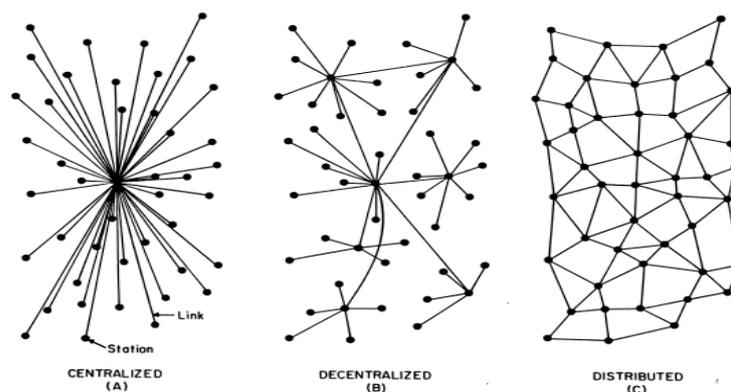


Figura 25 – Diagrama das Redes de Paul Baran (1964), a qual podemos visualizar tais topologias – Fonte: Recuero (2010, p. 56)

Neste momento é importante definirmos também que tipo rede social é estabelecida a partir das interações promovidas pela Festa. Para Recuero (2010), existem dois tipos de redes sociais na Internet: as redes emergentes e as redes de filiação ou redes de associação.

As redes sociais do tipo emergente são aquelas expressas a partir das interações entre os atores sociais. São redes cujas conexões entre os nós emergem através de trocas sociais realizadas pela interação social e pela conversação através da mediação do computador. [...] Esse tipo de interação proporcionaria a criação de laços sociais dialógicos, que, no decorrer do tempo, poderiam gerar laços mais fortes (Granovetter, 1973 e 1983). [...] Dizemos que é uma rede emergente porque ela é constantemente construída e reconstruída através das trocas sociais. [...] Redes de filiação são um tipo já abordado por alguns teóricos nas questões das redes sociais. Nas redes de filiação, há apenas um conjunto de atores, mas são *redes de dois modos* porque é estudado um conjunto de eventos aos quais um determinado ator pertence. Chama-se rede de dois modos porque são medidas duas variáveis: além dos atores-indivíduos são observados os eventos. Cada um desses eventos é, ainda, um elemento de conexão de um conjunto de atores. As redes de filiação seriam, assim, constituídas de dois tipos de nós: os atores e os grupos. Esses nós se relacionariam por conexões de pertencimento. [...] É o caso, por exemplo, das listas de “amigos” no Orkut, da lista de pessoas que alguém segue no Twitter, etc. (RECUERO, 2010, p. 94-95-97-98)

Mais uma vez percebe-se uma dualidade de definição na escolha do tipo de rede que a Festa da Diversidade pertence. Ela pode ser entendida como uma rede do tipo emergente cujas conexões entre os nós (cidades) e atores emergem através de trocas sociais, bem como a criação de laços sociais dialógicos que no futuro geraram laços mais fortes, e que são constantemente construídos e reconstruídos através das trocas sociais. Mas também podem ser entendidas como redes de filiação, pois existe um conjunto de atores e um conjunto de eventos dos quais, cada um deles, é um elemento de conexão de um conjunto de atores, que a partir desses nós despertam o sentimento de pertencimento a esse grupo e de reconhecimento, logo de filiação.

Outro fator apontado por Recuero (2010, p. 102) constitui num dos aspectos mais importantes para a compreensão das redes sociais, o estudo dos sites de redes sociais (SRSs). Para ela esses sites são a consequência da apropriação das ferramentas de comunicação mediadas pelo computador pelos atores sociais.

Sites de redes sociais foram definidos por Boyd & Ellison (2007) como aqueles sistemas que permitem i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator. [...] A grande diferença entre sites de redes sociais e outras formas de comunicação mediada pelo computador é o modo como permitem a visibilidade e a articulação das redes sociais, a manutenção dos laços sociais estabelecidos no espaço *off-line*. (RECUERO, 2010, p. 102)

E os sites utilizados pela Festa da Diversidade acabam permitindo essa visibilidade e articulação das redes sociais quando promovem a manutenção dos laços sociais estabelecidos no espaço *off-line*, ou seja, fora das redes virtuais. Os sujeitos e agentes que aderem ao perfil da Festa, criado nos sites de redes sociais, muitas vezes são pessoas já conhecidas de outros eventos, festas ou Paradas LGBT's fora do espaço on-line, que ocorrem em outras cidades do estado. Estes mesmo, depois acabam por compor a materializada efetiva da Festa. Atualmente, o

site utilizado para esse fim é o Facebook¹⁸ com a participação de mais de 3.500 participantes. O perfil do Orkut foi desativado no ano de 2012, com a participação de mais de 890 membros.

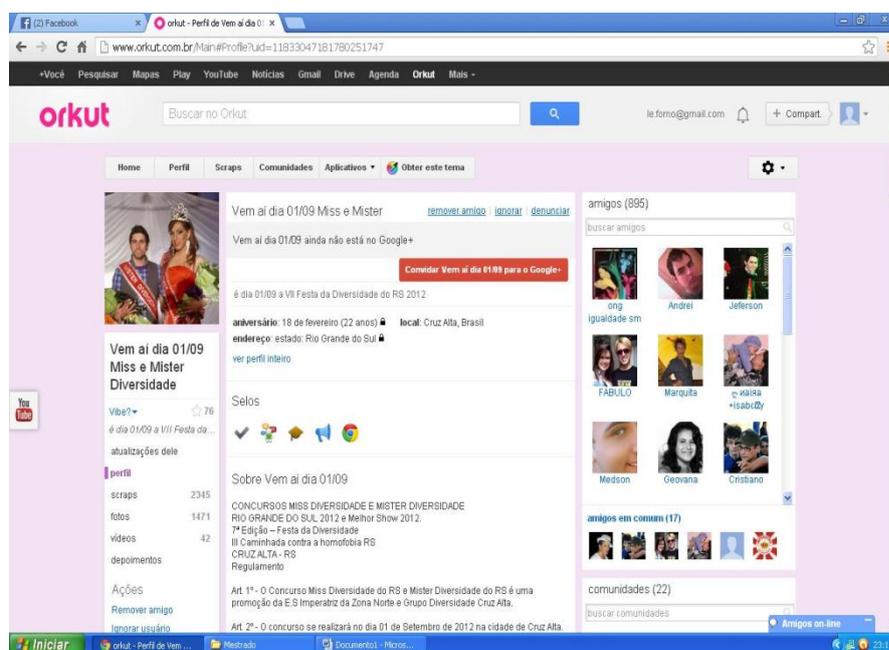


Figura 26 – Página do perfil no Orkut

No site do Orkut, o Grupo Diversidade criou o primeiro perfil social da Festa da Diversidade no ano de 2006, com o intuito de agregar o maior número possível de pessoas de diferentes lugares. Na página, os atores sociais envolvidos tornavam-se membros por algum tipo de afinidade, ou por se identificarem com a causa da página. Este perfil tornou-se na principal via de contato entre os candidatos e candidatas dos concursos realizados pela Festa.

Além disso, através do perfil os agentes políticos do movimento LGBT de outras cidades articulavam estratégias de ação voltadas para a materialização da Festa, ou seja, o movimento local mobilizava para a sua convergência em Cruz Alta-

¹⁸ O Facebook (originalmente, *thefacebook*) foi um sistema criado pelo americano *Mark Zuckerberg* enquanto este era aluno de *Harvard*. Lançado em 2004, o Facebook é hoje um dos sistemas com maior base de usuários no mundo. Fonte: Recuero (2010, p. 172).

RS, e posteriormente, o mesmo acontecia com os integrantes do Grupo Diversidade para a convergência nestas outras cidades.

Outro dado importante está na participação dos membros com comentários, depoimentos e mensagens, as quais sugerem alterações na organização da Festa, além de sugestões e críticas.

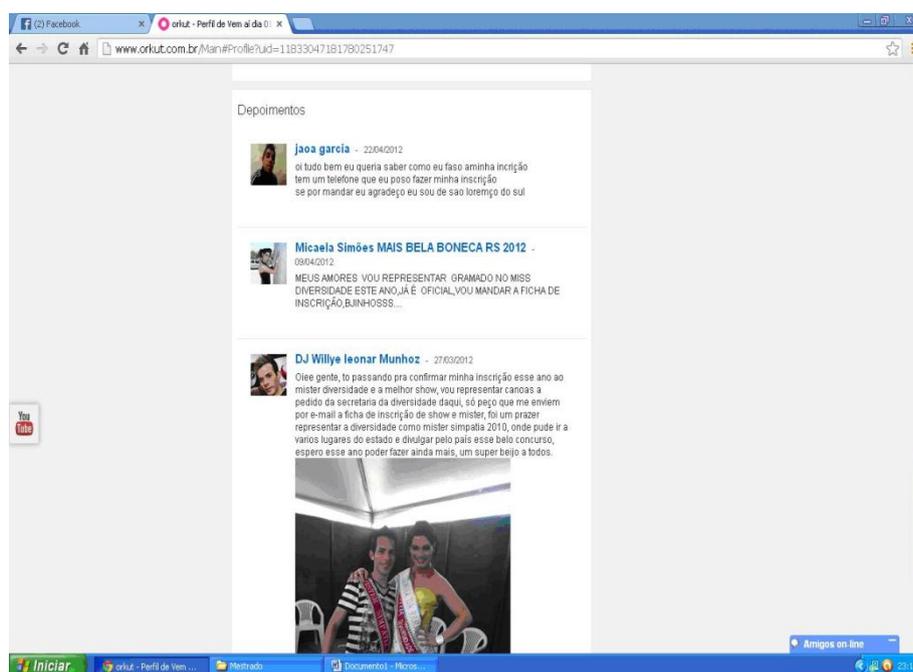


Figura 27 – Local de depoimentos no Orkut de candidatos e candidatas sobre o evento.

Após a realização da Festa, estas páginas também servem como vitrine para a publicação de fotos do evento. Momento em que outros sujeitos também possam observar e conferir a efetivação da Festa.

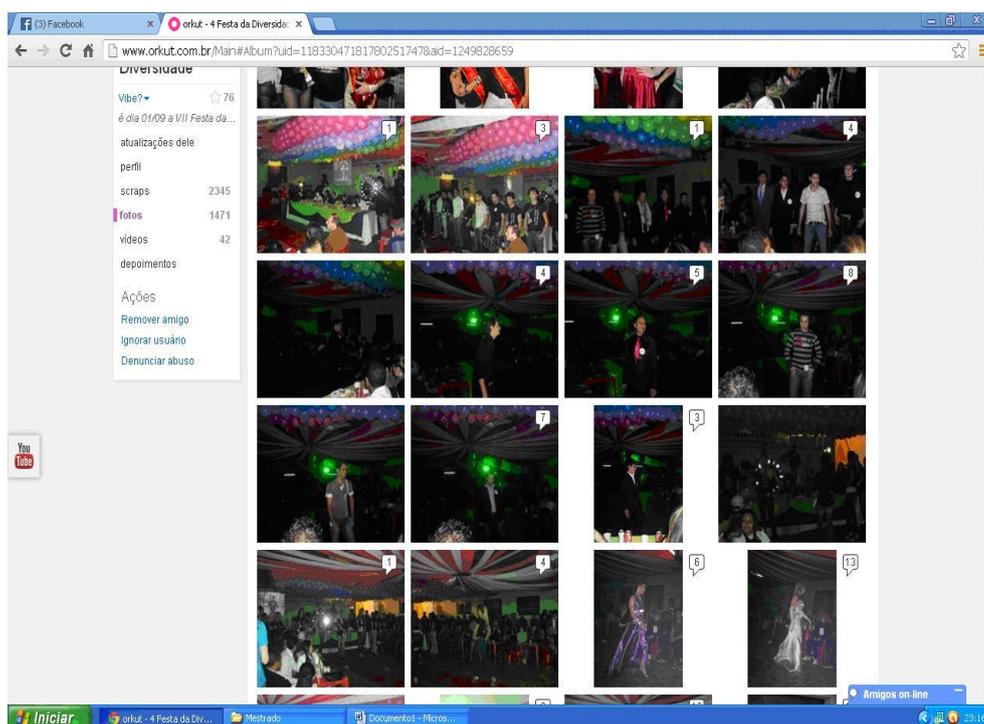


Figura 28 – Fotos da 4ª edição da Festa publicadas na página do Orkut.

No *Facebook*, a dinâmica de interação é quase a mesma que do site Orkut. Com um número maior de participantes, na base de 5.500 membros, o alcance e abrangência das relações sociais são maiores, o que garante uma convergência maior de sujeitos e atores para a materialização da Festa. Exemplo disso é a crescente participação de diversas cidades do estado.



Figura 29 – Página do perfil no site Facebook.

Nestas páginas, os membros também podem acessar as informações e ao mesmo tempo conversar on-line com o ator central, responsável pela atualização do perfil. Neste momento as interações são quase que em tempo real como vimos anteriormente, de forma síncrona. Geralmente, agentes e sujeitos solicitam informações sobre a Festa e os concursos. Todas as relações feitas, as negociações, geram discursos dos mais variados tipos, desde um simples agradecimento, até a articulação de atividades maiores de mobilização para a efetivação das políticas do movimento LGBT local e regional.

Também é importante ressaltar que estas páginas podem ser consideradas comunidade virtual. De acordo com Mark Smith (1999, apud RECUERO, 2010, p. 136) o ciberespaço está mudando a física social da vida humana, ampliando os tamanhos e poderes da interação social e essa percepção de mudança é o que norteia uma larga parte da discussão sobre o surgimento das comunidades virtuais como novas formas de grupos sociais, em parte estabelecidas no plano online, em parte, estabelecidas para o plano *off-line*.

Como exemplo, o Grupo Diversidade Cruz Alta que surge em um plano *off-line*, com características de agrupamento social de sujeitos orientados para o mesmo sexo, e que posteriormente, devido à emergência da Festa da Diversidade, passa a estabelecer-se num plano on-line, através de um novo contexto virtual.

Segundo Rheingold (1995, p. 20 apud RECUERO, 2010, p. 137) as comunidades virtuais são agregados sociais que surgem da Rede (Internet), quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço. Para Lemos (2002, apud COSTA, 2008, p. 91) as comunidades virtuais são aquelas onde existe, por parte de seus membros, o sentimento expresso de uma afinidade subjetiva delimitada por um território simbólico, cujo compartilhamento de emoções e troca de experiências pessoais são fundamentais para a coesão do grupo.

Recuero (2010, p. 144) também afirma que o conceito de comunidade na rede social seria mais apropriado porque permite o alargamento geográfico dos laços sociais. Além disso, a metáfora da rede também é importantíssima porque enfatiza a estrutura da rede, que é onde será encontrada a comunidade virtual. Assim, o território da comunidade pode estar associado com algum espaço institucionalizado no próprio espaço virtual ou mesmo restrito a um elemento de identificação.

Nussbaumer (2008) também observa que através do compartilhamento de informações, do apoio mútuo, da política afirmativa que caracteriza as comunidades virtuais, em especial as gays, ao lado de uma maior problematização das representações anteriormente construídas a respeito do universo homossexual, os membros de comunidades virtuais gays atenuam o estigma que socialmente os exclui e descobrem modos de viver suas orientações sexuais com mais tranquilidade, às vezes em plenitude.

A vivência comunitária possibilita que se coloquem uns no lugar dos outros, não apenas metaforicamente, mas efetivamente, o que contribui para que se relacionem diferentemente consigo mesmos, com os outros e com a sociedade de modo geral. Essas comunidades são formas de resistência à lógica heteronormativa, mas formas de resistência que se apresentam diferencialmente, conforme as características de cada comunidade, que se articulam a partir do ciberespaço e repercutem de forma incisiva fora dele,

como demonstraram as vivências reconstituídas no decorrer dessa tese. (NUSSBAUMER, 2008, p. 228).

Portanto, pode-se reafirmar que, com a apropriação social das tecnologias de comunicação virtual, vêm se construindo, no ciberespaço, comunidades capazes de possibilitar modos alternativos de viver as orientações sexuais e a diversidade na contemporaneidade, em consonância com os valores e as práticas sociais que são peculiares ao nosso tempo.

Embora os sites de redes sociais atuem como suporte para as interações que constituirão as redes sociais, eles não são, por si, redes sociais. Eles podem apresentá-las, auxiliar a percebê-las, mas é importante salientar que são, em si, apenas sistemas, mas que são os atores sociais, que utilizam essas redes, que constituem essas redes. (RECUERO, 2010, p. 103),

As redes sociais são fundamentais para a emergência de um processo de construção de relações que possibilitem a materialização de territorialidades de reconhecimento de grupo, sujeitos e atores LGBT's. Sem as redes sociais, seria quase que impossível materializar a Festa da Diversidade, e tornar a cidade de Cruz Alta-RS num território com a abrangência e conexão de nós que ela promove.

3.3 A configuração de redes locacionais e sua convergência para Cruz Alta-RS.

A necessidade da utilização das redes técnicas, através das redes sociais para a disseminação e mobilização dos sujeitos que compõem a Festa da Diversidade, torna-se o ponto “chave” para compreendermos o processo de efetivação da rede e das tramas relacionais para a materialização dessa territorialidade de pessoas que vivenciam sexualidades dissidentes da heteronormativa.

Por ser um evento que abrange várias cidades do Estado, a comunicação realizada através das redes virtuais, proporciona o entrelaçamento de determinados territórios e seus sujeitos, resultando na composição do evento e na construção de um ambiente virtual, no qual, as redes sociais são fundamentais para a organização e expansão da Festa da Diversidade.

Como exemplo disso, e para melhor compreendermos esse processo de composição da Rede formada a partir das redes sociais de interação, vamos analisar a topologia formada a partir das cidades participantes da Festa da Diversidade no ano de 2012. Alvorada, Barra do Quaraí, Bento Gonçalves, Cachoeira do Sul, Canoas, Caxias do Sul, Cruz Alta, Estrela, Esteio, Erechim, Giruá, Gramado, Ijuí, Itaara, Lajeado, Livramento, Nova Petrópolis, Novo Hamburgo, Panambi, Porto Alegre, Rio Grande, Santo Ângelo, Sapucaia do Sul, Santa Maria, São Leopoldo, São Borja, São Luiz Gonzaga, Tramandaí, Veranópolis e Viamão foram as cidades participantes da 7ª edição do evento.

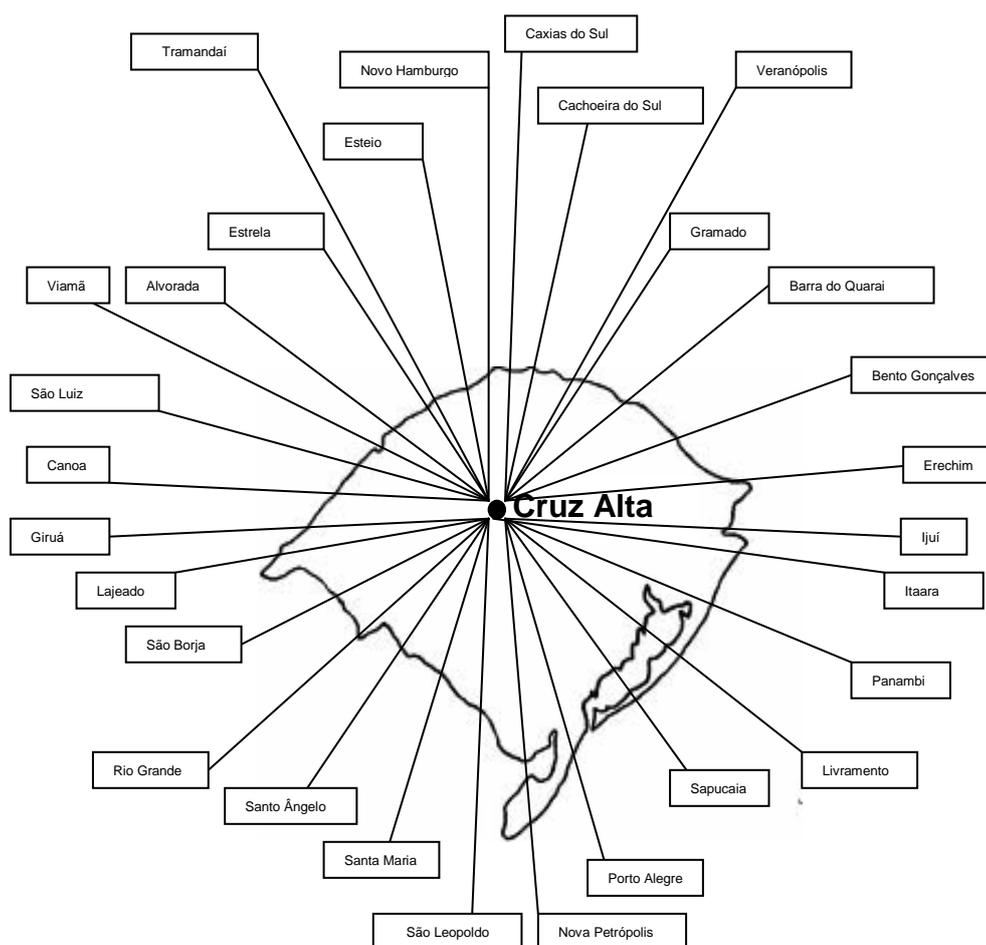


Figura 30 – Diagrama da topologia da rede formadas pelas cidades que compõem a Festa da Diversidade.

Como podemos observar no diagrama, Cruz Alta se torna o ponto central de convergência das diferentes cidades do Rio Grande do Sul. Todas elas foram articuladas através das redes sociais, num processo de interação social com os agentes e sujeitos destas cidades que ao acessarem as páginas dos sites da Festa, mantiveram contato com os coordenadores e estabeleceram uma relação e um laço determinante na materialização de uma territorialidade das tramas de pessoas orientadas para o mesmo sexo e de reconhecimento de sua sexualidade, bem como de um movimento de transformação dos sujeitos sociais na construção das táticas para desconstrução de uma sociedade puramente heteronormativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação de mestrado procurou compreender como a “Festa da Diversidade” constitui territórios de exercício da sexualidade LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros, e de reconhecimento social na cidade de Cruz Alta-RS.

E para entendermos melhor esse processo foi preciso aproximar-se das contribuições que a Geografia vem trazendo para a sociedade, as quais são resultados das intensas discussões e debates que marcaram uma revisão de seus paradigmas e conceitos, demonstrando que à ciência geográfica vem passando por diversas críticas e transformações, advindas de abordagens científicas desafiadoras, como a sexualidade.

E no processo de construção da pesquisa foi fundamental a identificação dos sujeitos envolvidos, através das histórias de vida de cada um deles. Essas histórias estão imbricadas numa construção de relações afetivas e de amizades que consolidaram num movimento importante de transformação da forma de ver e pensar as causas LGBT's na cidade de Cruz Alta-RS. Essas experiências, construídas a partir de um conjunto de relações espaço-temporais, os colocaram como protagonistas na consolidação do movimento LGBT local e regional, pois todas as experiências levaram a criação do evento “Festa da Diversidade”.

A história de formação da cidade de Cruz Alta-RS, também nos apresentou o quanto foi difícil a consolidação e expansão do movimento LGBT local, evidenciada na segregação espacial e cultural, da qual resultou na produção de territorialidades específicas de reconhecimento de sujeitos orientados para o mesmo sexo. O surgimento do Grupo Diversidade Cruz Alta, também tem um significado importante para a inserção e expansão do movimento social local, pois, através dele, criaram-se relações permanentes de diálogo com outras instituições de apoio e formação da militância, e na mobilização e luta pelos direitos dos LGBT's. Ou seja, torna-se fundamental a criação e manutenção de movimentos sociais, os quais são considerados como agrupamentos de pessoas que agem coletivamente, realizando parcerias e alianças, abrindo diálogos e negociações, como processos articulados para conquistas de direitos e exercício da cidadania.

Observamos também, que a luta pelo reconhecimento dos sujeitos LGBT's vem se modificando e se articulando com as estruturas sociais vigentes, numa tentativa de acompanhar esse processo de amadurecimento. Para exercerem sua sexualidade foi necessário criar ou ocupar territórios alternativos, fruto da ocorrência de diversos fatores como a opressão, a discriminação e o preconceito. Estes territórios devem ser considerados espaços de resistência e enfrentamento, os quais possibilitaram a visibilidade e reconhecimento social das causas LGBT's.

Também compreendemos que a "Festa da Diversidade", passa a ser a materialidade do movimento que só foi possível pela presença de sujeitos e agentes que nela se interligaram, constituindo-se numa territorialidade de resistência, enfrentamento e reconhecimento.

A Festa também passa a resultado ainda não acabado, de todas as relações construídas entre os sujeitos que produzem o movimento social local, e que têm nas suas histórias de vida componentes e fatores que os levaram a estabelecer um conjunto de atividades que deram visibilidade às questões da sexualidade, contribuído possivelmente, para a desconstrução de sociedade heteronormativa. A "Festa da Diversidade" é, portanto, produto final de um emaranhado de ligações e pontos entre sujeitos que juntos teceram táticas político/culturais para exercerem suas sexualidades, bem como dar visibilidade para a luta que o movimento vem desenvolvendo na cidade de Cruz Alta-RS.

Avaliamos ainda, a importância da construção de espaços de sociabilidade virtual para a efetivação material do evento. Este processo de apropriação do ciberespaço caracteriza a forma pelas quais as relações sociais da Festa da Diversidade acontecem e se materializam. E as redes sociais foram indispensáveis neste processo de territorialização das tramas relacionais e locais produzidas a partir da Festa. Através delas, verificamos que os sujeitos puderam construir suas relações que resultaram na materialização de uma territorialidade de reconhecimento de grupos, sujeitos e atores LGBT's. Sem as redes sociais, seria quase que impossível materializar a Festa da Diversidade, com a abrangência e conexão de nós que ela promove, bem como, tornar a cidade de Cruz Alta-RS num território de exercício e reconhecimento das sexualidades LGBT's.

Logo, não é o evento em si que se territorializa, mas o evento é a forma com que sujeitos que vivem sexualidades dissidentes da heteronormatividade se

apropriam de espaços urbanos, tornando tal espaço apropriado em território. É o evento que permite a territorialização de sujeitos.

E para a Geografia, novos desafios vão surgir trazendo novas reflexões, o que irá exigir um esforço ampliado da ciência geográfica, em decorrência destas radicais transformações ocorridas na organização do espaço, as quais têm interferindo na sociedade, provocaram mudanças significativas não só nos lugares, mas também nos sujeitos, que passaram a contar, cada vez mais intensamente, com a influência de determinados processos e conteúdos que possibilitaram a retomada de discussões acerca da formação da sociedade contemporânea.

Desta forma, este trabalho deixa uma pequena contribuição para o incentivo de novas pesquisas no campo da sexualidade e da Geografia *Queer*, despertando atitudes reflexivas em relação ao modo de produzir e pensar a ciência, e subverter o poder instituído, que naturaliza as injustiças cotidianas provocadas pela ordem compulsória da sociedade heteronormativa.

Enfim, este trabalho é o início de uma busca incessante para construirmos uma nova Geografia sobre os fluxos de interações sociais baseadas nas afetividades e nas (micro) políticas LGBT's. Isto nos permitirá contribuir as novas abordagem de pesquisa em Geografia e assim dar maior amplitude de ação de nossa ciência, fazendo desconstruir e reconstruir categoriais e estratégias metodológicas, assim como adentrar a campos sociais tidos, até pouco tempo, como transgressores e divergentes dos projetos sociais comuns. Isto promoverá ao "olhar" geográfico uma maior capacidade de adentrar as invisibilidades contidas no social, sendo assim, contribuiremos a uma ciência menos preconceituosa e mais cidadã.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1997.
- BARRETO, R. C. V. **Nas fronteiras do arco-íris:** territórios desociabilidade gay no Rio de Janeiro – RJ. In: Encontro Nacional dos Geógrafos. Crise, práxis e autonomia: espaço de resistência e de esperanças, 16., 2010, Porto Alegre. Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos, 2010, p. 01-11.
- _____. **Diversidade e Preconceito:** Identidade Homossexual em Ipanema – RJ. Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 16., 2008, Minas Gerais. Anais XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, p. 01-16, 2008.
- BUTLER, J. **Bodies that matter:** On the discursive limits of “sex”. Nova York e Londres: Routledge, 1993.
- _____. Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CALDAS, A. L. **Oralidade, texto e história: para ler a História Oral.** São Paulo: Loyola, 1999.
- CASTELLS, M. **Movimientos sociales urbanos.** Madri: Siglo XXI, 1974.
- CASTRO, M. G. **Família, gênero e trabalho:** o caso de mulheres chefes de família no Brasil. 1989. 475 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade da Florida, Gainesville, 1989.
- CAVALARI, R. V. In: Site de Pesquisa Wikipédia. 2013. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Cruz_Alta_\(Rio_Grande_do_Sul\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cruz_Alta_(Rio_Grande_do_Sul))>. Acesso em: 19 ago. 2013.
- CORRÊA, R. L. **Trajatórias Geográficas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- COSTA, B. P. **A condição homossexual e a emergência de territorializações.** 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2002.

_____. **Por uma geografia do cotidiano:** território, cultura e homoerotismo na cidade. 2007. 361 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

_____. **Geografias das interações culturais no espaço urbano:** o caso das territorializações das relações homoeróticas e/ou homoafetivas. Revista Latino americana de Geografia e Gênero. Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 207-224, ago./dez. 2010.

_____. Microterritorializações urbanas: análise das microapropriações espaciais de agregados sociais de indivíduos Same Sex Oriented em Porto Alegre/RS. HEIDRICH, A. L. (Org). **A emergência da multiterritorialidade:** a resignificação da relação do humano com o espaço. Canoas: Ed. Ulbra; Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

_____. Espaço Urbano, Cotidiano, Cultura e Espaços de Proximidade: o caso das microterritorializações de sujeitos orientados para o mesmo sexo. RIBEIRO, M. A.; OLIVEIRA, R. (Org). **Território, sexo e prazer.** Rio de Janeiro: Gramma, 2011.

COSTA, V. T. **As representações da homossexualidade feminina na esfera pública virtual.** 2008. 180 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

COSTA, D. A. S. **Geografia das (Micro)territorializações culturais nas Praças do Centro Urbano de Manaus.** Revista do Núcleo de Estudo em Espaço e Representações – NEER, Salvador, 2008. Disponível em: <<http://www.neer.com.br>>. Acesso em: 28 de ago. 2013.

DA MATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis:** para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DIAS, L. C. Redes: emergência e organização. In: CASTRO, I. E. et al. (Orgs.). **Geografia Conceitos e Temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 141-162.

DOIMO, A. M. A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Anpocs, 1995.

ESCOBAR, A. Actores, redes e novos produtores de conhecimento: os movimentos sociais e a transição paradigmática nas ciências. In: SANTOS, B. S. **Conhecimento**

prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FABRINI, J. E. **Rede e localidade central:** O MST no noroeste do Paraná. REVISTA DO DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS. Londrina: UEL. v. 9, n. 2, jul./dez. 2000.

FACCHINI, R. **Sopa de letrinhas?** Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FERRARI, A. **Revisando o passado e construindo o presente:** o movimento gay como espaço educativo. REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. Juiz de Fora: UFJF, 2003.

FERREIRA, E. Questões de Gênero e Orientação Sexual em Espaço Escolar. **Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras.** SILVA, J. M.; SILVA, A. C. P. (Org). Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.

FRAGOSO, S.; REBS, R. R.; BARTH, D. L. **Territorialidades virtuais:** Identidade, posse e pertencimento em ambientes multiusuário on-line. In: Encontro da Compôs. 14., 2010, Rio de Janeiro. Anais da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2010.

GAUTERIO, M. W. **A dimensão territorial das Comunidades Virtuais:** o Cais do Porto da Ilha Brasil Porto Alegre do Second Life. 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2008.

GATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica:** Cartografias do Desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOHN, M. G. **Movimentos e lutas sociais na história do Brasil.** São Paulo: Loyola, 1995.

_____. **Teoria dos Movimentos Sociais:** paradigmas clássicos e contemporâneos. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

GUSMÃO, D. I. **Entre Mundos**: História Oral com soldados da borracha. 2008. 169 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Rondônia, Rondônia, 2008.

HAESBAERT, R. **Desterritorialização**: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, Iná Elias de et al. (org.). Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. **O mito da desterritorialização**: o fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Da desterritorialização à multiterritorialidade**. In: Encontro de Geógrafos da América Latina. 5., 2005, São Paulo. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. Universidade de São Paulo, 2005.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural e Diáspora**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 24. Rio de Janeiro, IPHAN, p.68-75, 1996.

HOUTART, F. **Os movimentos sociais e a construção de um novo sujeito histórico**. In: A teoria marxista hoje. Problemas e perspectivas. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/campus/marxispt/cap.20.doc>. Acesso em: 04 de julho 2012.

JESUS, T. S. A. **A linguagem do corpo no ritual carnavalesco do sul do Brasil**. 2009. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina – Palhoça, 2009.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 2000.

KNOPP, Larry. **On the Relationship Between Queer and Feminist Geographies**. The Professional Geographer, v. 59, p. 47-55, 2007.

MACDOWELL, P. L. Geographers and sexual difference: feminist contributions. In: JOHNSTON, Ron; WILLIAMS, Michael. A century of British Geography. New York: Oxford University Press, 2003, p. 603-623.

_____. **Geografia do gênero**: do (não) lugar de travestis e outros abjetos na cidade. Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 16., 2008, Minas Gerais. Anais XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2008, p. 01-14.

MACRAE, E. **Em defesa do gueto**. In: GREEN, J. N.; TRINDADE, R. (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros estudos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MATURANA, H. R. **Biologie der Realität**. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1998.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____. **Canto de Morte Kaiowá: História Oral de Vida**. Loyola, São Paulo, 1991.

MONK, J. Colocando Gênero na Geografia: política e prioridades. **Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras**. SILVA, J. M.; SILVA, A. C. P. (Org). Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.

MOREIRA, R. **Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo**. Revista Eletrônica de Ciências Humanas e Sociais, n. 1. v. 1. Disponível em: <<http://www.uff.br/etc>>. Acesso em: 01 jun. 2012.

NUSSBAUMER, G. M. **Identidade e sociabilidade em comunidades virtuais gays**. Revista Baoas, Salvador: UFB, n. 2, p. 211-230, 2008.

ORNAT, M. J. **Sobre espaço e gênero, sexualidade e Geografia Feminista**. Revista Terra Plural, Ponta Grossa: UEPG, n. 2, p. 309-322, 2008.

PARKER, R. **Abaixo do Equador**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PASSAMANI, G. R. **O arco-íris (des)coberto**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009.

PORTELLI, A. **O que faz a História Oral diferente**. Revista Projeto História, São Paulo: n. 14, p. 25-29, 1997.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SALVI, R. F. **A questão pós-moderna e a Geografia**. Revista do Departamento de Geociências. Londrina: UEL, v. 9, n. 2. Jul./Dez. 2000.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

_____. **Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial**. Revista Território, v. 4, n. 6, Jan./Jun. 1999.

SCHERER-WARREN, I. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

SILVA, J. M. **Cultura e territorialidades urbanas: uma abordagem da pequena cidade**. Revista de História Regional. Ponta Grossa: UEPG, v. 5, p. 9-37. 2000.

_____. **Geografias Feministas, Sexualidade e Corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica**. Revista Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: UERJ, v. 27, p. 39 - 55, Jan./Jun. 2010. Disponível em: <http://www.nepec.com.br/JOSELI%20MARIA_esp%C3%A7o_e_cultura27.pdf> Acesso em: 09 maio 2012.

_____. Os desafios para a expansão da Geografia das Sexualidades no Brasil e os limites do diálogo científico internacional. **Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras**. SILVA, J. M.; SILVA, A. C. P. (Org). Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.

SILVEIRA, R. L. L. **Redes e território: uma breve contribuição geográfica ao debate sobre a relação sociedade e tecnologia**. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, v. 13, n. 451, 2003.

SOUZA, M. L. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: CASTRO, I. E. et al. (Orgs.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

TUCKER, A. **Queer visibilities: space, identity and interaction in Cape Town**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

TURKLE, S. **A vida no ecrã**. A identidade na era da Internet. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

TRINDADE, G. A. **Globalização, redes e relação mundo-lugar**: insistindo em um debate ainda não esgotado na geografia. Revista Geonordeste. Sergipe: UFS, n. 2, p. 15-35, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. Estrutura e apresentação de monografias, dissertações e teses: MDT. 7. ed. Santa Maria: Editora da UFSM, 2010.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

VIEIRA, P. J. Cidades e (Homo)sexualidades: Herotopias e constelações Lésbicas e Gays em Espaços Urbanos. **Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras**. SILVA, J. M.; SILVA, A. C. P. (Org). Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.